THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ9697
Book .G96F5

8092
7237

# FLORINAS

POR

## LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER
LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO
69, Rua do Ouvidor, 69

# Obras que se achão á venda na mesma Livraria:

### J. M. de Macedo

Os Quatro Pontos Cardeaes. — A Mysteriosa. Romances. 1 grosso vol. in-8º, enc. 3$000, br..... 2$500

Um noivo á duas noivas, romance. 3 v. in-8º br. 6$, enc.... 8$000

A Namoradeira, romance, 3 vol. br. 6$000, enc..... 8$000

Nina, romance, 2 vol. br. 4$000, enc..... 5$000

As Mulheres de Mantilha, romance historico, 2 v. br. 4$000, enc..... 5$000

A Luneta Magica, romance. 2 v. in-8º br. 4$000, enc..... 5$000

As Victimas Algozes, quadros da escravidão. 2 vol. broch. 5$000, enc..... 7$000

A Moreninha. 1 v. com estampas, enc..... 3$000

A Nebulosa. 1 v. enc..... 3$500

Culto do Dever. 1 v. enc. 3$000

Memorias de um Sobrinho de meu Tio. 2 v. enc..... 5$000

Moço Loiro. 2 v. enc.... 5$000

Os Dous Amores. 2 v. enc.. 5$000

Romance da semana. 1 volume enc..... 3$000

Rosa. 2 v. enc..... 5$000

Vicentina, 3ª edição. 3 vol. broch. 5$000, enc..... 7$000

Theatro completo. 3 v. br. 9$000 enc..... 12$000

Luxo e Vaidade, Primo da California, Amor e Patria, comedias, 1 v. in-8º br..... 2$000

Lusbella, comedia. 1 vol. in-8º broch..... 1$500

Fantasma Branco, comedia. 1 v. in-8º br..... 1$500

Novo Othello, comedia. 1 vol. in-8º br..... 500

O Primo da California, comedia. 1 v. in-8 br..... 1$000

O Forasteiro, romance brasileiro, 2ª edição. 4 v. in-8º, enc. 10$000 broch. 8$000 (no prélo).

### Rozendo Moniz

Favos e Travos, romance. 1 v. br. 2$, enc..... 3$000

### J. de Alencar

Til, romance brasileiro. 4 v. enc. 6$000, br..... 4$000

Iracema, lenda do Ceará, 2ª edição. 2 v. br. 2$, enc.... 3$000

Viuvinha e os Cinco Minutos, 2ª edição. 1 v. br. 2$, enc. 3$000

O Guarany, 3 edição, 2 v. in-4º encadernados..... 10$000

As Minas de Prata, rom. historico, complemento do precedente. 6 v. in-8 br. 12$, enc..... 16$00

O Demonio Familiar, comedia em 4 actos, 2ª edição. 1 v... 1$500

A Mãi, drama em 4 actos, 2ª edição. 1 v..... 2$000

Verso e Reverso, comedia em 2 actos, 2ª edição. 1 v.... 1$000

As Azas de um Anjo, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo. 2ª edição. 1 v..... 2$000

### Senio

O Gaucho, romance brasileiro. 2 v. in-8º br. 4$000, enc..... 6$000

Pata da Gazella, romance brasileiro. 1 v. in-8 br. 2$000, encadernado..... 3$000

O Tronco do Ipê, romance brasileiro. 2 v. in-8 br. 4$000, enc. 6$000

Sonhos d'oiro, romance brasileiro, 2 v. in-8º, enc. 6$, br... 4$000

### G. M.

Diva, *perfil de mulher*, 2ª edição. 4 v. enc..... 3$000

Luciola, *perfil de mulher*, 3ª ed. 1 v. enc..... 3$000

### Guimarães Junior

Historia para a gente alegre. 2 v. in-8 br. 4$, enc..... 5$000

Curvas e Zig-zags, *caprichos humoristicos*, 1 vol. encad. 3$000, broch..... 2$000

Contos sem pretenção. 1 v. in-8º enc. 3$000, br..... 2$000

Filagranas. 1 v. in-8º, enc. 3$, br..... 2$000

Carlos Gomes, perfil biographico. 1 v. in-4º br..... 1$000

# FILAGRANAS

# Obras que se achão á venda na mesma Livraria :

## L. Guimarães Junior

HISTORIA PARA GENTE ALEGRE. 2 v. in-8º enc. 5$, br.. 4$000
CURVAS E ZIG-ZAGS. *Caprichos humoristicos.* 1 v. in-8º br. 2$000, enc..... 3$000
CONTOS SEM PRETENÇÃO. A Alma do outro Mundo, o Ultimo Concerto, o Homem e o Cão. 1 v. in-8º enc. 3$000, br. 2$000
CARLOS GOMES, Perfil biographico. 1 v. in-4º br..... 1$000

## J. de Alencar

TIL, romance brasileiro, 4 v. in-16, br. 4$000, enc. 6$000
IRACEMA, lenda do Ceará, 2ª edição. 2 v. br. 2$000, enc. 3$000
VIUVINHA e os Cinco Minutos, 2ª edição. 1 vol. broch. 2$000 enc..... 3$000
O GUARANY, 3ª edição, 2 v. in-4º, encadernados.... 10$000
AS MINAS DE PRATA, romance historico, complemento do precedente. 6 v. in-8, br. 12$000, encadernado ..... 16$000
O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª edição. 1 v. 1$50,
AS AZAS DE UM ANJO, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo 2ª edição. 1 v..... 2$000
A MAI, drama em 4 actos, 2ª edição. 1 v..... 2$000
VERSO E REVERSO, comedia em 2 actos, 2ª edição. 1 v. 1$000

## Senio

O GAUCHO. romance brasileiro. 2 v. in-8 br. 4$, enc.. 6$000
PATA DE GAZELLA. romance brasileiro. 1 v. in-8 br. 2$000, enc..... 3$000
O TRONCO DO IPÊ. romance brasileiro. 2 v. in-8 br. 4$000, enc..... 6$000
SONHOS D'OIRO, romance brasileiro. 2 v. in-8º enc. 6$000 br..... 4$000

## G. M.

DIVA, *perfil de mulher*. 2ª edição. 1 v. enc..... 3$000
LUCIOLA, *perfil de mulher*. 3ª edição. 1 v. enc..... 3$000

## Moreira de Azevedo

MOSAICO BRASILEIRO, ou collecção de ditos, respostas, pensamentos, epigrammas, poesias, anedoctas, curiosidades e factos historicos de brasileiros illustres. 1 v. in-8º enc..... 3$000
CRIMINOSOS CELEBRES. Episodios historicos. Pedro Hespanhol, Vasco de Moraes, Os Salteadores da Caqueirada. 1 v. in-8º enc. 3$000, br..... 2$000
OS FRANCEZES NO RIO DE JANEIRO, romance historico. 1 v. in-8º br ..... 2$000
LOURENÇO DE MENDONÇA, romance historico. 1 v. br.. 2$000

---

Typ. FRANCO-AMERICANA, r. d'Ajuda 18.

# FILAGRANAS

POR

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER
LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO
69, Rua do Ouvidor, 69

<1872>

PQ9697
.G96F5

387270
'29

AMK 16 N 33
Recat. AMK 1 8 36

## A José Maria da Silva Paranhos Junior

Permitta-me, meu distincto amigo, que lhe offereça estas paginas ligeiras, desambiciosas, ephemeras, genuina bagagem de folhetinista nas viagens do capricho e da mocidade!

Ha lagrimas ahi e sorrisos entrelaçados. Rir e chorar! Não estarão symbolisados n'essas duas palavras toda a philosophia e todos os romances da vida?

Sem premeditação, sem orgulho, sem estudo, foram traçados, um por um, os capitulos do livro, que vai correr mundo, guiado pelo seu nome. Oxalá consiga eu por muito tempo ainda archivar os pensamentos e as idéas fugitivas, que me

revoam em torno, como um adorado enchame de borboletas e flores!

Acceite o livro e creia no desinteresse de quem lh'o offerta. É uma lembrança da mocidade, apenas; é antes, um bom aperto de mão, um estreito abraço, em que entra minha alma com todas as suas sinceras expansões.

O seu caracter e o meu, andam a salvo, mercê de Deus, da menor suspeita. Trata-se de dous moços, outr'ora companheiros, amigos sempre, dos quaes um deve ao outro, e lisongeio-me por declaral-o! a mais independente sympathia e a mais nobre e confessavel de todas as gratidões.

Rio. — Agosto de 1872.

Luiz Guimarães Junior.

# A QUEM LER

Este livro, irmão gemeo das *Curvas* e *Zig-Zags*, (tão generosamente recebido pela imprensa e pelo publico) está destinado a ser o ultimo producto da musa inconsistente, banal e caprichosa do folhetim, de tão pouco valor realmente, no erario da verdadeira litteratura patria. O author, porém, sentia urgente necessidade de proporcionar ás *Curvas e Zig-Zags* um companheiro em pensamento e em feitio; o seu espirito naturalmente affeito a este genero de escriptos, não estava disposto a votar-se ainda ao commettimento de trabalhos serios, e entre um passeio e uma conversa, entre uma pagina de Alencar e a leitura d'um discurso de Thiers, foram se formando estas paginas

fugitivas, que durarão, se durarem! o curto espaço d'uma viagem em trem de ferro, a todo o vapor, por montes e por valles, cujo unico vestigio, — a fumaça, — desapparece veloz na aza dos ventos imparciaes!

O author não ousa pretender, com a publicação das *Filagranas*, um logar no Instituto, ou uma remuneração imperial.

Quer apenas que se acredite na sinceridade, na desambição, na espontaneidade, com que o humilissimo escriptor d'estas linhas passou ainda uma vez para o papel os innocentes caprichos do seu coração, e as inexgotaveis chimeras de sua alma. É-lhe a litteratura o paraiso terrestre, e se o folhetim lhe foi encantador e perigoso como o fructo prohibido, o author toma a liberdade de condemnar o publico e a critica, que não o arredaram de tão feio peccado, forçando-o mesmo á reincidencia, como se vê presentemente com a publicação das *Filagranas*.

O que, porém, lhe serve de consolação, é que

o ramo a que estão filliadas as *Filagranas*, é na litteratura universal aquelle que menos ataca a sociedade, desmorona as virtudes e oxida os mais severos costumes. Isso já é uma consolação. Julio Cesar Machado e Pinheiro Chagas em Portugal; D. Marianno Larra, e Frontaura na Hespanha; Alexandre Dumas, Gustavo Droz e Alphonso Karr, em França; Carlos Dickens na Inglaterra; e recentemente Bret Harte na America do Norte, comprovam de modo absoluto aquella asserção. Reservou portanto o seculo actual á musa galhofeira, triste, cambiante do folhetim o estimavel condão de attrahir a leitura sem tentações e sem propagandas hereticas.

Palpita, além d'isso, na sociedade activa, industriosa, revolucionaria do tempo presente, uma tal ou qual tendencia para esses escriptos rapidos, que se devoram entre uma fumaça e um gole de chá, sem que o leitor perca a hora das suas transacções na Praça, e a leitora as recatadas crenças que pernoitam á sua cabeceira. O folhetim

fére com pata de velludo e morde com petalas de rosas; se houver, apesar d'isso, sybaritas que se doam, a culpa é d'elles unicamente; não será possivel contental-os nunca.

O author declara em tempo, que o conto *João Oldr*, incluso n'este volume, foi um pouco inspirado por uma gentil creação de Monselet, *Le capitaine Monistrol,* a cuja indole pittoresca e rara, pertence a essencia das proezas de *João Oldr,* personagem aliás, mais ou menos existente, e leitor provavel d'esta sincera confissão.

Façam as *Filagranas* o seu caminho com ventura igual á das *Curvas e Zig-Zags;* nada mais ambiciona o author. Mereça, pelo menos, indulgencia o ultimo filho que vem fechar a porta ás extravagancias do pai.

L. G. Jor.

# FILAGRANAS

## PHILIPPINA

Palavra de honra! Era um verdadeiro demonio aquella moça! Pequena, graciosa, agil, olhos cheios de promessas e malicias, bôca rubra como uma pitanga, cabellos castanhos quasi crespos, cintura finissima, cintura de annel, um pé brincalhão, e braços torneados á moda dessas estatuas de Pradier que representam o Amor travesso. Lembram-se não é verdade? do Amor travesso de Pradier?

O demonio chamava-se Herminia, — Minia — era assim que a tratavam em familia. Nós todos lhe davamos esse diminutivo gentil, com uma familiaridade communicativa; nós todos e o proprio inglez... O inglez! oh! era magnifico esse fiel alliado! Espirituoso, excentrico, original, picante, modelo do genero, na extensão da palavra, cabellos ruivos, olhos azues, longas pestanas, pés immensos... Um modelo um incomparavel modelo!

Chamava-se Samuel Bright (pronuncie-se Bráit) e era agente d'uma grande companhia britannica de seguros de vida.

A familia de Minia abria os seus salões á melhor sociedade. Nunca estavam sós em casa ; mais de um deputado concorria ao almoço e havia um conselheiro, o conselheiro V... que dava o beicinho por umas torradinhas especiaes, aloiradas, cheirosas, transparentes como hostias, que vinham com o chocolate marquis e com o chá de perola, habituaes.

Não se podia estar triste ali ! Era um regalo o interior d'aquella adoravel turma composta do pai, da mãi, de Herminia, uma irmãzinha de Herminia, e uma velha tia, essencialmente vesga, porém respeitavel.

A casa era no Cattete; pintada de verde claro, com um terraço coberto de vidro, a olhar para o poente. Depois do jantar iamos em gracioso bando esperar o café no terraço e ahi saboreavamos gota a gota o perfumoso liquido emquanto Minia chilreava como um passarinho, e as nuvens franjadas de ouro e de violetas, desmanchavam-se sobre as montanhas affastadas.

Conversava-se modas, theatros, bailes, discutia-se a importancia d'um novo toucado, e quando menos a pressentiamos, o diabrete da Herminia, subindo do jardim, pé ante

pé, desprendia uma gargalhada vibrante nos nossos ouvidos, derramando-nos sobre a cabeça mãos cheias de margaridas, cravos, e petalas de rosas soltas!

Era uma graça! A velha respeitavel occupava-se com um respeitavel velho, a um canto do terraço, na recordação dos milagres das aguas virtuosas de Minas; a pequena irmã do diabrete vestia as suas bonecas, e os commensaes estalavam monotonamente a lingua, de encontro ao paladar, entre as delicias d'um kylo oriental.

Muitas vezes a lua sorprendia-nos, a lua! coroada de nevoas e de estrellas!

Herminia batia as mãos n'um assomo de alegria infantil, e correndo ao pai:

— Vamos ao Botafogo, sim, paezinho? E beijava-o na bôca. — Ao Botafogo que hade estar lindo agora! Beijava-o ainda sobre os olhos. — Vamos de *bond*; todos juntos, conversando, rindo, brincando. Sim?

A idéa era saudada com enthusiasmo. A travessa voava ao interior da casa, e d'ahi a pouco. viamol-a chegar, risonha, levemente corada, prendendo aos cabellos crespos um chapeozinho, que voava como a aza d'uma mariposa!

N'uma d'essas excursões foi apresentado á familia na praia do Botafogo, o inglez Samuel Bright. Estava quasi poetico o subdito da rainha Victoria. Trajava de branco;

era uma pomba! Os raios da lua cercavam-no d'uma aureola suave e pura!

O inglez offereceu o braço a Herminia. Continuámos o passeio, ao ruido solemne das ondas, rugadas levemente pelos ventos frescos que sopravam da barra.

Parámos um instante e seguimos com a vista commovida as velas de duas embarcações longinquas. O inglez disse não sei o que á menina, que rio-se pendendo o busto delicado.

D'ahi por diante Samuel Bright frequentou a casa do Cattete. Elle era doido por jogos de prendas. Cahio-lhe em sorte, uma occasião, o supplicio da berlinda.

Minia era a emissaria dos gracejos á victima.

— Está na berlinda porque é louro!

— Very well!

— Está na berlinda porque dança o solo inglez.

— Oh?

— Está na berlinda porque... porque...

O dedo rosado perfilou-se sobre os labios á espera d'uma lembrança perdida.

— Ah! sim! Está na berlinda porque é solteiro!

— Que lembrança! exclamámos todos.

O inglez, com esse aprumo internacional que ninguem

imita, sorrio diplomaticamente, o estendendo a mão em signal de ordem :

— Venha quem disse isso.

— Quem é ? quem é ?

Herminia envolta em nuvens de rubor foi, entre gargalhadas, occupar o lugar da victima.

Viviamos assim como no tempo das eglogas. Ás onze horas, retiravam-se as visitas, e o velho escravo da casa corria os ferrolhos da porta.

Samuel Bright tornou-se d'essa epoca em diante o mais ardente frequentador da casa. Herminia era sempre a vivacidade, o prazer, o espirito e a excentricidade da roda. Quem podia resistir ao choque electrico d'aquelle espirito de borboleta e de vibora ?

Fez annos a pequena Lili ; a irmãzinha de Minia. O jantar n'esse dia foi mais copioso e a mesa deu lugar a meia duzia de talheres mais.

Samuel Bright estava ao lado esquerdo de Minia. O champagne coloria aeriamente o rosto do inglez, e seus olhos distinguiam, atravez de prismas vaporosos, o semblante do formoso demonio, que sorria com a sua avelludada e travessa bôca. Nos cabellos d'ella havia uma magnolia, cujo aroma o inglez sentia roçar-lhe o olphato como uma caricia celestial.

Vieram os brindes. Foi cantada em prosa e verso a heroina da festa. Lili pouco correspondia; não lh'o permittia uma nova boneca, que acalentava nos braços, — presente de Samuel Bright.

O enthusiasmo recrudescia de instante a instante.

O inglez, empunhando o copo de champagne, voltou-se á sua visinha.

— Bebo a ventura dos seus quinze annos ! disse elle.

— Perdão: dezesete! acudio o demonio com um certo ar comico de dignidade offendida.

— Oh ! um minuto mais, um minuto menos, é sempre a idade d'um anjo !

— Bravo! como o senhor está hoje lisongeiro !

A mãozinha de Minia mergulhou na concha das amendoas.

— Quer jogar a philippina comigo? perguntou ella ao inglez.

Samuel Bright acudio logo :

— Com immenso prazer !

Quebradas cinco a seis cascas, appareceram as duas amendoas enlaçadas.

— Coma esta o senhor; esta é minha. Olhe : depois do jantar, de tarde ou á noite, veja se consegue comprimentar-me por *Philippina !* Do contrario...

— Perco?

— Se Deus quizer, meu senhor! Perde redondamente, e fica á minha escolha a prenda!

— Muito bem. Seja qual fôr — e os olhos do inglez scintillaram, — seja qual fôr. Eu daria a propria vida para...

Herminia desfechou uma gostosa risada.

— Não tenha medo! Heide ser menos exigente.

Dito isto, ergueu-se da mesa. Acompanhámol-a todos. Fomos ao jardim. Cahia a tarde e a tunica do crepusculo fluctuava no meio dos aromas e das auras.

Samuel Bright expalhava olhares curiosos em redor de si. O vestido branco de Minia surgia ora atravez d'uma mouta de lyrios, ora no caramanchão coberto de dhalias, ora aqui, ora ali, como as azas d'uma Graça amedrontada.

Veio o café. Ia o inglez receber a chavena que a mucama lhe offerecia, quando Herminia erguendo-se viva na pontinha dos pés, zunio-lhe ao ouvido:

— Philippina!

Samuel Bright deu um salto para o lado. A chavena cahio-lhe das mãos, rolando na areia.

Uma gargalhada geral terminou o quadro Herminia um pouco tremula contemplava Samuel Bright. O que teria

ella? Cuidámos que fôra o susto do inglez a causa da subita metamorphose do demonio.

— Vamos á prenda! disseram varias vozes.

Minia approximou-se a Samuel Bright balbuciando:

— Desejo a sua mão... Eu o amo...

Fez-se um silencio de morte. Parecia impossivel o que todos ouviamos! O pai correu á filha, entre o enleio e o sorriso.

O inglez palpitante, commovido, ancioso, dirigio-se á familia:

— Falta apenas o consentimento dos senhores...

A tarde escurecia cada vez mais, e os aromas pejavam a athmosphera. Não me recordo bem das palavras do pai, mas o que é certo, é que a cabeça de Minia descançou extatica e feliz no peito de Samuel Bright.

Um mez depois... Ora, as leitoras que adivinhem o resto!

Palavra de honra! Era um verdadeiro demonio aquella moça!

## O NOME DO MENINO

O pequeno nasceu ao meio dia em ponto. Bom signal. Havia de ser, — na phrase da comadre, — um rapagão valente e sadio, prompto para o que desse e viesse.

Atravez dos cortinados, prudentemente cerrados, escapavam-se os doridos vagidos do futuro cidadão. O pai nadava em delicias; o susto a principio varrera-lhe do rosto as cores da vida; esteve pallido, de pupillas dilatadas, narinas offegantes e orelhas frias.

Passeiava da sala de jantar ao corredor da cozinha, do corredor da cozinha á sala de visitas, abrindo de minuto a minuto o relogio; suspirando, affagando nervosamente as suissas, detendo-se ao menor ruido, como um larapio em flagrante delicto.

Quem não se lembra d'esses instantes gostosos e terriveis do nascimento do primeiro filho? E uma couza indiscrip-

tivel. Donzeis e donzellas, que me lêdes! vós não comprehendeis nada d'isto! Fôra o mesmo que explicar a um cego de nascença as côres do prisma!

Ás onze horas e tres quartos, uma officiosa parenta, senhora esguia e affavel, que não abandonava a victima do amor conjugal, fez estacar o marido viajante n'uma das suas excursões da sala de jantar ao corredor da cozinha.

— Oh! primo! scio!

— Já, prima?!

A voz do pobre consorte tremia deveras, e as palavras sahiam-lhe dos labios em borbulhas, como a agua repreza d'um canudo de gaz.

— Ainda não, mas pouco demorará.

— Com licença; quero vel-a.

— Pelo amor de Deus! não pense em tal!

— Que?

— A commoção, a exaltação, a agitação!...

O homem abaixou a cabeça e continuou o passeio. D'esta vez os seus passos mal seguros pareciam collar-se ao assoalho, e o suor emperolava-se-lhe nas fontes e na raiz da barba.

O sol explendido como uma victoria innundava a sala, fazendo brilhar o verniz da mesa. As andorinhas no vão do telhado produsiam uma algazarra cristallina beijando-se,

adejando e coçando as pennas, no louvavel costume d'essas aves ariscas.

O passeiante apoiou-se á janella que dava para a area e começou a scismar, em que? Nem elle proprio o sabia! Tumultuavam-se-lhe os pensamentos, as idéas, os terrores e os jubilos no coração d'um modo atordoador. Na área as galinhas e os pintainhos mariscavam ruidosamente. O futuro pai imaginou que...

Imaginou ver um menino côr de rosa, de cabeleira loira, curta, macia, a emmoldurar um semblante de alvura incomparavel, onde sorriam olhos ideaes e de cuja bôca rubra desprendiam-se amúos e risadas angelicas... O pequeno estava quasi nú, apparentemente envolto n'uma camisa decambraia salpicada, cercado de cavallinhos de páu, soldados de chumbo, e duas arcas de Noé abertas de meio a meio. . Uma ama boçal seguia-lhe os movimentos precipites, e o papai e a mamãi, de longe, arremeçavam-lhe beijos á porfia.

Estava a bater meio dia; faltavam sete minutos. Um gemido profundo escapou-se da alcova e o infeliz scismador sentio percorrer-lhe a espinha um calafrio funebre.

— Oh! primo?

Elle mal conseguio voltar o rosto; arfava-lhe o corpo; e a respiração sofrega sibillava-lhe na garganta.

— Não tenha cuidado; a madama responde por tudo. É verdade que...

— O que é que é verdade?

— É que...

— Responda, pela Virgem Santissima!

O homem estava em riscos de ser fulminado por um ataque imminente.

A parenta ia abrir a boca no intuito de explicar o pensamento, quado soaram as primeiras e frescas badaladas do meio dia. Quasi ao mesmo tempo ouviram-se os vagidos impertinentes, vibrantes, continuos do recem-nascido.

O pae cahio na cadeira proxima, victima de um espasmo; a parenta enfiou pelo quarto, azafamada, inquieta, nervosa, curiosa, rapida.

Pouco depois, respirava-se na athmosphera o tepido e familiar perfume da alfazema.

A comadre veio saudar o author dos dias do novo habitante da terra, com um sotaque francez dos mais agradaveis:

— É um menino! Lindo! lindo! É um *bijou!*

O homem enchugou o suor, e conduzido pela prima, penetrou na camara conjugal. O pequeno, escondido em cambraias e flanellas, fazia o possivel para atordoar os

causadores de sua existencia. Estava vermelhinho e inquieto que fazia gosto.

O pae beijou-o chorando de prazer.

— Bentinho! articulou a doente dirigindo-se ao marido, vae ver na folhinha o nome do santo de hoje.

Mas a esse tempo já a prima armada d'um dos populares e graciosos productos da firma Laemmert, procurava anciosamente o mez e a data em questão.

— Cá está.

— Qual é?

— Santo Athanasio, martyr; São Epiphanio, bispo; São Matheus, apostolo; São...

— Basta! Basta em nome de Deus! Quanto nome exquisito, senhor! E o de amanhã? Vê o Santo de amanhã.

— Como de amanhã? aventurou o marido. Pois se o menino nasceu hoje?

— Mas poderia ter nascido amanhã ou depois... Vê sempre, prima.

— São Gregorio; arcebispo de...

— Está bom, está bom! Não leias mais! Eis ahi o meu caiporismo em tudo! Logo meu filho havia de nascer trazendo esses nomes!

— Acalme-se, prima.

— Tranquillisa-te, minha filha.

— Oui, madame. Il ne faut pas vous mettre en colère. A febre c'est un danger sérieux!

— Ouves o que diz esta respeitavel senhora? A febre, não sei o que mais, é cousa de metter medo!

O menino esperneava sem cessar. A parteira guiou-o ao seio materno, a cujo contacto ouvio-se logo esse arrulho amoroso das aves no ninho, e das crianças, que mamam satisfeitas.

O pae não cabia em si. Enviou sem mais demora a todos os conhecidos e amigos bilhetes de participação:

« *** tem a honra de declarar a V. que d'esta data em diante póde contar com mais um criado. »

Á tarde vieram duas a tres familias da visinhança saudar o *feliz successo*, e á noite, as irmãs da parturiente, a mãe e a antiga aia, correram a admirar o recem-nascido heroe.

Era uma ventura geral!

— Que olhinhos que elle tem! Parecem-se com os seus, mano!

— Ora, mana!

— Veja, mamãe!

— É verdade, são pretos e vivos! Hade ser travesso este menino como um azougue!

— Olhe as mãos. Que mãos de gente! Quem hade dizer que as nossas foram do mesmo tamanho!

— Não se chegue com elle para a luz, Emilia!

— Qual é o nome? Já escolheram?

A doente exhalou um profundo gemido a essa pergunta.

— Coitadinho! volveu ella. Trouxe cada um que assusta!

— Quem se importa com essas cousas de folhinha, menina? A madrinha é quem escolhe!

— O padrinho! acrescentou o pae.

— Ou isso, o padrinho; é indifferente. Eu por mim, se fosse meu, punhava-lhe o nome de Adolpho!

— Máo gosto; antes Eduardo.

— Eduardo é muito commum. O caixeiro do Eugenio chama-se Eduardo, parece-me.

— Porque não lhe dão o nome do pae?

— Joaquim? Deus nos livre!

— Qual é a tua opinião, Loló?

— Eu punha-lhe Tancredo.

— Não é feio, não.

— Tan-cre-do. — Até custa a pronunciar!

A mãe agitou-se nas cobertas; o pequerrucho desatou a chorar.

— Bom, deixemo-nos de pensar n'isso agora. Ha tempo !

— Sabem quem podia arranjar nomes bem bonitos ?

— Quem ?

— A familia do Saraiva.

— Nós não nos damos com ella.

— Chegou a occasião; um dia sempre é dia. As filhas leem muito romances e devem saber de cór varios nomes originaes.

— É preciso que convides a familia do Saraiva, meu marido.

— Que idéa !

— Temos outra ! Pelo que vejo, queres que o menino se chame Athanasio !

— Ouve-me !

— Ou Gregorio !

— Escuta, filha !

— Ou Matheus, ou Epiphanio, ou !...

— Deixa-me fallar por favor !

A mãe do *pomo da discordia* conchegou phreneticamente as orlas do lençol á boca e deu as costas aos circumstantes, com um movimento desconhecido no codigo do bom tom.

A prima beliscou suavemente o primo; as moças

olharam-se confidencialmente e a matrona, — a avó do pimpolho, — observou alongando os beiços veneraveis :

— É sempre assim ! Nosso Senhor nos acuda !

— Mas, minha mãe...

O pai, ha poucas horas feliz e cheio de scismas, sahio do quarto em que florescia o fructo do seu amor, com uma carranca fatal. Quem pagou o sermão, foram as suissas ! Treze fios pelo menos com raiz á mostra.

No dia seguinte ninguem fallou no baptismo do pequeno. Deslizaram-se vinte e quatro horas, sem a menor occorrencia desagradavel. Os consortes só cuidavam do menino ; era um beijo agora ; eram dous abraços depois ; eram dez caricias mais tarde ; eram vinte...

— Convidaste os Saraivas ?

— Ainda não, ámanhã.

— Vê se te esqueces !

— Qual !

Quinze dias depois, apresentava-se a familia Saraiva affavel e garrida, á barra do tribunal.

Já no album da casa os parentes, os amigos dos parentes, e os parentes dos amigos, haviam inscripto os mais gentis e graciosos nomes de occasião :

— Lucas.

— Elysio.

— Amando.

— Torquato.

— Ernesto.

— Arthur.

— Alfredo.

— Oscar.

— Victor.

Uma menina, inimiga de trovoadas, exigiu que se chamasse o recemnascido :

— Jeronymo ; por causa dos relampagos.

As Saraivas eram almiscaradas, elegantes, risonhas, freguesas do Chesneau e hostis á orthographia como as pragas ao povo de Moysés.

Conversou-se, admirou-se o menino, rasgou-se de parte a parte sedas e mimos, até que uma das visitantes perguntou qual era o nome da criança.

— Não tem ainda !

— Ainda não ? Que pena ! Tão galante ! Se fosse eu, baptisava-o por Angelo. Angelo Pitou do romance do Dumas.

— Como Pitou ? acudio o pai. O meu sobrenome é Pereira.

Esgueirou-se no dialogo a segunda Saraiva :

— Esse menino, rico como é, deve chamar-se Rodolpho !

— Rodolpho ?

— Muito obrigado ! exclamou uma terceira Saraiva. O nome d'elle hade ser Aristogiton !

— Hein ? !

— Alcibiades !

— Oh !

— Themistocles !...

— A senhora está cassoando ! observou a prima.

O menino choramingava desesperadamente. A mãe acalentou-o, unindo-o ao seio, entre duas cantigas em surdina. A familia Saraiva, ao retirar-se, concordou em que a *tal gente* era estupida, brutal, incoherente, insupportavel, e que não valia a pena voltar áquella casa.

— Pensam que Rodolpho é um nome á tôa !

— E Angelo ?

— E Aristogiton ! O que ha de mais grego !

O marido disse á mulher :

— Gostaste das Saraivas ?

— Nem pintadas as quero ver mais ! Themistocles ! Ora vejam ! Themistocles !

Passavam os dias. O pequeno já gania como um pequerrucho de mez e meio.

— Precisamos baptisal-o, menina !

— O padrinho é mano Anselmo !

— Já lhe fallei.

— E madrinha Nossa Senhora.

— Já lhe... Quero dizer : heide fallar ao padre !

— Bem. E o nome ?

— Eu tenho um !

— Eu outro !

— Diz lá o teu !

— Diz o teu ?

— Primeiro o teu !

— Peior !

— O meu, balbuciou o marido, é... Achilles.

— Ta, ta ta !

— Pois bem, quero saber o teu.

— O meu ! O meu é Ismael ; nome religioso ! Is-ma-el ! Hein ?

— É feio !

— E o tal Achilles é horrendo !

— Tu nasceste para me contrariar !

— Eu é que devo dizer-te isso !

A mãe arrancando dos braços paternos a criança, fugio para um quarto affastado, agitando-se em soluços e lagrimas torrenciaes.

— Ouve-me, filha !

— Saia ! o senhor nunca teve coração !... Pobre filhinho ! Desgraçado anjo !

Quinze dias mais tarde, havia festa na familia. Depois de todos esses desesperos, lutas, raivas, combates, lagrimas, maldições, tempestades, e quasi... divorcio, baptisou-se o menino. Puzeram-lhe o nome de Antonio.

## DIA DE FINADOS

Eu fui como os outros ao cemiterio e vi o grupo dos felizes depositar capellas e ramos sobre as sepulturas silenciosas... Estava chuvoso o dia; a tarde esteve calma e melancolica. A doce Noute surgiu no horisonte coberta com o crepe da viuvez e cercada de poucas estrellas, essas joias do paraiso. O vento suspirava monotono no ramo dos cyprestes solitarios, e o perfume das saudades frescas misturava-se á espiral de duas ou tres orações piedozas, que subiam timidamente ao juizo imparcial de Deus.

Dia de finados! Dia dos mortos! Em vão a moda, o luxo e a vaidade invadem os tristes dominios de que és senhor; debalde a opulencia e a dourada loucura perturbam a tristeza silenciosa do teu sagrado asylo! Serás sempre o dia dous de Novembro, o funebre dia de finados!

Tudo póde cahir no ridiculo na terra: a gloria, o amor, a sympathia, a amizade, as lagrimas. Os mortos, não! Ninguem por mais estoico que seja tem a coragem de rir-se ao pé de um cadaver. A cruz que se ergue sobre a cova cheia é a mais implacavel e terrivel de todas as sentinellas divinas.

Assim tu, creatura alva e rosada, meiga e terna flôr das salas, cujo vestido como a aza da dança paira vibrante no meio dos bailes harmoniosos! tu, tambem depositaste a tua grinalda de saudades sobre um tumulo, e ajoelhaste-te ao sussurro das sedas que te cobriam o corpo, e ao raio dos diamantes que innundavam-te o transparente regaço... Apparentavas a alegria e estavas triste. A moda, unicamente a moda, supprimiu a lagrima nos teus olhos e o longo véo sobre o teu rosto commovido. E aquella, aquella que alli vae sorrindo e meneando o busto delicado, cuidaes acaso que ella viva satisfeita e passeie alegre neste momento? Não! é a moda! A horrenda deusa da elegancia força-a a imitar as companheiras e a pisar indifferente o campo dos mortos, orvalhado de lagrimas.

Deixae-a, deixae-a passar, que ella soffre mais do que todas vós, curiosas, curiosas amigas do bulicio e das festas! Lêde naquella cabeça pendida o sagrado poema das occultas desventuras; e nos olhos negros notae o vestigio de velhos e amargosos prantos.

Não houve luar durante a noute e apenas uma ou outra tardia estrella affastava, para olhar-nos, a sombria mortalha do firmamento...

A corôa de perpetuas: — Não sei o que faço nos braços desta cruz de marmore. Eu sou a grinalda das perpetuas dôres e saudades eternas. Symboliso a recordação que não se apaga e a desventura que cresce como as ondas, de dia em dia! O que faço aqui, não sei. Quem me depositou neste tumulo ria-se contente emquanto os seus indifferentes dedos me penduravam nos braços da cruz!

A grinalda de saudades: — Pobre de mim e pobre de quem dorme por baixo da pedra que estou adornando! Saudades! Para sentir a tristeza destas flôres é preciso saber soffrer e provar o fél das lagrimas doloridas! Não é este o meu logar. Tirem-me desta sepultura!

Ninguem ouvia o que diziam as corôas mortuarias, e as sedas cruzavam-se explendidas, varrendo a santa poeira dos mortos, emquanto a tarde, a pensativa virgem do crepusculo, descia do monte sombrio ao concavo dos valles adormecidos!

O cypreste: — Dormi o vosso somno, abençoados mortos, ao som plangente e monotono do vento nas minhas ramas negras!

Só eu, só eu vos sei emballar suavemente neste interminavel socego da vida.

Não vos despertem as risadas que as bocas indifferentes fazem resoar no lngubre palacio das sombras e do silencio! Dormi! dormi! dormi!

Uma rosa branca: — Eu nasci ao pé da sepultura della. Ella morreu quando contava doze annos apenas. Abria a aza de menina e os seus olhos procuravam os resplendores da existencia, quando a morte arrebatou-a dentre os alvos cortinados de sua cama immaculada.

A mão materna, carinhosa e triste plantou uma roseira junto do tumulo della, para que a sua boa alma, quando descesse ás vezes do céo e viesse visitar a sepultura innocente, bebesse nos effluvios das flôres o aroma embriagante do casto amor de mãe.

E no emtanto um elegante colheu-me entre as minhas companheiras, e aqui vou na casa do seu paletot azul escuro espalhar o cheiro dos mortos no meio das mentiras e das torpezas do mundo.

Ai de mim! ai de mim! ai de mim! Pobre rosinha branca do tumulo della!

As andorinhas: — Nós somos as andorinhas ligeiras, as andorinhas fugitivas, que ao primeiro sopro do inverno desapparecem na extrema do horisonte! O amor, a

saudade, a ventura, a mocidade, a illusão e a esperança são as andorinhas da vida! A morte é o sopro do inverno! Nós somos as andorinhas ligeiras, as andorinhas fugitivas!

Um Poeta: — Ouves-me acaso, oh! meu santo ideal? Tão longe, tão longe estás, que a minha voz debalde se dirige a tua alma sacrosanta!

A morte não é a separação, pois que eu te sinto murmurar nos meus cabellos; tu és a aura da tarde e a emanação da noute!

Vejo-te brilhar a meus olhos: és o clarão do sol moribundo e o lampejo das piedosas estrellas! Oh! meu santo ideal!

Uma Sepultura: — Eu sou a sepultura ignorada. Nem um epitaphio me faz attrahir o passo indifferente dos que visitam a morada dos mortos. Não ha uma flôr sobre a minha pedra, não ha uma corôa nos braços da cruz que me santifica. Mas, oh flôres! oh grinaldas! oh epitaphios! sabei que no meu seio descansa quem muito foi chorado e amado na terra...

Passou o dia de finados de 1871, como passarão o de 1872 e de 1875... Perdão! Nesse tempo já não haverá dia de finados. Os mortos nada mais teem com os nossos enthusiasmos, com as nossas transacções e com os nossos desejos! Amor! tu não passas de uma palavra!

E eu deixei o cemiterio na hora mais triste e solemne. Os astros allumiavam-se no céo e o acre perfume das rosas funebres embalsamava a atmosphera.

Subias neste instante, minha querida, o estribo lustroso do teu elegante carro. Os cavallos escarvavam impacientes a estrada e o cocheiro ensaiava o chicote no ar obscuro. A côr sombria de tua roupa fazia realçar a morena pallidez do teu semblante melancolico. Pensavas nos mortos ou nos vivos, oh magnolia do meu coração?

As nuvens corriam para o occidente em alvos flocos como um extenso bando de garças assustadas. Seriam as almas que voltavam para a sua desconhecida morada, depois de terem visitado os jazigos onde dormem os miseros despojos mortaes?

Breve, quem sabe? a minha alma irá reforçar a vossa phalange, oh nuvens fugitivas que correis para o occidente!

## DOUS DIAS EM PETROPOLIS

### I

Ás duas horas em ponto largou a barca de Mauá. lamos apertadissimos dentro desse vaporzinho ligeiro, engraçado, banal e galante como uma casca de noz! Havia mais gente na barca do que a que nella cabia! Quináo supremo nas regras da rethorica e poetica dos meus saudosos dias de preparatorios:

— O contheúdo era maior que o continente!

No cáes ficou muito povo ainda; no vapor ia ainda mais povo. Acotovelavamo-nos, sorriamo-nos, pisavamo-nos, cortejavamo-nos, como naturalmente farão as almas immortaes e felizes no dia do juizo final.

O meu amigo Adolpho K..., meio allemão e meio brasileiro, rapaz de excellentes attributos intellectuaes, um perfeito *gentleman* de barba loura e coração magna-

nimo, arrancara-me ao folhetim, á vida fluminense, aos movimentos mais ou menos prosaicos, mais ou menos commerciaes desta opulentissima e monotona Côrte, appellando para a minha amizade com uma soffreguidão incomparavel.

— Has de ir commigo ámanhã!

— Não é possivel!

— É fatal. Aprompta a maleta, escreve o folhetim e prepara-te para admirares o que ha de mais estupendo na natureza americana.

— Olha!

— Nada de razões. A razão é a louca de casa, meu amigo. O divino Platão preveniu-te a tempo!

— Petropolis!

— Petropolis, sim! Petropolis dos teus nove annos! Petropolis que é o Baden-Baden do Brasil, a Cintra do Rio de Janeiro, o Paraiso da carta da America!

— Vou!

— Espero-te na barca de Mauá que parte ás duas horas em ponto.

O que fazer? Ha muito tempo que a minha phantasia, esta tresloucada que determinou arredar-me por uma vez dos torvelinhos pautados da existencia commum, attrahia-me as vistas e o coração para a terra dos lyrios e das

crianças, o logar da poesia alva e do frio poetico, a mansão dos cabellos louros e da manteiga fresca, o cantinho da terra em que se encontra ainda a verdade núa á beira do seu poço, e as sagradas musas debruçadas nos Orgãos espalhando dos cabellos idéaes as lagrimas da madrugada e os nevoeiros da montanha!

Eu lembrava-me de Petropolis como de um sorriso de minha mãe ou do primeiro brinquedo que me houvessem dado aos tres annos de idade! Abria-se no fundo de minha alma saudosa o panorama do passado suave e meigo, singelo e melancolico, á semelhança dessas gravuras allemães em que ha um lago em cujas ondas socegadas passeia o cysne pensativo, e ao fundo do qual, uma choupana, mettida entre anemonas e acacias, deixa fugir na aza dos ventos matutinos a espiral da pobre e ignorada cozinha do lenhador!

Naquella terra e naquelle frio, vivi eu dous annos, criança, tenra, alegre, chorosa ás vezes, mas sempre contente e cheia de esperanças! Nesse tempo o collegio, hoje dirigido pelo sr. Paixão, no Palatinado, pertencia ao sr. J. Baptista Calogeras, nome dez vezes respeitado para mim, como o de um grande mestre, e de um grande amigo.

Nesse collegio, collocado em um dos mais saudosos e poeticos, arrisquemos o termo! poeticos logares de Petro-

polis, vi eu deslizarem-se-me os primeiros gosos e as primeiras impertinencias de minha vida. De uma cousa só não me lembrava então, e era de que viria a ser... escriptor!

Esta sorte satisfaz-me agora. Quem sabe se n'aquella época eu pensaria assim, não é verdade? A gente vae pouco a pouco, dia a dia, minuto a minuto, habituando-se ao destino que o céu lhe reservou, como os passaros que se contentam com o mais debil galho de larangeira, com tanto que fique suspenso nelle o ninho em que pipilla harmoniosa a implume familia do seu amor!

A arvore das conveniencias sociaes é copadissima e inmensa; ha logar para todos; a grande questão é cada um satisfazer-se com o galho que lhe concede a fatalidade ou a ventura. Eu cá por mim resignei-me venturoso ao raminho do folhetim, e nelle, pousado, faço o possivel para cantar de maneira que os caçadores não me presenteem com alguma carga de chumbo e o enxame côr de rosa das minhas chimeras, cresça, ouvindo-me e comprehendo-me feliz!

Quando entrei na barca de Mauá estava a dar duas horas. Acudiam familias e rapazes ao vapor como se cada um fosse attrahido pelo iman de sua existencia. Malas a tiracollo; saquinhos de viagem; *bonets*, chapéos de palha, embrulhos, pacotes, trouxas, tudo affluia á barca atropelladamente. Era uma revolução! um enthusiasmo! um mundo! um mundo!

Largou o vapor. Voltei-me aos passageiros, e entre outras singularidades vi um anão examinando attentamente um mappa geographico. Um anão de vinte pollegadas de altura! Imaginem como se consideraria pequeno em presença do globo, aquelle atomo de gente!

O vapor corria como uma gaivota, sobre a espuma sussurrante. Quando virei os olhos para a terra, já o milhão de casas da côrte desapparecia ao longe com uma rapidez electrica!

A bahia do Rio de Janeiro é um prodigio.

Encostei-me á amurada da barca e estendi a vista ao largo... Sobre as pedras espalhadas no meio das aguas tranquillas e verdes, pousavam os passaros marinhos, seguindo de vez em quando o fumo ondulante do vapor com a indifferença de uma esphinge e o silencio de um idiota.

As capellinhas, que bordam essas praias brancas interminaveis da nossa bahia, scintillavam ao longe como um sorriso de virgem ou como uma oração de marinheiro. O sol vivo e deslumbrante feria a agua derramando os prismas arrebatadores do seu olhar olympico, e lá, lá em baixo na barra, fluctuava a vela cheia de um brigue, batido pelo sudoeste.

Adolpho K*** chamava-me a attenção sobre tudo isso, e

meu espirito vagava como uma alcyone invisivel molhando as azas forasteiras no diaphano regaço das ondas.

Pouco se faz a bordo das barcas de Mauá. A viagem dura menos de duas horas, e a não se ler, a não se perguntar pela saude de um amigo ausente, cada um põe-se a seguir as sinuosidades e os caprichos do panorama formado pelo céo e pelo mar!

Sonhar! sonhar! dizia o coxo poeta inglez. Sonhar, sim! O que é a vida, oh Deus de misericordia e de doçura! o que é a vida senão o sonho constante, o sonho interminavel e febril, á cata da riquesa, da formosura, do talento, da gloria e da felicidade?! Só é real o frio travesseiro da morte em que se acorda do pesado somno, e onde a verdade implacavel nos descobre os funebres mysterios do amor e da mocidade!

Nesse memoravel dia, seis de Abril de 1872, a viagem foi, conforme a giria popular, uma viagem de rosas! Os passageiros iam á farta, encantados, de nariz ao vento, charuto ao canto da bôca, e mais de um, palavra! com o distinctivo da condecoração official na casa do paletot!

Levei um livro para a excursão maritima... que não li. Ler alli, em presença do velho mar, do esmeraldino e infinito oceano, era prova de incapacidade, já não digo intellectual, mas visual! Que melhor livro do que aquelle

que a naturesa escancarava ante os nossos olhos deslumbrados? O céo de um azul meio escuro, azul de pupilla allemã, confundia-se com as ondas, igual, liberal, fraternalmente! Passou pouco affastado de nós um escaler povoado de inglezes vermelhos e patuscos, excellentes bochechas internacionaes e um ar de satisfação digno de figurar na questão do « Alabama! »

A ilha do Governador estendia-se á prôa da barca, esplendida, copiosa, cheia de arvores e com a sua igrejinha ainda mutilada pelo incendio! A ilha do Governador é uma maravilha na extensão da palavra. Depois que dei séria attenção a essa ilha, comecei a considerar com desprezo os continentes e os archipelagos em geral!

— Que ilha é aquella, amigo? perguntava eu a principio a um criado ou marinheiro que me passava ao pé.

— Do Governador, meu amo.

Andava o vapor, andava o vapor; andava o vapor ainda.

— Oh amigo, que ilha é aquella? continuava eu dirigindo-me a um marinheiro ou criado que passava ao pé.

— Meu amo, é a do Governador.

A bordo desses vapores de Mauá ha uma sala de botequim, farta e asseiada. Desde que moveu-se a barca deixando a Prainha, os passageiros, os que não haviam almoçado de certo! accommetteram a sala do refeitorio.

O rumor dos garfos, facas e pratos, abafava o ruido solemne e imperioso do machinismo nas aguas.

Como não se ouvia o barulho das rodas, tinhamos certeza de que andavamos, porque.. se comia!

A politica fez o que pôde durante o trajecto, e a litteratura ligeira. .

« Oh! casta discriçao, a quanto obrigas! »

Iam pessoas distinctissimas a bordo. Esperava-se o Imperador em Petropolis, no domingo, e todo o mundo acreditará que seria naquella formosissima cidade um dia de festa, o da chegada da familia imperial.

O meu terror era o meu bilhete de passagem.

Por causa da affluencia não pude adquirir logar dentro dos carros da serra, o que, valha a verdade! sorriu-me pouco.

Nas margens do horisonte multiplicavam-se as nuvens brancas, pesadas, phantasticas como mortalhas de mumias.

O mar inchava aos affagos brutaes do nordeste, e uma especie de gaze humida, um véo de sereia desprezado ao vento, turbava a atmosphera quasi fria.

— Pouco falta, disse-me o K***. Alegra-te!

O anão dormia sobre o mappa. Louvado seja Deus!

Nunca pensei vêr a olho nú um grão de arêa perdido no meio do mundo! E vi o anão!

Soube mais tarde que era um bello rapaz, com proprensões a jogador de solo e esperto como... tres anões! Encontrei-o em Petropolis, — desgraçado ambicioso! — encontrei-o montado em um cavallo do Cabo! Era sempre a reticencia encravada nas grandes orações!

Os passageiros moviam-se, examinavam as bagagens, examinavam as mantas de viagem, examinavam os bolsos, e dispunham-se a saltar em terra com um enthusiasmo mais que pedestre. Estavamos a chegar! Iamos abandonar o campo movediço das aguas pelo florescente campo da industria nacional. Ouvia-se um ou outro guincho da machina dos wagons de ferro.

Que saudade, oh que saudade!

Eu não posso fugir do mar sem sentir na alma um aperto doloroso, essa angustia indizivel que Romeu devorava ao despedir-se de Julieta, e as sereias mysteriosas tragavam vendo desapparecer a seus olhos tristes a gondola dos doges de Veneza!

Adoro o mar, eu! Adoro-o como os astros adoram as mulheres... O mar és tu, minha vida; és tu, oh mimosissima perola do meu coração! Palpita em teu

labio o segredo das ondas febrís, e em teu collo enrosca-se a cauda dos golphinhos do Mediterraneo!

É por isso que eu te amo, acredita! A mulher banal é um jardim; é um canteiro; é um vestido; é um... dote! Mas a mulher como tu, anjo meu, é o mar, o mar «Thalatta», como o interpellava Henrique Heine, abysmo prodigioso, como o chamava Homero!

Tenho medo do mar, e estremeço-o; tambem te estremeço, joia minha, e tenho medo de ti. Que queres? Sobre tuas costas perfidas e deliciosas está navegando a esquadra das minhas illusões... illusões verdes, cambiantes, com frisos de ouro e uma estrellinha de neve no topo! .. Se vier o naufragio!

O certo é que a barca chegou a salvamento. Saltámos em terra, «bras dessus, bras dessous,» de chapéo no olho, frac á Internacional, e uns impetos communs, a todo transe.

Os wagons esperavam-nos anciosissimos. A caldeira fumegava; o machinista, que é casado e costuma jantar em familia, franzia o sobr'olho conjugal, ameaçando-nos pela demora involuntaria.

Tomámos lugares. Eu tive a ventura de sentar-me junto a um distincto jornalista e mais tres a quatro amigos e companheiros.

Um quarto de hora, meia hora, uma hora!

— Oh! que demora é essa?

— A bagagem!

— Porque? Pois o Rio de Janeiro muda-se todo para Petropolis? O genero humano em peso pretenderá acommodar a bagagem nestes carros?

— Não ha remedio, meu caro! Havemos de chegar!

Fallavamos ainda de flôres, da nova companhia de *zarzuela*, da politica de Bismark, etc., quando o solavanco do carro deu-nos a entender que caminhavamos.

*Away!* Se Mazeppa tivesse na Ukrania um corcel daquella natureza, estaria a gosto necessariamente!

As arvores fugiam em redor de nós; os montes desappareciam; as pontes faziam sôar lugubre e magestosamente o jogo das rodas dos trens; as andorinhas tentavam em vão distanciar-nos... Era o vapor! era a industria! era a estrada de ferro! A poesia do campo e os caprichos da natureza nada valem ante a força prodigiosa do homem!

— Que tempo dura a viagem?

— Vinte minutos!

— Vinte minutos?

— Justissimos!

Passaram quinze, dezesete, dezoito, dezenove minutos... Um guincho!... O machinista respirava... Ia jantar em

familia !... Vinte minutos! Chegamos !... O monstro estremeceu, vacillou, resfolgou como um velho elephante, cansado... Estavamos na raiz da serra e o meu carro era o n. 14.

Petropolis olhava-nos carrancudo por traz da montanha.

## II

O boleeiro dos carros de Petropolis forma um typo especial, um typo gracioso, digno da attenção dos archeologos e curiosos em geral! É uma raça que vae desapparecendo pouco a pouco da superficie do globo, á maneira dos mastodontes, da ave do paraiso, dos pregos com que foi composta a arca de Noé, e de outras antigualhas ante- diluvianas.

Não é propriamente um boleeiro; é um estudo, é um methodo, é uma empreza, é um carro! Os seus gestos, as suas palavras, o seu olhar, o fino olhar da raposa ingenua! o modo de estender o pescoço, de estender a mão para receber gorgetas, o modo de chicotear os burros, tudo isso é cousa que merece sério reparo, sério cuidado, analyse profunda, philosophica e artistica, ás direitas.

Entre nós, aqui na côrte, são faceis de se reconhecer os diversos typos de cocheiros que bloqueiam diariamente a

paciencia publica, entrando por ella a dentro como quem atravessa o Rocio Pequeno!

Exemplo: o boleeiro de tilbury. O boleeiro de tilbury será sempre aquelle patusco jovialmente incivil, que fuma ás nossas bochechas, incensa-nos com as acres baforadas do cigarro de papel, pergunta-nos que horas são, discute a bondade do nosso relogio, quer por força saber onde mora o nosso alfaiate, e dá a sua opinião acerca da nossa barba, preferindo soberanamente o cavaignac, se usamos barbas inglezas, preferindo barbas inglezas, se tomamos a liberdade de deixar crescer o cavaignac!

O boleeiro do carro de praça concorda em genero, numero e caso com o seu collega do tilbury! Ha uma só differença entre os dous: o do carro não abandona o chapéo alto, o immenso, o inaccessivel chapéo alto, de côr duvidosa e pello ausente!

Os boleeiros particulares, os que guiam a salvamento os sumptuosos trens de medicos capitalistas, de viscondes, de senadores, de advogados dinheirosos, e barões rechonchudos, esses são os elegantes do mundo vehicular, os grandes, os sabios, os nobres, os empertigados, os heróes! Tomam posição na almofada como os monarchas sob o docel do throno; empunham o chicote como se fosse um sceptro e olham para a humanidade com esse ar solemne

com que Galileu fulminava o mundo, o ingrato incapaz de comprehendel-o !

O boleeiro de Petropolis, o boleeiro da serra, digamos assim, que é mais justo ! possue uma feição caracteristica, distincta em toda a parte e notavel em todos os sentidos ! Não tem nem trajo proprio, isto é : uniforme de programma, nem linguagem pessoal. Se é allemão, falla allemão misturado com portuguez. Se é portuguez, falla portuguez, misturado com allemão. O que elles são, porém, acima de tudo, são de um orgulho germanico de um alcance extraordinario !

Quando eu e o meu amigo Adolpho K*** corremos á procura do carro n. 14, onde por felicidade o meu bilhete dava-me um logar apenas ao ar livre e á chuva, o boleeiro, que se chamava Miguel, examinou-nos com um olhar carregado de projectis Krupp, que nos encheu de assombro.

— A « sua pilheda ? » perguntou-me cathegoricamente. Mostrei-lhe o cartãozinho verde, a cuja vista o homem curvou a cabeça, como se estivesse em frente de um decreto assignado pelo chanceller Bismark.

O Adolpho interveio :

— Oh ! Miguel, eu não tenho bilhete ! Não havia mais bilhetes á venda, Miguel !

— « Enton nun fai » !

— Ora ! Deixa-me ir. Tenho grandissimos negocios em Petropolis. Tu sempre foste de uma bondade vasta como teu abdomen !

Puzemo-nos a rir, e o Miguel poz-se a rir tambem lugubremente como o faria um tunel... se o deixassem rir de vez em quando !

Immediatamente, porém, revestiu-se de um ar glacial, que me recordou Sedan, e cravando os olhos fumegantes em ambos nós :

— « Só se vor bor vafor ! »

— Pois será por favor, amigo, será por um favor enorme ! Além disso olha...

O meu amigo passou fraternalmente para as mãos do subdito petropolitano uma nota ligeira do thesouro nacional. Desenrugou-se a fronte marcial do homem, e como o interior do carro já estivesse occupado pela familia do sr. conselheiro S. F., saltámos para as almofadas com a maior promptidão, e esperamos a hora definitiva da partida.

Uma fria neblina obscurecia o ar e as arvores que bordam a estrada meneiavam as cheirosas cupolas, derramando folhas e flôres, uma chuva de perfumes !

Os passageiros alegres e febris haviam-se apoderado dos outros vehiculos, que eram, se não me engano, quinze,

numero diminuto para a profusão de viajantes que naquelles dias affluiam a Petropolis.

— Então! Andamos ou não!... perguntei ao sisudo cocheiro.

Elle fitou-me desdenhoso e mostrou-me com o cabo do chicote a bandeirola em que se lia o numero do trem.

Soube depois que os carros andam por alli em ordem arithmetica, e que se por um fatalissimo accidente o numero 11 ficar no caminho, no caminho ficarão fazendo-lhe companhia os ns. 12, 13, 14, 15, 16, 17, etc., etc.!

Mettemo-nos afinal em linha de marcha.

— Chegaremos cedo a Petropolis?

— « Hoche non »! volveu o cocheiro dando para rir gutturalmente, « gêga darte »!

E continuou em uma conversação allemã e portugueza com o Lucas, o commissario, personagem tão conhecido nesta côrte e em Petropolis como a ilha de Paquetá!

A serra estendia em redor de nós as suas arvores extensas, docemente fluctuantes, como um seio de virgem que derrama a um affago de primavera, os seus melhores extasis e as suas illusões mais puras....

A montanha dos Orgãos é irmã gemea do Cubatão, aquelle circumspecto e sombrio panorama que nos conduz

a S. Paulo atravez de nevoas, de canticos, de mysterios e de roncos de trovão!

Esse bocado de elevação e declive, que vae desembocar na cidade graciosa e triste, elegante e sentimental das bengallinhas e dos cabellos louros, é suave mas melancolico! Quereis formar uma idéa exacta da serra dos Orgãos? Lembrae-vos do sorriso lacrimoso de vossa amante, quando vos despedistes della, na hora dos supremos adeuses!

Os passaros são raros alli, pelo menos o foram naquella tarde!

Cipós monstros enroscando-se nos troncos alterosos; folhagem espessa e brava compondo leques prodigiosos, a cuja sombra póde caminhar um batalhão que atravesse a serra; parasitas rubras como sangue de suicida, pallidas como labios de idiota, azues como veias de recem-nascido; eis a meiguice, a força, o encanto, a paizagem explendida daquella parte dos Orgãos, onde ainda hoje se encontra núa a musa da poesia, apesar do frio que por lá faz.

O cocheiro conversava sempre em portuguez e allemão, estylo mixto! com o commissario Lucas, mais conhecido aqui do que a ilha de Paquetá e a rua da Alfandega!

Adolpho K*** ia callado, taciturno, mysterioso como a critica da «Razão Pura» de Kant! Eu não ia sério, nem risonho: nem callado, nem parlador.... Ia de olhos presos

na natureza vigorosa como o seio de Cornelia, a mãe de cem Grachos, ouvindo o rumor pavoroso e querido das cachoeiras argentinas e os gritos roucos de uma ave que despertava a solidão encantada das florestas!

E fiz uma idéa da côrte, do mundo, da litteratura e das aspirações sociaes... Erguia-se sobre o abysmo um ipê secular, de cujos ramos nervosos desdobrava-se o manto impotente e roto das parasitas, que ao menor aceno do vento deixava cahir o pollen que o sustentava, movendo em vão as suas petalas tristemente coloridas e colladas ao tronco gigantesco...

Lembrei-me de José de Alencar, do « Tronco do Ipê », do « Guarany », da « Iracema », e... dos criticos, que ao menor aceno do vento deixam cahir o pollen que os sustentam, collados á arvore gigantesca a que se arrimam!...

A litteratura brasileira brotava alli com um furor, com um enthusiasmo, com uma sonoridade, estupenda!...

Vi o Dr. Macedo, vi o Joaquim Serra, vi o Carlos Ferreira, vi o Machado de Assis, vi... A « Moreninha » suspirava como uma pomba selvagem, e no alto do coqueiro, estendendo os olhos e as azas para o mar longinquo! Atravez das lianas caprichosas pulavam as rosas loucas; a ribanceira elevadissima e abrupta convidava para o salto de Leucate, e as borboletas voavam em cardumes amo-

rosos, partindo a um raio de sol no poente o tumido frouxel de suas abandonadas chrysalidas!

Mas, oh meus amigos! em volta de tudo isso cresciam, viscavam, estorciam-se, careteavam as parasytas parlapatonas, as hervas de passarinho, as reticencias imbecis da natureza que a todo o transe pretendem dar uma palmatoada no Creador!

O cocheiro conversava sempre com o Lucas commissario, e a noute avizinhava-se como um máo agouro, desenrolando sobre nós o seu véo de viuva descontente e irosa.

A natureza por aquelles sitios tem um modo de exprimir-se que espanta. O vagalume recorta a matta sombria como entre nós a lamina de um punhal ou um charuto acceso; os perfumes nocturnos impressionam; as sombras, que a luz etherea gera na estrada, são talhadas á feição dos phantasmas de uma vigilia sanguinolenta; os rios murmuram no concavo da floresta como o ruido da oração de um faccinora, e as cascatas despenham-se justamente no tom com que os girondinos festejaram o seu ultimo banquete de alegria e de vida!

O boleeiro deu costas ao Lucas; o crepusculo multiplicava no espaço as suas innumeras mortalhas e as suas lagrimas fluctuantes.

Descansámos cinco minutos para a mudança dos animaes, e seguimos com o mesmo recolhimento, a mesma sinceridade e o mesmo respeito de «touristas» catholicos. Os peregrinos antigos não iam a Meca mais circumspectos do que nós a Petropolis!

O café bebido no pouso transformou-me o espirito, fortificando-o, de fórma que eu recebi a descida da noute com o bem-estar com que as corujas apreciam o primeiro relampago da lua!

A serra enchia-se de minuto a minuto de sussurros mysticos e indiziveis harmonias. Um aroma acre e penetrante embriagava-me os sentidos.

O nevoeiro envolvia-nos em suas mantas azuladas, acastellando-se ante os nossos olhos, á maneira de uma parede de carcere.

Cheguei a confundir o boleeiro com um amigo e estive para dizer-lhe um segredo.

Nem uma estrella no céo; nem uma luz na terra.

O Miguel e os outros conductores dos carros, faziam reboar nos ares os seus gritos symbolicos aos animaes, que mostravam não os comprehender.

— Di! Di! Zi! Si!

É uma giria especial a desses amigos unicos!

Uma vez ou outra, o carro da frente estacava.

— É o numero 13! dizia eu commigo mesmo impressionado. O numero 13 é fatal!

Miguel mimoseava os quadrupedes que nos conduziam com um furor estupendo. Amavel boleeiro!

O carro da frente não era o 13, não! era o 12; o 13 ficara em Petropolis desmantelado e em officinas de concerto. Perdi mais essa coincidencia para viagem. Uma coincidencia, Sr. Azurara!

Já me ia sabendo mal o passeio Se o Adolpho estivesse á mão enforcava-o. Mas o pobre rapaz estava como eu de almofada na trazeira do carro!

Comecei a pensar então nas contrariedades da existencia e das estradas... Lutar é a vida, oh Miguel, estupendo cocheiro! lutar é o presente! é lutar o futuro!

O nosso cocheiro suava, mas em compensação suavam tambem os burros. D'ahi conclui que é preferivel a posição de boleeiro, mesmo na serra dos Orgãos, á de burro, mesmo na rua do Ouvidor.

— Di! Di! Zi! Si!

Quatro ou cinco malas, cinco ou seis embrulhos, seis ou sete pacotes foram depositados desde a raiz da serra sob os meus botins. Incommodava-me horrivelmente aquillo, palavra de honra!...

Resignei-me, resignei-me sorrindo com uma doçura,

que a noute escondeu á admiração dos meus contemporaneos.

Parou o carro na barreira. Desceu um passageiro.

Alegria!

Imaginei que estavamos perto. Um passageiro que desce é o prologo da viagem terminada!

O Lucas encetou nova conversação com o cocheiro, em que se adivinhavam mais palavras allemães do que portuguezas. Outro indicio de chegada! Petropolis apontava atravez da neblina, e o frio augmentava seriamente. Embrulhei-me no sobretudo e dirigi uma intima oração ao Altissimo!

Umas luzezinhas tremulavam aqui e alli como lagrimas e sorrisos de gente pobre. O Miguel dirigiu apostrophes mais violentas aos burros e pouco depois estacavamos subitamente.

Estavamos no Palatinado. — Collegio Paixão! ou por outra: — « Gollechio Baijão »! bradou o cocheiro.

Brilhavam os vagalumes e os lyrios derramavam a sua doce urna de aromas virginaes.

Respirei!

## III

O sr. Paixão esperava-nos á porta do collegio, e antes de penetrarmos em casa, fomos saudados ferozmente por tres a quatro cães, inimigos, de certo, dos habitos da Côrte, e que haviam reconhecido por baixo do meu sobretudo, do meu «cache-nez» e das minhas vastissimas luvas, um representante da terra dos «bonds» do Cassino Fluminense e das apolices da divida publica!

Cheio de um louvavel terror apertei o passo e minutos depois, feitas as apresentações do estylo, declarámos, eu e o Adolpho K*** ao sr. Paixão, que eramos portadores de um appetite digno dos banquetes romanos.

Uma rapida e deliciosa collação foi-nos servida como por encanto, e depois dos primeiros affagos estomacaes começámos a receber e a dar noticias em carga cerrada. Vieram um quarto de hora mais tarde, uma gentil e

inquieta menina e um pequeno, louro, de grandes olhos pardos, perguntar ao Adolpho por «aquillo».

Aquillo era nada mais nem menos do que uma boneca vestida á côrte, accomodada cautelosamente na mala de viagem, e um relogio dourado, desses relogios, oh amigo leitor! que tanto te enthusiasmavam, quando tinhas cinco annos de idade! Relogio chronometro que anda «ad libitum», e cujos ponteiros se não tivesses a engenhosa idéa de os mover, ficariam a marcar eternamente a hora festiva do delicado mimo!

Entregues a boneca e o relogio, reatámos o fio da conversação. Eu ia um pouco moido, mas estava ancioso por ver Petropolis. Uma ligeira chuva peneirava no ar obscuro, e o frio amiudava os seus estyletes invisiveis, forçando-me a enroscar dentro do sobretudo com as ondulações intermittentes de uma cobra! Mas, dentro de mim mesmo, como eu saudava estupefacto e feliz a presença do frio! O frio! o terrivel, o agradavel, o saboroso frio, que um homem da côrte tem o direito de não saber o paladar que produz!

Naquella manhã, ainda, abanara-me eu ahi por essas ruas de bôca entre-aberta, cabello lacrado ás fontes e camiza innundada de suor! Era um diluvio, o segundo, o diluvio de fogo, que o tal sabio allemão affirma estar-nos á bater á porta!

Desde, porém, que os ares de Petropolis começaram a se expandir em redor de mim, estremeci todo e fiz uma idéa do inverno, imaginando a doçura elegante de um salão atapetado de lã de camello, com a sua chaminé de marmore no canto, o seu fogão acalentador, os divans, uma copia de Ingres, outra copia de Leopoldo Robert, e uma pallida e fulgurante creatura de cabello desenrolado, mãos entrançadas, collo offegante, quasi escondida entre os setins carinhosos da mais vasta poltrona da sala!

O frio é tudo nesta vida; o frio é a viagem, é a actividade, é o talento, é a força, é o heroismo, é o amor!...

As melhores cousas de que tenho conhecimento foram inventadas para o tempo frio; por exemplo: o jogo de florete, o commercio, o pugilato, a philosophia, o charuto, a cama...

A cama, eis-nos com ella! Era justamente della que eu queria fallar! A cama! Pois haverá logar mais proprio para os estudos mysticos, para as grandes aspirações, para as empresas transcendentaes, para se esperar pelo dia seguinte, que é o futuro, do que a cama!

A cama não foi feita para se dormir nella, acreditem!

Deve-se dormir de qualquer outra maneira e em outro qualquer traste: dormir em pé, de perna no ar, em cima de um mocho, por baixo de uma cadeira; dormir a cavallo,

dormir de carro como Richelieu, dormir de balão como Nadar; mas dormir... de cama, isso é um absurdo, é um boato ridiculo espalhado pelos poltrões, pelos vadios, pelos lorpas, pelos covardes!

Não se deve dizer indo á alcova, á noute, depois do chá: « Vou dormir! » Insipida phrase! Phrase de camiza de flanella e barrete de algodão! Deve se diser: « Vou me deitar ». Equivale a declarar-se ao mundo:

O « poeta » : Vou evocar as santas musas da mocidade e do amor!

O « advogado »: Vou intrepretar alguns artigos do codigo!

O « negociante »: Vou estudar os movimentos do cambio!

O « namorado »: Vou vel-a!

O « ministro »: Vou demittir seja lá quem fôr!

O « tabellião »: Vou tentar nova forma de assignatura!

O « bohemio »: Vou cantar!

O « orphão »: Vou soffrer!

O « desesperado »: Eu cá por mim vou morrer!

E ha ainda quem affiance que essa calumniada cama, que essa historica e illustrada cama, foi posta á disposição dos mortaes para se dormir nella! Prodigiosa injuria!

Antes de me deitar, portanto, convidei o Adolpho K*** a

ensaiarmos uma digressão pela cidade. Embrulhei-me mais affanosamente no sobretudo e expozemo-nos ao ar livre da noute. Estava o céo de uma escuridão classica, e a doce chuva, pingando das dhalias, dos bogarins e dos lyrios curvos, repartia imparcialmente ás azas de todas as brisas os magos aromas daquella encantada naturesa, que é um encantado jardim!

A legião dos vagalumes marchava atravez das larangeiras e das sylvas agrestes, em columnas cerradas, expellindo das azas o clarão phantastico e suave!

Latiam de longe em longe os cães, e as cachoeiras, engrossadas pela chuva, estrugiam como as bravatas do oceano em horas de tempestade.

Voltei-me para o pomar, para o jardim, para o recreio do collegio, e puz-me a pensar em uma meia escuridão onde fluctuava a luz escassa de uma lanterna, que nos precedia.

— Que estás fasendo ahi! bradou-me o Adolpho.

— Deixa-me recordar, oh amigo! deixa-me recordar um bocadinho, que isso faz bem á saude!

E por traz das arvores ondulantes, do seio das margaridas e das magnolias, erguia-se a chorosa musa das minhas saudades de infancia, sacudindo em meu caminho, como

fasem os arvoredos orvalhados, a chuva das bemditas lagrimas do passado!

Umas vozes desconhecidas mas ternas, vozes semelhantes a murmurios de harpas e a tremulo ruido de beijos, pareciam articular-me ao ouvido sobresaltado:

Lembra-te ainda, lembra-te muito, lembra-te oh! destino caprichoso e aventureiro! do teu casto romance dos nove annos! Por aqui passaste durante um anno inteiro, todas as noutes, no meio dos teus companheiros de collegio, ás nove horas, depois do chá, e ias tonto de somno, recolher-te áquella casinha que d'aqui vês, repara! aquella casinha, perdida entre as moutas e as parreiras selvagens, como um sorriso piedoso e puro! Era ahi o dormitorio dos menores no tempo em que o sr. Calogeras, o teu excellente mestre, o teu grande amigo, dirigia o collegio! Os pyrilampos esgueiravam-se tal qual como agora, por entre os nossos franzinos galhos, e ás vezes, a pensativa lua derramava do alto do céo a sua argentina e transparente tunica.

Eras feliz então, eras! Não conhecias ainda a amizade que atraiçôa, o amor que arruina, e as glorias sombrias que dilaceram a cabeça procurando ornal-a com um diadema infernal!

Deve estar bem mudada, amigo, a tua alma!

Duvidamos que tenhas a idade das pyramides do Egypto, e no entanto ellas são mais fortes, mais crentes, mais moças do que tu! Lembra-te! Lembra-te! Olha para alli... é o rio! é o « fundão »! é o logar do banho! Os lyrios e as açucenas não desappareceram, — nota bem — crescem sempre alterosas e limpidas, essas flores innocentes! A agua soluça e ri como d'antes, a estrada como d'antes corre silenciosa, o céo é o mesmo, são as mesmas as relvas, e os passarinhos, que tu conhecias, veem ainda hoje tecer os ninhos entre os nossos ramos esperançosos! Só tu és outro! só tu mudaste! só tu envelheceste: ai de nós! só tu morreste!...

— Então! gritou-me o Adolpho impaciente.

A lanterna abriu-nos o caminho e pozemo-nos em marcha sem dizer uma palavra. Eu ia triste, e porque não dizel-o? pungia-me na alma a dôr do remorso de um crime que não commetti. A aza negra dos vampiros turbava por espaços o clarão sanguinolento da lanterna.

Não ha nada no mundo mais pacato, mais mudo, mais tumular do que os caminhos e estradas que bordam a elegante cidade, em pequena distancia do centro animado. Experimentei um choque immenso comparando-as aos mais desconhecidos beccos da Côrte.

— Oh! Adolpho, por aqui não tem havido algum caso de morte?

Elle olhou-me, cheio de admiração.

— Que dizes, homem?

— Algum suicidio, algum duello, alguma sova de páo?

— Ora essa! Estás zombando!

— Não estou, não, palavra de honra Pois olha, amigo, é este um dos logares mais proprios para o desforço mutuo da humanidade ultrajada!

— Tudo aqui é de paz; descansa: não terás a registrar facto nenhum que arripie os cabellos do leitor!

Que solidão, Deus de misericordia, aquella! Ouve-se apenas a natureza, a natureza virgem e expansiva como o amor primitivo! Um suspiro de fonte, o coaxar imponente e monotono de umas rãs, que questionavam não sei que theorias philosophicas, o grito da ave nocturna sorprendida pela chuva, e o sussurro das azas das mariposas negras, que fustigavam ciumentas o calíce das flôres!

Pela Côrte o caso muda de figura. É rara a rua em que não se tenha revelado a importancia de um par de cacetadas, e em que se não ande de bolso exposto á honestidade dos transeuntes!

Em Petropolis, á noute, corre-se apenas o risco de se

encontrar uma quadrilha de sylphos ou um bando de rosas que vos peça a bolsa ou a vida!...

Adolpho K*** apresentou-me em casa do seu excellente cunhado, o sr. José Luiz Ferreira, distincto administrador das obras publicas, um moço de real talento e recursos intellectuaes a toda a prova.

A elegante habitação do sr. Ferreira está na rua de Paulo Barbosa, uma das mais bonitas do lugar. É uma casa pequena, galante, fresca, cercada de flôres, com as suas cortinas rendadas de uma alvura especial e em cujo interior se encontra o agasalho das eras antigas, em que o hospede trazido pelo filho, assumia as proporções de filho primogenito da familia.

A velha mãe de Adolpho recebeu-me com ares de quem veio unicamente ao mundo para ser de uma ineffavel generosidade, e o sr. Ferreira tratou de penhorar-me enchendo-me de attenções. Em um quarto proximo á sala dormiam duas galantes crianças louras, ameaçadas por uma chusma de mimos que o Adolpho trouxera da Côrte!

Nas paredes da gentil salinha admirei duas gravuras representando quadros de Delaroche e Paulo Deltufe, creio eu. Cousa melhor, porém, estava reservada á minha curiosidade: era o hospital de Santa Thereza, plano do Dr Bonjean, e executado em papel pelo sr. José Luiz Ferreira.

Este hospital de Santa Thereza, cuja pedra fundamental foi lançada pelo Imperador no dia 2 de Fevereiro de 1871, só teve começo de execução um anno depois! Vá isso como parenthesis, e digamos de relance, qual o plano do Dr. Bonjean. Todo o edificio deve ter cincoenta e cinco janellas de cantaria, cinco portas exteriores, cincoenta e nove interiores e cinco escadas de cantaria. Comprehende na frente tres salas, quatro quartos particulares, corredor por onde se entra na pharmacia e dous quartos de empregados. Dos lados ha quatro enfermarias e quatro sentinas; quatro quartos para banhos, quatro para enfermarias; em seguida ao corredor, refeitorio, rouparia e um quarto; duas enfermarias mais e quatro quartos particulares Segue-se a galeria, e no segundo corpo do edificio a cozinha, a copa, a dispensa, sentina e tres quartos para empregados. Accrescentando a isso a casa para deposito de cadaveres e a sala de autopsia, temos mais ou menos idéa do excellente plano do Dr. Bonjean.

O sr. Ferreira, com uma habilidade rarissima, pôz em pratica o edificio, usando de papel encorpado, fingindo perfeitamente a cantaria, e não esquecendo se quer as telhas, que tambem são de papel. O edificio em ponto pequeno, como o executou o sr. Ferreira, mede um metro de comprido sobre meio de largura. É uma curiosidade:

tudo se vê alli; atravessa-se corredores; admira-se o vidro das janellas, as escadas, as vigas, os ventilladores, etc. Custou esse trabalho o espaço de sete mezes, e o intelligente administrador das obras publicas pretende offerecel-o ao Imperador.

O sr. José Luiz Ferreira é desses moços para quem o governo deveria olhar com muita attenção e muito desvelo.

Ás nove horas, pouco menos, pouco mais, eu e o Adolpho K*** dirigimo-nos á cidade. Mal pude nessa occasião admirar os magnificos predios das principaes ruas, como as da Aureliana, D. Januaria, D. Francisca, do Imperador, de Paulo Barbosa, da Imperatriz, de D. Maria II, de Bragança, a que o novo canal dá um aspecto graciosissimo, de D. Leopoldina, de Monte-Caseros, onde se vê as tristes ruinas do cemiterio velho, de Nassau, onde está o collegio Kopke, etc., etc.

Voltámos ás onze horas e eu encontrei, á minha espera, em casa do sr. Ferreira um magnifico aposento e uma cama confortavel... para sonhar, nunca para dormir! Não durmo em cama, já disse!

Sobre a mesa ao pé da cama, haviam collecções de comedias do Feuillet, que reli com o enthusiasmo que voto ao mais delicado e artistico escriptor da França contemporanea. O cansaço opprimia-me; resmungavam ao

longe as rãs, e o frio chamava-me á ordem. Embrulhei-me em uma confortavel coberta, e... passei a noute!

O Imperador era esperado das nove as dez horas no alto da serra. Dirigimo-nos para lá a pé, uma legua, ida e volta! eu, o Adolpho, e os Drs. J. e L. Guimarães, charás, amigos e collegas de academia!

As amazonas elegantes, amazonas da Côrte, note-se! enchiam a estrada com as suas plumas roçagantes, em fogosos corceis, deixando voar nas lufadas do vento indiscreto as fimbrias do vestido revolucionario!

Carros replectos de familias, de senhoras, de sedas e de luxo, seguiam igual direcção. E a atmosphera limpida e casta, a atmosphera pobre daquellas paragens, parecia arrufar-se ao contacto dos setins que a afrontavam! O luxo alli fazia triste figura, valha a verdade!

Começaram a passar os meninos do collegio em alas; mulheres de cabellos louros e avental de sarja preta, guiavam bandos de meninas vestidas de branco e com ramalhetes na mão. Aquillo sim! Aquillo é que era a doçura da mediocridade, da singelleza e da supportavel e bemdita miseria.

Uma banda allemã esperava tambem na serra a familia imperial.

Assim que apontaram os carros do paço, subiram ao ar

festivas girandolas, e o Imperador, a princeza, a Imperatriz e o conde d'Eu foram saudados por um milhão de vozes infantis, como um hymno de innocencia, emquanto o hymno nacional reboava na limpida atmosphera da serra dos Orgãos !

Os principes, filhos do duque de Saxe e da sempre lembrada princeza, criancinhas louras, rosadas, risonhas como uns colibris, correspondiam contentes á ovação dos outros colibris que os admiravam.

Atraz do carro imperial as carroagens lançaram-se a galope, e os demais carros descobertos formaram o sequito. As crianças pobres tiveram de seguir a pé, com os seus rasgados olhos azues, e o sorriso da ventura e da pobreza feliz nos labios purpurinos.

Voltámos para o collegio Paixão, de que fallarei em breve, já que eu para honrar Petropolis concedi-lhe uma discripção em quatro capitulos.

— O que faremos hoje, Adolpho ?

— Iremos á Cascatinha, correremos a cidade toda, e á noute...

— A noute ? termina, oh amigo !

— Á noute assistirás ao baile dos allemães. É preciso que fiques um perfeito petropolitano.

— *Prrafo !* como dizem os teus patricios.

## IV

Antes de partirmos para a Cascatinha, que dista, creio eu, uma legua da cidade, e emquanto os animaes do carro que nos esperava, escarvavam arrogantemente o chão, fui, guiado pelo director, visitar o interior do collegio.

O collegio Paixão é um dos primeiros que existem entre nós pela limpeza, pelo esmeradissimo asseio, pela profusão e escolha de alimentos, pelo ensino, pela posição do edificio em que funcciona, e pela paternal amizade do director e mestres para com todos os alumnos.

Só tive occasião de tratar com um dos professores, o sr. Moore, moço illustrado e de uma distincção especial. Lecciona francez e inglez. Corri os dormitorios, que são quatro, amplos e arejadissimos; as camas dos meninos feitas com o maior apuro apresentavam cuidadosa limpeza, e os uniformes dos pequenos, chegados, meia hora antes, do passeio ao encontro do Imperador, estavam á cabeceira, dobradinhos e acondicionados com a delicadeza que

nessas cousas revela a mão carinhosa de uma mãe ou de uma irmã.

Nos quatro dormitorios cabem perfeitamente camas para cem alumnos, ficando todos á larga. Ha, além das salas geraes, quartos particulares para doentes de molestia contagiosa, sem contar com a enfermaria, confiada ás attenções de um empregado zeloso, querido pelos rapazes. Passámos dos dormitorios aos salões em que funccionam as aulas. Em tudo o mesmo apparato de limpeza e o chão e os bancos luzidios como se tivessem sahido das mãos do marceneiro na vespera. No collegio Paixão preparam-se estudantes para o curso superior, e, se attendermos á estatistica publicada, o collegio deu proporcionalmente nos ultimos exames da instrucção publica mais alumnos approvados do que os outros.

A bibliotheca, que é pequena, é escolhida, não se poupando o director a despesas para a acquisição das obras mais bem recebidas pela critica e pelo professorado moderno. Eu estava ancioso por vêr o recreio, o alpendre, á cuja sombra, em épocas felizes, imparcialissimo leitor! saltei no jogo da amarella, como acontece hoje a muitos rectos juizes nossos por cima da constituição e do codigo!

Os meninos, corados e alegres, entregavam-se ás evoluções graciosas daquella idade de bemdita escravidão, de

que com tanto enthusiasmo nos libertamos ao apontar a lanugem do primeiro buço, para a chorarmos depois com lagrimas tão cruentas e tão amargas!

Uma circumstancia que falla a favor de qualquer estabelecimento de educação infantil, é a alegria dos que nelle se educam!

No collegio Paixão, por exemplo, os rapazinhos e os rapazes, não ha remedio senão dar esta ultima classificação a dous ou tres taludinhos que por lá ha! vivem jovialmente com um constante sorriso na boca, e nos olhos; gestos francos de quem passa satisfeito, jaqueta sem tiras, o que é uma vantagem enorme para o director da rouparia, fortes, sadios, bem dispostos, e resistindo ás lufadas daquelles frios impertinentes com uma sem-cerimonia proverbial!

Jogavam uns a amarella, outros jogavam a barra, que recordações! jogavam outros a malha, e havia a um lado o trapesio para as evoluções gymnasticas, que naquelle momento não tinha concurrentes.

Segui-os nos graciosos brinquedos, lembrando-me do tempo em que eu e dous a tres companheiros inseparaveis, faziamos um figurão de perninha levantada ou correndo como veados em voltas, vira-voltas e zig-zags caprichosos!

Esses dous a tres companheiros são hoje, um juiz de direito, outro addido de legação e o ultimo casado.

Vejam que differença na vida de quem tanto pulou, corcoveou e esperneou aos dez annos de idade!

Negue-se ainda a força do destino, oh! Verdi! Se é possivel negar a força do destino!

Depois de percorrermos todo o recreio, o sr. Paixão convidou-me a vêr o theatro.

— O theatro? Como o theatro?... Será o mesmo das minhas éras?

— É, com pequenas modificações. Pintou-se o panno.

— Creio, creio; ha dezoito annos!

O theatrinho do collegio é garrido e gentil, com a sua orchestra, o seu largo salão para espectadores e uma sofrivel collecção de trabalhos scenographicos.

Em honra á minha pessoa dous meninos trataram de armar uma vista de bosque, por cuja attenção senti-me commovido!

O panno de boca representa allegorias á arte e em escudos lê-se os nomes de varios escriptores dramaticos e compositores nacionaes, como Mesquita, Carlos Gomes, Bocayuva, Alencar, Macedo, etc. No frontespicio do panno está gravada a seguinte maxima: « Ridendo mores hominum castigantur. » Disseram-me que são muito concor-

ridos os espectaculos; e, quanto a mim, nada como um divertimento dessa especie para apurar o gosto dos meninos e habitual-os a mostrar sem enleio o nariz á sociedade!

O theatrinho do collegio Paixão é digno do maior successo, embora não fosse senão em louvor ao meu nome.

Livre de brincadeira! aos dez annos pisei aquelle tablado, figurando em uma peça apparatosa em tres actos, no primeiro, de criado mudo, no segundo, de convidado mudo, no terceiro, de marinheiro... mudo; sempre de uma mudez impermeavel!

O jardim que costêa uma das faces do collegio é crescidissimo e opulento; a flora petropolitana maravilha ao mais indifferente apreciador do genero. Em riquissimos festões entrelaçam-se as dhalias, as camelias, as rosas de um milhão de matyzes, os amores perfeitos, que são indiscriptiveis, e toda a sorte de flores; nascendo por alli, rebentando da terra em cardumes, como as estrellas no céo e como as arêas no mar.

A horta é immensa e está tratada com um exemplar desvello. Essas modificações em geral, tanto no terreno que circumda e pertence ao collegio, como dentro do edificio, devem-se ao incansavel afan com que o sr. Paixão dirige o seu notavel estabelecimento.

Lamentei sinceramente não poder assistir ás aulas, pois chegaramos no sabbado á noute e ás seis horas da segunda-feira teriamos de voltar á Côrte. O Adolpho, com finissima delicadeza, promptificou-se a acompanhar-me na viagem de regresso.

Não me esquecerei nunca dos agradaveis momentos que passei no collegio Paixão, do cavalheirismo do director e de seu socio, o meu amigo e companheiro de jornada, guardando em minha memoria as affabilidades de que fui alvo no limitadissimo espaço de tempo que estive em Petropolis.

O collegio Paixão conta já um soffrivel numero de alumnos, e é de crer que em breve duplique esse numero.

Os paes de familia que procurarem para os meninos os bons ares, que é a verdadeira saude, e o bom ensino, a boa moral, que é a hygiene da alma, devem prestar a maior attenção áquelle collegio, onde os estudantes são considerados filhos e os mestres realisam a alta missão de que os reveste o seu laborioso e nobre encargo.

O boleeiro do carro que nos conduziria á Cascatinha dava signaes de viva impaciencia.

— Não ha remedio! embarquemos!

— Embarquemos! acudiu Adolpho dirigindo um complacente sorriso ao cocheiro.

Soube depois que era barão esse boleeiro, e até o termo do passeio, contemplei-o com um respeito profundo e plebeu!

De passagem recebemos na rua de Paula Barbosa o Dr. L. Guimarães e um novo companheiro, um distincto negociante desta praça, com quem prezei-me exhuberantemente de travar relações.

— Toca para a Cascatinha!

O caminho até lá é cheio de variedades de perspectiva e de crescentes encantos! As arvores que abeiram a estrada estendem os seus ramos verdes, cobertos por uma fina rêde côr de ouro, azul e da alvura da neve, onde murmura o vento fresco e donde cáem os louros cipós em fluctuantes arabescos.

Os mais bellos sitios dos arrabaldes de Petropolis ficavam-nos em caminho. Lá estava o Retiro, um formoso logar meio melancolico e silencioso, mas cheio de attracções bucolicas; além a cachoeira da Alcobaça, cujas aguas espumantes despenham-se pelas espaduas do morro em um eterno lençol de prismas cambiantes, rubins, esmeraldas e saphiras, quando as fere o raio do sol no levante; perolas e opalas quando a pensativa lua banha na torrente

impetuosa o seu longo manto, ungido de ternura e de lagrimas!

Antes de admirarmos a queda da Cascatinha vimos o rio, sobre o qual ha uma excellente ponte, rio que mais tarde forma a cachoeira e em juncção com dous outros, Mozella e Morin, toma o nome de Piabanha no começo da Westphalia.

O caminho do Carangola, a cuja frente passámos com a rapidez de um bom passeio, é para Petropolis o que são as arvores e os parques de Versailles para as lembranças do povo parisiense. Foi alli o antigo torneio dos *piquiniques*. Por alli voavam os corceis impacientes como o desejo, sustendo no dorso abrasado as amazonas de jupas de setim e cabellos desatados! As risadas argentinas écoavam no valle extenso, as acacias bambeavam com as baforadas do meio dia, o sol dardejava raios tentadores, e o perigo, a mocidade, as chimeras e o amor, dansavam, atravez dos arvoredos e sobre a verde pellucia do campo, a festiva sarabanda dos vinte annos.

Mas tudo acaba, tudo passa, oh meigas abelhas, oh adoradas borboletas, oh infatigaveis cigarras, que não contaveis com a vinda do inverno e da velhice... Agora está sombrio aquelle logar, sombrio e mudo, como um campo de batalha, depois do ultimo ataque...

Tu já não erguerás com a ponta da tua chibata, Margarida, os ramos curvos das larangeiras, á cuja sombra desapparecia o teu cavallo, igual em ligeireza e garbo á setta desfechada pelo arco indiano!

Não sorrirás no calmo espelho das aguas, Eleonora, namorando os teus encantos! Oh! pobre Julieta! murcharam as tuas faces como as petalas dos jasmins, que trouxeste no seio naquella tarde da poesia e das esperanças loucas!

Pareceu-me vêr ainda um grupo de amazonas cavalgarem alegres ao longe, no mais umbroso do sitio, mas, quando ia mostral-as aos meus amigos, ellas dessappareceram, neblina suave e encantada!

Assim desapparece a mocidade! assim desapparece o amor, a gloria, a riqueza; ai de mim! assim desapparecem as sombras amadas do passado! Não será esta vida toda um *piquinique* insensato e fatal?

Estacou o carro, e nós descemos por um atalho esboroado que ia ter á Cascatinha. O fragor das aguas inebriava-nos, e o vento, que molha na cachoeira as azas temerarias, roçava-nos a face humedecendo-a com um vapor subtil e frio!

A Cascatinha do Bulhões, como a chamam geralmente, é um prodigio de belleza e uma das mais brilhantes provas

de capacidade da luxuriosa natureza petropolitana. As aguas fervem em espumas, ao pé das quaes a neve faria pessima figura, e cáem, rolam, estorcem-se por cima de uma infinidade de pedras e penhascos, desabando por alli abaixo, com um ruido, ora crystallino e vibrante, ora profundo, lugubre e magestoso, á semelhança de uma trovoada enorme!

Em redor della a matta enrama-se e abraça-se, a genuina, a extensa matta virgem com as suas arvores cobertas de musgos e véos seculares, as suas orchideas e parasitas' cortando de quando em quando aquelle espaço solitario o grito de uma ave que ninguem conhece e que vôa, afastando com a longa aza os cipós entrelaçados e hirtos!

É pena que a melhor parte das nossas bellezas naturaes não seja devidamente apreciada, procurada e admirada pelos viajantes nacionaes.

Raro visitante de Petropolis deixa o confortavel e monotono sabor do hotel Bragança pelo imprevisto e pelo romanesco de um passeio de *tourista*!

A sociedade em Petropolis, a alta sociedade, arrisquemos o qualificativo! encerra-se em um certo recolhimento feudal, que cheira á aristocracia, tres leguas em redor, fazendo consistir todas as suas distracções em conversas enluvadas, em partidas de *whist* e *bezigue*, em passeios de

carro ao alto da serra, que se denomina, não sei porque, *boulevard*, ou *une promenade au bois!* — em variações de Thalberg ao piano, e outras peripecias elegantes, que, a fallarmos a verdade, estão pessimamente encartadas naquelle aprazivel logar de Petropolis, tão replecto de poesia campestre e de uma natureza tão pura!

O rio, logo adiante da cascata, a feiticeira enseada, especie de lagôa em que se aprecia o fluxo e refluxo das diversas aguas, que se confundem nessa parte, é uma cousa para vêr-se; que limpidez! que bonança! que sombras odorosas! Mil grupos de borboletas brancas, azues, encarnadas, esmeraldinas, pairam sobre o quieto espelho da onda azulada, como os pensamentos palpaveis, os alados pensamentos dos genios druidicos, que dormem o somno do perfume eterno nas balsas orvalhadas da floresta!

O aroma dos cardos, da baunilha, dos bogarins e das rosas bravas, deslisa suavemente sobre a agua ao afago dos ventos, e, de tempos a tempos, a fulgida couraça de um peixe transparece á superficie do rio, com um estrepito fugaz e harmonioso!

Voltámos ao carro, que nos esperava, e eu, de passagem, li uns nomes abertos a canivete e grampo na casca das arvores em frente á cascata! Felizes os que conseguiram

alliar ao seu o nome de algum bemdito amor, e ao som das cachoeiras virgens ouvir uma palavra de coragem, de heroismo e de enthusiasmo nesta semsaborona peregrinação da vida.

Chegámos tarde á casa; e depois de jantarmos no collegio Paixão, fomos percorrer a cidade com a soffreguidão de viajantes que não teem tempo a perder.

Todos conhecem Petropolis. Aquelle rio atravessando as principaes ruas, as quasi infinitas bordaduras de lyrios e boninas, que cercam alguns caminhos mais agrestes, os edificios magnificos, porque os ha em Petropolis, e principalmente os particulares, como a casa do sr. commendador D. P.; os chorões que se debruçam nas ribas do canal, as arvores que adornam as ruas, tudo isso é gracioso, é fóra do vulgar, é essencialmente petropolitano e dá á cidade um aspecto risonho de ballada ou de lenda dos tempos de Boabdil.

O theatro é pequeno, mas interessante. Com o que eu não posso concordar é com as duas estatuas que lhe pozeram em cima: Camões e Pedro Alvares Cabral. Se é elle com certeza, o que vem fazer alli D. Pedro Alvares Cabral, não me dirão!!

Era dia de festa esse domingo! Festejavam a volta da familia imperial, embandeirando alguns quarteirões, en-

chendo de folhas as ruas, e á noute accenderam-se lanternas venezianas em quasi toda a cidade. Imaginem Petropolis a *giorno!* Dir-se-hia um daquelles quadros em que a George Sand descreve uma scena principesca, ao clarão das luzes, á meia noute, em Veneza!

Petropolis é a terra das crianças. Tive a pachorra, de contar nada menos de sessenta e sete em duas pequenas ruas. E todas ellas alegres, frescas, sadias, de cabello louro, olhos azues da côr do céo sem trovoada, sorriso gostoso em uns beicinhos rubros como a polpa de uma romã! Estava alli a doçura evangelica dos primeiros tempos, os tempos de Galathéa e dos menestreis da pastoril! Uma casinha alva, pobre, limpa; uma velha de touca esmeradamente lavada e engommada, a fiar a um canto da saleta; o gato anafado e ruivo por baixo do banco; dous meninos meio nús á porta; trepadeiras a enroscarem-se pelas janellas; em uma gaiola o infallivel colleiro a enfiar cantigas, e em uma suave penumbra, quasi ao pé da alcova, a virgem de dezoito annos, branca e pensativa, a remendar umas calças do velho pae ou a jaquetinha desmantelada do irmão mais moço!

Pobre Margarida! Cose, cose e sê feliz, sempre! Não conheces a Côrte, nem o *cold-cream*, nem o *tonico oriental*, nem o theatro Lyrico Fluminense! Cose e agradece a

Deus, pequena ! *Era um dia um Rei de Thule...* Canta e cose, Margarida ! Que não te venham perturbar os Faustos e Mephistopheles nacionaes !

A camara municipal de Petropolis é um edificio pequeno e mal proporcionado, sem elegancia, nem o mais simples attributo que imponha !

Uma cousa com que antipathisei foi com o modo de enfeitar as ruas, arrancando as arvores que cresciam em outras... A camara municipal seguiu esse systhema, envolvendo as suas janellas em ramos e sanefas de acacias e outras arvores do logar ! Explendida natureza ! millionaria explendida ! Nem assim são capazes de te... abrir a fallencia !

Vi a casa do tabellião. Um tabellião é geralmente sugeito gordo, baixote, espertote, de oculos escuros, bochecha risonha e abdomen expansivo, não é verdade ? Pois o de lá é alto, pallido, poetico, um tabellião poetico ! e de longos cabellos encaracolados... Mora em um *chalet* delicadissimo, e, quando o vi á janella, pareceu-me admirar o mais ethoreo tabellião dos romances de Houssaye e Julio Sandeau !

Á noute choveu em Petropolis nesse domingo que foi um regalo... para as plantas, de certo ! Duas sociedades allemães, a União e a Cecilia, dirigiram-se ao paço, prece-

didas de bandas de musica, bandeiras e uma profusão copiosissima de archotes.

Apesar da chuva torrencial, que parecia exigir a todo o momento a presença de uma arca, fomos á Rhenania assistir ao baile allemão. Entrava quem queria ! *Gratis ! Gratis !* palavra amistosa e querida, que sôa invariavelmente, sem traducção possivel, ao ouvido das cinco partes do mundo !

O baile esteve animadissimo. Nunca vi tanta dansa, tanto pulo e... tanta ordem ! Mulheres amamentando criancinhas de poucos mezes, meninos de dous annos, velhos de cento e tantos annos ! Confundiam-se, olhavam-se , sorriam-se e dansavam sem que houvesse o minimo apito .. de urbano ou de inspector de quarteirão !

As quadrilhas eram formadas a toque de clarim. Cousa nova, novissima ! Cuidei-me em Paysandú... batalha afinal, a que não me foi dado assistir !

E dansou-se, pulou-se, fallou-se allemão, fumou-se naquelle immenso salão que estrebuchava, sem ninguem pensar na chuva, na policia, na constipação e no futuro !

Ás dez horas, depois de ouvirmos o hymno cantado a côro secco pelas duas sociedades, retirámo-nos, eu e o Adolpho K***.

Dormimos ás pressas, essa noute.

Poderiamos perder a viagem! Ás 5 1/2 horas, com um frio syberiano, ergui-me, vesti-me, bebi dous tragos de excellente café, abracei o sr. Ferreira, apertei as mãos da boa velhinha, mãe do Adolpho, e, ao passar o carro da serra, que desta vez, fataes divindades! não era governado pelo Miguel, dissemos adeus a Petropolis, e eu confiei-me ao destino com certa saudade e uma certa pena de trocar a rua do Ouvidor pelo salão da Rhenania.

A viagem foi monotona; na côrte chovia quando chegámos.

Desembarquei meio assustado, meio enleiado, como um roceiro que vem pela primeira vez á cidade e procurei romper o povo á conquista de um tilbury.

Tres negros minas carregados de immensas malas e saccos atropellaram-me; os prégoeiros de jornaes ensurdeciam-me; os vendedores de balas... baleavam-me, e quando pude afinal lançar-me dentro de um tilbury e gritar-lhe: *Diarío do Rio!* reconheci dolorosamente commovido... que estava na patria!

## MEMORIAS ETERNAS

As mãos d'ella tremiam entre as minhas; as suas mãos, levemente humidas, avelludadas, cheias de innocencia e de terror! Tinha medo, a pobre creatura, — medo! A noite cercava-nos com todos os seus mysterios e encantos; por baixo do terraço em que estavamos, suspirava a agua entre murtas, e os pirylampos abriam a aza melancolica...

Ella era casta como se Deus a houvera formado n'aquelle momento. Nem pensava no futuro, nem pensava na vida. Sorria-me, envolta no véo do pudor, como a imagem da Virgem, atravez das nuvens do incenso. Chamava-se. .

Um anno depois, encontrei-a de novo em pleno saráu, arrastando a tunica da opulencia, com a fronte coroada de rubins e perolas, o regaço immerso n'uma constellação de diamantes. Explendida menina! As Graças e os Anjos voavam em redor dos seus cabellos e os *cherubins do amor*

aninhavam-se na sua boca arrebatadora. Quando eu ao approximar-me d'ella pronunciei-lhe o nome... o nome...

Amei-a deveras! como se ama na mocidade, como se aspira e deseja em meio das mais fogozas esperanças! Era o meu talisman aquella mão alva e meiga; era a orchestra de minha alma aquella voz onctuosa e pura; era a minha felicidade unica, essencialmente unica, o sorriso de seus labios ou a lagrima cristallina de seus olhos pensativos.

De bom grado eu entregaria sangue e alma ás furias infernaes se por tal meio conseguisse um momento se quer beijar-lhe as orlas do seu vestido fugitivo e ajoelhar-me a seus pés.

Era um amor profundo como o céu e irresistivel como o mar.

Chamava-se... ?

Diabo! já não me lembro do nome d'ella!

# A NOIVA

Causou profunda sensação em toda a provincia de Pernambuco uma noticia que os jornaes fizeram espalhar no dia 6 de Janeiro de 186... Era este o topico merecedor das attenções e das minuciosas analyses do publico em geral:

« Ás tres horas da madrugada ardia o engenho como uma immensa fogueira. O sr. commendador***, conseguiu em companhia de sua esposa e de seu filho mais moço, salvar-se a tempo das chammas, que já se haviam apoderado de tres partes da casa; os dous outros filhos do sr. commendador***, meninos de oito a dez annos, foram victimas da catastrophe. Morreram alguns escravos, uns por pernoutarem na casa da vivenda, e outros procurando a todo o custo salvarem os jovens senhores, cujos gritos de desespero depressa o incendio suffocou em suas irresistiveis labaredas e fumo.

« O incendiario, conhecido por Lucio Marialva, é nada mais nem menos do que o sr. Lauriano Macedo, esse moço

elegante, distincto e millionario, cujo desapparecimento dos circulos da nossa capital deu origem a tão variadas e romanescas versões. Está preso e breve receberá das mãos da justiça a merecida punição aos seus inqualificaveis delictos. O cadaver da Exma. sra. D. Angela, filha do sr. Commendador ***, acha-se exposto hoje até ás 6 horas da tarde na igreja do Collegio. Avalia-se em perto de cento e tantos contos a perda soffrida pelo commendador*** com o incendio do seu grande e sumptuoso engenho. Voltaremos a este triste assumpto, e narraremos ao leitor todos os pormenores de um facto que parece assumir a fabulosa attitude dos mais incriveis romances. »

Lauriano Macedo foi um dos rapazes genuinamente elegantes da cidade do Recife. Era o perfeito, era o apurado typo do janota brasileiro, que esteve em Paris, mas que de lá trouxe apenas o aprumo gentil e não atoleimada macaquice. Fallava correctamente a lingua portugueza, e depois da viagem á Europa nunca enxertou nas suas phrases um *R* de mais ou um assovio transatlantico, que recordasse o sotaque parisiense. Nisto Macedo destacava-se brilhantemente de certo grupo de *touristas* nacionaes que vão á Europa com o fim unico de envernisar os botins e sombrear o espirito.

Vestia-se com apuro e usava os mais lustrosos e flacidos

bigodes do mundo. Era pallido; tinha olhos negros, cheios de meiguice e de luz; fazia em horas de fastio versos lyricos; adorava Meyerbeer; decorava em dez minutos seis orientaes de Victor Hugo na ponta da lingua, e acertava com a bala de um revolver em um alvo de meia pollegada, a cento e cincoenta passos de distancia.

Lauriano Macedo passou a maior parte da sua mocidade nos theatros, nos bailes e nos passeios campestres.

Só lhe restava da familia sua mãe, uma formosa senhora de quarenta e seis annos, delicada e carinhosa como uma santa. Lauriano amava-a e por uma lagrima della trocaria todos os sorrisos das mulheres da Europa, da Asia, da Africa, da America e da Oceania.

Macedo era vaidoso. Que diabo! Não se póde ser perfeito como os habitantes do Kalendario, quando se frequenta uma capital populosa e explendida em pleno seculo XIX!

A vaidade do janota revelava-se á mesa do jogo e em presença das mulheres bonitas.

Uma vez, em Apipucos, trocou o seu magnifico cavallo alasão por um cravo, offerta de mão femenina, que se estrellava no peito do *paletot* de um dos seus amigos. A dama sorriu de orgulhosa, e o amigo encarapitou-se im-

mediatamente no alasão, agradecendo ao namoro e aos cravos tão opulenta montaria.

Outra vez Lauriano Macedo estava presente a um disputado *lansquenet* na villa do Cabo.

A filha do dono da casa, uma bonina com ares de criança, uma joia de cabellos de ouro e olhos de um azul britannico, olhou para uma dama que cahia sobre o tapete verde, exclamando entre duas risadas matináes:

— Oh! como se parece commigo!

Macedo apostou a favor da dama a bagatella de 2:000$, que perdeu em um *doublé* fulminante.

A bonina com ares de criança contemplou-o boquiaberta e Macedo, alisando docemente o bigode com a mão enluvada, começou a fallar acerca da importancia do jogo nas sociedades modernas, do enthusiasmo causado em Paris pelas novas fórmas de toucados, etc., etc , etc.

A fortuna de Macedo era copiosa e segura. Além da legitima paterna, sua mãe acodia-lhe de prompto ao mais extravagante capricho e á mais custosa phantasia.

O diabo que não dorme, segundo a carumchosa opinião das beatas, metteu-se de permeio na felicidade daquella excellente familia. Chegou a Pernambuco uma companhia ambulante de Alcazar, e Lauriano, sem se saber porque, apaixonou-se como um musulmano por uma das chilrea-

doras do repertorio de Offenbach. A sociedade estremeceu de horror ouvindo narrar os trechos desse romance escandaloso, e o nome de Lauriano Macedo foi perseguido incontinente pela execração familiar.

Dizem que por tal motivo a mãe do moço cahiu de cama, e depois de dous mezes de luta contra a invencivel febre que a devorava, subiu ao céo, abençoando entre lagrimas o filho.

Macedo acompanhou toda a dolorosa agonia daquella a quem mais amava na terra. Levantou-se dos pés da cama mortuaria purificado pela dôr e santificado pelo cruento remorso.

A alcazarina, nesse pequeno espaço de tregoas, hypothecara-se a outra fortuna gorda.

O certo é que Lauriano Macedo, duas semanas depois do enterro de sua mãe, desappareceu do Recife, incumbindo a um velho e honrado amigo de distribuir a sua fortuna liquida pelos asylos e casas de misericordia.

— E o senhor para onde vae?

— Eu? respondeu Lauriano, vou ver se realiso a piedosa legenda do Judeu amaldiçoado por Christo.

Desde então, ninguem mais se lembrou do primeiro janota pernambucano, o terror das velhas gaiteiras, o

querido fructo das donzellas e o camarada certo dos rapazes da alta sociedade.

O commendador *** era um dos mais abastados senhores de engenho de Pernambuco. O engenho principal, onde morava a familia, estava situado ao Norte da provincia, vinte leguas distante da capital. Bella moradia, soberbo predio aformoseado á moderna, fabricas novas, engenho magnifico, cento e vinte escravos, terras vastas e uma consideravel fartura de plantações. O commendador era um homem rispido e brutal, um verdadeiro representante dessa pavorosa classe de fazendeiros e plantadores do tempo antigo, cujo poder feudal reflectia-se em negros terrores sobre a humildade aviltante dos escravos e o medroso respeito dos filhos. Uma unica filha que possuia, além dos tres meninos do casal, symbolisava o mais suave typo da candura, da belleza e da generosidade feminina.

Chamava-se Angela; tinha dezoito annos na época em que se passou esta historia, inverosimil e real. Era formosa como um raio do sol, e terna como o lacteo clarão da lua. Riam-se nos seus olhos as madrugadas do céo; desabrochavam na sua boca as rosas do paraiso.

A educação da menina fôra feita sob as delicadas vistas maternas; eis o motivo porque o feroz commendador poderia ter a vaidade de apresentar um dia nos salões per-

nambucanos uma completa senhora, com todos os quisitos primorosos que a fina sociedade requer.

Angela amava a solidão e a paysagem alpestre com a furia insaciavel das almas amigas do desconhecido e das sagradas poesias, innatas na natureza virgem. Um bom livro e um bom cavallo eram as suas glorias intimas, os seus desejos e as suas grandes e unicas ambições.

Nas horas do sol abrasador, emquanto os passaros acoutavam-se febris nas folhas do arvoredo sombrio, e a enchada cavava a terra ao grito compassado dos escravos, a menina no seu quarto, junto á janella escancarada, relia nos versos de Musset e nos romances de Alencar os queridos poemas de sua alma, bafejados pelos quatro ventos da mocidade inquieta.

Tudo lhe corria ás mil maravilhas; á tarde o pagem estendia-lhe o estribo de um animal fogoso e bello; Angela de um salto apoderava-se do selim, vibrava a chibatinha no ar fresco e minutos depois, amazona e corsel desapparéciam na encruzilhada, rapidos como os cavalleiros de Ossian.

O commendador, occupado com os melhoramentos dos engenhos, e o jogo das acções, pouco tempo offerecia á amizade da familia. A mulher e os filhos tremiam como condemnados á sua presença. Angela estimava-o sem temel-o.

Era ella o balsamo da casa; em seu seio vinham os meninos resmungar antes de ir para o collegio e ouvir a explicação da lição marcada, no louvavel intuito de evitar meia duzia de bolos.

Os escravos amavam-na com fanatismo.

— Lá vae a santinha! diziam elles entre si quando ao longe corria em um turbilhão a amazona, com o seu chapéo emplumado e as largas saias do vestuario cinzento voando na zona luminosa da tarde.

Em um desses passeios Angela ficou sorprendida de ver um novo typo naquelles arredores. Á porta de humillissima cabana, meio-coberta de telhas, meio coberta de sapê, estava um moço vestido de simples blusa, lendo attentamente um livro de capa negra com arabescos, que pareceu aos olhos de Angela ser a Biblia.

Ao ruido das patas do animal o leitor ergueu os olhos, viu na estrada a moça, cortejou-a humildemente e continuou a empregar a attenção no livro. Aquelles negros olhos que se fitaram de relance na filha do commendador, eram os olhos de Lauriano Macedo.

Angela essa noute não pôde dormir ás horas do costume. Abriu um livro e leu-lhe as primeiras paginas; fechou-o de impeto, deitou-se, levantou-se immediatamente e, debruçando-se na janella, por onde respiravam as deliciosas

aragens da noute, pôz os olhos pensativos nas corôas de estrellas que entrelaçavam-se no céo.

Só ás frescas bafagens da manhã foi que ella conseguiu de fatigada fechar os olhos abatidos.

Sonhava com o desconhecido do passeio, quando a mucama veio participar-lhe que estava sellado o animal para as excursões habituaes.

Ella vestiu-se, tremula como um condemnado que enverga a mortalha do cadafalso. Olhou-se ao espelho: estava pallida, da pallidez dos mortos.

— Manda recolher o cavallo! exclamou flagellando a amazona com a ponta flexivel da chibata.

A crioula observou-a admirada.

— Estou doente! não passeio hoje!

E quando a mucama sahiu a cumprir a ordem, a menina escondeu o rosto nas mãos, chorando convulsivamente.

Ora, uma das cousas mais discutidas e menos comprehendidas do mundo é o amor. Deus, dando ingresso na alma humana ao miraculoso sentimento, tornou-o impenetravel ás vistas da creatura que o acolhe. No mysterio do amor está toda a força, todo o enthusiasmo, todo o delirio e todos os heroismos do coração que ama. Angela chamou dous dias depois do encontro o seu pagem favorito.

— Conheces aquelle moço que vemos sempre para os lados da Venda Nova?

— Elle chegou ha poucos dias. O escravo delle eu conheço; agora elle...

— Indaga; ouviste? acodiu ella nervosamente. Indaga hoje mesmo.

Á tarde o pagem declarou á filha do commendador que o desconhecido chamava-se Lucio Marialva.

— Mais nada?

— Nada.

— E quem é elle! Donde veio? É filho daqui? Está em Pernambuco ha muito tempo?

— Não sei, não, senhora.

Angela correu ao seu quarto e comprimindo com ambas as mãos a alma que lhe estalava no coração:

— Que me importa o seu nome! bradou cheia de dôr e de enthusiasmo. Amo-o! Amo-o! Deus de misericordia Eu o amo!

Lucio Marialva era o proprio Lauriano Macedo. Estaria elle naquelle casebre isolado, expiando algum profundo crime? Fugindo do mundo, onde fôra heróe da moda, tentaria Macedo evocar a alma de sua mãe, pedindo-lhe dia e noute o perdão que ella lhe concedera na hora dos derradeiros adeuses?

Um só escravo vivia com Lauriano. Era o seu amigo, era o seu cão, era a sua sombra. Com o nome mudado e o espirito completamente livre das ambições futeis, esperava o ex-janota concorrer com efficacia ao logar que o céo reserva aos justos e aos arrependidos.

Mas o destino determinou o contrario. Angela veio entre Lauriano e o futuro de ambos collocar-se como uma figura fatal.

Um mez depois do primeiro encontro, á beira da estrada, conversavam os dous moços, junto á cerca da casinha de Lauriano. O pagem ficava nessas occasiões á espreita um pouco longe, e as palavras de Macedo e de Angela consorciavam-se no meio daquella doce natureza com a segurança que Deus concede aos amores privilegiados.

Os bellos olhos de Angela procuravam o horizonte emquanto Lauriano dizia :

— Eu sou um desgraçado, Angela, um desgraçado que nada espera nem da justiça dos homens, nem da justiça divina.

— Eu te amarei, murmurava a menina, meiga como um canto de ave.

— O destino quiz que tu apparecesses em meu caminho, pobre criança, quando eu fugia de todos e de tudo. O que

esperas? O que desejas? Ha entre nós a separação profunda, cavada pela tua riqueza e pelo teu nome.

— Eu te amo! articulava ella, piedosa como o suspiro das fontes, ao longe, entre os arvoredos.

— Amas-me, bem o sei, e bem t'o agradeço, adorado anjo da minha guarda. O amor, porém, não basta para compensar as exigencias da sociedade em que vives e donde me expatriei para sempre.

Angela volveu para elle os seus avelludados e humidos olhos:

— Nunca deixarei de te amar. Esperarei um anno, dous annos, cinco, seis, até o dia em que a Virgem consinta que eu seja toda tua e tu meu, na vida e na morte.

A lua apontava no horizonte e o pagem aproximava-se com o animal pela redea. Duas mãos cingiam-se tremulas; os olhos confundiam-se esperançosos, e, momentos depois, Angela accenava com o lenço na curva do caminho e desapparecia.

O regimen feudal do commendador fez-se sentir e poz um termo aos passeios da filha. O pagem contou a aventura em segredo a um companheiro, o companheiro contou-a a outro, e de um a outro, chegou o caso ás ouças do feitor, um gordo magarefe, que poz tudo no ouvido do commendador.

Foram vedados os passeios á menina, e a mãe de Angela ouviu da boca do marido palavras que a fizeram estar duas noutes inteiras suffocada em lagrimas.

— Eu ensinarei a sua filhinha, senhora ; não ha de o diabo ter tempo de esfregar um olho até o dia em que eu a casar.

Um ricasso da visinhança, sugeito obtuso e inutil, começou a visitar a familia e a fazer a côrte a Angela Um dia o commendador declarou formalmente á filha que ia casal-a com o ricasso. Angela respondeu entre os assomos da dignidade e a delicadeza filial que se recusava ao projectado enlace.

O commendador riu estrondosamente e nada mais se disse.

Correram as festas do Natal como nunca em terras do engenho. Dansas, musica, enorme profusão de convivas, e até uma modista, por ordem do commendador, veio tomar medida para o enxoval da menina.

Angela escreveu a Lauriano :

« *Lucio.* — Querem casar-me á força. Pertenço-te. Não me abandones. »

Lauriano respondeu :

« *Angela.* — Cede á vontade de teu pae. Quem sabe se não é Deus que te dá a felicidade separando-te de mim ? »

Uma mucama de velha confiança era a encarregada das missivas.

No dia quatro de Janeiro de 186... a mãe de Angela, pallida e sombria, aproximou-se á filha :

— Angela, não te quero enganar. Teu pae arranjou tudo para te cazares por bem ou por mal na capella do engenho na noute de Reis. Haverá folia, baile, musicas, e está meio mundo convidado. Lança-te a seus pés e...

— Não, senhora ; eu espero a noute do meu casamento. A mucama não encontrou Lauriano; entregou a carta ao velho escravo, rogando-lhe pelo amor de Deus que, a fizesse chegar depressa ás mãos do senhor.

As oito horas da noute caminhava Angela vestida de noiva, dirigindo-se, cercada de povo, á capella do engenho. Estava pallida, mas serena; os seus olhos volviam-se para a estrada de vez em quando. De repente, sem que ninguem explicasse a subita apparição, um cavalleiro transpoz a porteira, e como um raio affastou a multidão. Era Lauriano.

— Angela ! bradou elle.

A menina lançou-se-lhe á frente ; elle agarrou-a frenetico, e voltando o cavallo, esporeou-o carregando entre os seus braços a noiva prestes a desmaiar.

O commendador não era desprevenido ; vivia a todo o momento rodeado de capangas.

— Fogo!

Duas balas partiram ; ouviu-se um grito dilacerante e o cavalleiro desappareceu ao longe sustendo unido ao peito o adorado corpo.

Distante do engenho, Lauriano recebeu dos labios da noiva o primeiro e ultimo beijo de amor.

Estava morta com duas balas enterradas no coração.

Ás tres horas da madrugada ardia o engenho e o incendiario Lauriano Macedo entregava-se voluntariamente ás mãos da justiça.

# A HOSPEDARIA

## I

É uma casinha alva, tranquilla e tentadora. Tem sempre a porta aberta e as janellas descerradas. Quem a vê pela primeira vez não resiste ao desejo de prescrutar-lhe os intimos recessos. Traz no rotutulo o seguinte distico, sob posto á uma figura de jaspe do deus do amor: — « Ao Gentil Cupido — Hospedaria... Gratis. »

Imaginem pois com que curiosidade e affan não entra o viajante fatigado por ali a dentro! As arvores em redor farfalham de satisfeitas ao toque d'umas auras alegrissimas, e os gaturamos, mettidos nas folhas coradas pelo sol, chilram, chilram, chilram sem tomar folego, até o primeiro clarão da melancolica lua!

Sobre a hospedaria correm na atmosphera transparente nevoas deliciosas de frescura e tranquillidade divina. Ás vezes vem uma nuvem tempestuosa que...

## II

Mas a nuvem tempestuosa pouco dura. Á sombra que projecta a nuvem negra, fecham-se immediatamente as portas e as janellas da casinha alva, tranquilla e tentadora.

Ai de mim! As grossas gôtas de chuva molham as brancas paredes e curvam até a terra as timidas caçoilas das margaridas e rosas que ornam o jardim! Dizem que essas gôtas de chuva têm o acre sabor das lagrimas dolorosas.

## III

A hospedaria é simples no interior como no exterior é bella. Assim afiançam os poetas que são as crianças: por fora gazes, flôres e risos; por dentro uma alma bemfazeja e calma, que vive com a tranquillidade dos lyrios e a monotonia das ondas suaves.

Na sala principal da hospedaria ha uma mesa de mosaico, sobre a qual mão desconhecida depôz um album.

Nesse album, de contextura alphabetica ficam escriptos os nomes de todos os hospedes.

Singular acaso! Não existe nelle um só nome de homem! Porque será isso, Virgem do céo!

## IV

Alice — Luiza — Laura — Maria e Margarida — Francisca — Ernestina — Isaura — Angela — Thereza — Malvina — Leonor — Fausta — Izabel — Amelia — Emilia — Cecilia — Orminda — Celina — Carolina — Carlota — Eugenia — — Adelaide — Aurora — Julieta — Julia — Lydia — Sinhá — Magdalena — Helena — Leopoldina — Beatriz — Judith — Arthemisa — Noemia — Esther — Dorina — Corina — Agostinha — Elvira — Elisa — Alexandrina — Anna — Ricardina — Joaninha — Nathalina — Clemencia — Adelia — Clara — Adelina — Fifina.

Quando Arminda chegou á hospedaria do deus Cupido já haviam no album todos esses nomes.

Arminda admirada lançou os olhos em volta de si .. Tudo estava silencioso e triste.

Os gaturamos cantavam fóra; o sol dardejava raios de

explendida maravilha, e as auras suspiravam docemente entre as flôres do rosmaninho e as corôas das pallidas magnolias.

No frontespicio do album alguem traçou as seguintes linhas :

« Na hospedaria do gentil Cupido só se póde demorar vinte a vinte quatro horas. »

— Porque ? perguntou comsigo a pensativa Arminda. E correu a casa.

Abrio o primeiro quarto. O seu olhar deparou apena com flores murchas atiradas ao chão, retratos despedaçados, e ella cuidou respirar um longo perfume de goi vos e de cyrios mortuarios. Fechou tremula o quarto fatal.

## VI

Pouco adiante abria-se uma saleta sobre o pomar.

As paredes não eram alvas como as outras. O lapis e

a penna haviam garatujado nellas phrases e exquisitas formulas.

Por exemplo :

« Amo-te e amar-te-hei sempre. » Com outra lettra lia-se adiante : « Este juramento durou quinze horas e cincoenta e seis minutos. »

Mais adiante :

« Pela minha felicidade! tu és o unico amor de minha alma ! » « Sou teu na vida e na morte ! » « Sou tua até a eternidade. » « Mesmo em baixo da terra meu coração palpitará por ti. »

Arminda estremecia lendo essas palavras, como a joven palmeira, quando sopram os devoradores ventos da tempestade proxima.

Com outra lettra distinguia-se isto:

« Mentira ! » « Foi falso ! » « Traidora ! » « Fementida ! » « Ingrata ! »

Arminda escondeu chorando o rosto nas mãos febricitantes.

O tempo escurecia. A nuvem negra desenrolou-se sobre a alva, tranquilla e tentadora casinha.

## VII

— Com esta chuva, minha senhora !

— Vamo-nos ! vamo-nos ! gritou Arminda, livida e desesperada. Se eu ficar mais uma hora aqui , morro !

E seus pésinhos embeberam-se na terra lodacenta ; e da aba do seu mimoso chapéo gottejou a chuva tempestuosa.

Dahi a pouco perdia-se o carro na encruzilhada ; e a hospedaria ficava sem mais uma hospeda.

O nome de Arminda inscreveu-se tambem no album.

## VIII

Fugi, fugi da hospedaria, oh raparigas ! Moças felizes e voluveis, fugi della !

A hospedaria do *Gentil Cupido* é o meu Coração.

# JOÃO OLDR

Os medicos já o haviam desenganado. Elle descendia de uma familia allemã, e chamava-se João Oldr; o povo começou a trocar-lhe o nome e a dar-lhe o qualificativo de «Odre». Bebia como um furioso; bebia como uma sanguesuga; bebia como uma tromba!

Foi em virtude de typo semelhante que Villemessant, o espirituoso redactor do «Figaro», inventou a celebre phrase:

— «Elle bebeu tanto «champagne» quanto seria preciso para pôr a nado uma esquadra!»

João Oldr era alto, secco, olhos rasgados, fundos e humidos como as frestas de uma pipa, e cabellos ruivos como o involucro da cebola! Andava sempre movendo-se de bombordo a estibordo, e de popa a prôa, á semelhança de uma falúa em mar picado.

Trazia constantemente um enorme paletot côr de pinhão, muitos anneis nos dedos, e calçava uns sapatos com suas apparencias de ponte pensil!

Fòra apatacado até certa idade; mas o cabedal escoou-se-lhe todo pela garganta, como as aguas mythologicas pelo furado tonnel das Danaides.

Não se poderia dizer d'elle que havia comido a fortuna, mas bebido, bebido até a ultima gota de cinco reis!

Pobre homem! Quando passava em frente ás pouquissimas casas de Petropolis, cidade de sua residencia, exclamavam os do logar, tristemente:—Lá vai o João Oldr com vento pela prôa. Coitado! aquillo é grande desgosto que o está ralando.

Os outros encolhiam os hombros imparciaes, e João Oldr, carregado de parasitas, ia bambeando pela estrada fóra, escorregando aqui, pulando alli, ajoelhando mais adiante, e logo depois estirando-se a fio comprido com parasitas e tudo!

Um homem de coração que estivera algum tempo em Petropolis tomando fresco, homem de coração e de bons haveres, condoeu-se da sorte de Oldr, e um dia lhe disse, batendo-lhe amigavelmente nas costas fluctuantes:

— Ha de vir comigo para a Côrte, sr. João!

O Oldr abriu desmesuradamente os olhos ennevoados,

e começou a rir em surdina, como acontece no « Barbeiro de Sevilha. »

— Ha de vir, sr. Oldr! Quero que venha!

O ondulante cidadão, sempre a rir, atirou-se nos braços daquelle inesperado protector.

Uma casinha ridicula, unica propriedade movel e immovel de Oldr, foi vendida e .. logo depois bebida, com uma soffreguidão insaciavel!

O protector ia arrancar das mãos do endemoninhado a ultima garrafa.

João Oldr com duas lagrimas verdadeiras na ponta do nariz, e duas outras de vinho no canto da boca, murmurou melancolicamente :

— São saudades, senhor! Deixe-me matar as saudade da minha casa vendida!

— Mas na Côrte o senhor deixará de beber ; está dito ?

— Sim, mas agora estou matando saudades!

E esvasiou a garrafinha pelo gargalo.

João Oldr não era um estupido, nem um imbecil, valha a verdade. Conhecia o seu bocado de francez, as declinações latinas e as quatro operações.

Chegaram á Côrte. Oldr foi hospedado na propria residencia do seu benevolo protector, um quarto affastado

das portas e das janellas, que davam para a rua! Precauções a favor da sêde eterna do homem!

Nos primeiros dias, João mostrou-se triste, preocupado, sombrio. Ao jantar e ao almoço, o protector enchia-lhe um calix de vinho Bordeaux, fraquissimo, e entregava-o ao arrependido discipulo do deus das parreiras:

— Tome d'sso que é bebida de gente fina, sr. Oldr! Verá como suas idéas se illuminam!

— As minhas idéas estão cada vez mais escuras, senhor! articulava João Oldr com o olhar profundo. As luminarias de que eu preciso são outras!

Todo o mundo ria-se; gracejava; fazia correr os ditos pittorescos do rehabilitado João, e elle, cabisbaixo sempre, encerrava-se naquelle affastado quarto que lhe servia de carcere inviolavel.

Pouco tempo depois, começou Oldr a apresentar-se um pouquinho alegre e um pouquinho mal seguro de pernas, com boas côres, nariz rubro e olhares expansivos.

O protector admirou-se, admirou-se a familia do protector, e os amigos da familia admiraram-se igualmente.

O que seria aquillo? Porque tão subita metamorphose? Mysterio mythologico e insondavel.

— Oh sr. João! Anda agora mais satisfeito!

— Satisfeitissimo! acodia Oldr, repellindo delicadamente o seu quinhão habitual de vinho Bordeaux.

— Pois que! Nem um calice de vinho? Prefere o Porto?

— Não prefiro nada, senhor! Não bebo...

— Senão agua?!!

— Nem agua! abandonei o alcool; por isso mesmo não me reconcilio com a agua!

— Oh!

— É extraordinario!

— Fabuloso!

— Unico! unico!

Um dia, o protector foi, pé ante pé, ao quarto affastado de João Oldr. Estaria dormindo o homem?

Ia bater a hora do almoço. O protector aproximou-se á porta do quarto entre-aberto e viu ..

Sentado de fronte da mesa, estava João Oldr com uma enormissima garrafa de cognac e um copo a transbordar de alcool na mão. João Oldr fallava com alguem, mas o protector por mais que espiasse não viu senão o ex-rehabilitado tonnel das Danaides.

— Com que então V. S. (dizia Oldr a um personagem invisivel) veio de Petropolis? Como está a virtusa esposa do sr. commendador Silva? Bôa? Ora muito bem; não me ha de recusar beber á saude dessa illustre senhora.

Esvasiava de um trago o seu copo, enchia outro copo e esvasiava-o em genero, numero e caso.

O protector estava fulminado.

— Petropolis é sempre o mesmo, hein? E que tal acha este licôr? Por lá não faria máo effeito com aquelle frio!

Beba mais um golinho! (E enchia os dous copos)

Em seguida, mudando de voz, respondia a si proprio:

— Sabe que se casou a sobrinha do Carneiro das Alcachofras?

— Sim? acodia, voltando ao seu tom natural. Bella moça! Á sua saude, pobresinha! Á sua saude e dos proximos filhinhos! (Esvasiava os dous copos.)

O protector sentia as pernas bambas e o suor cahia-lhe em bagas. Cuidava estar sonhando! João Oldr ergueu-se, emfim, da mesa e arrolhou a garrafa.

Estendendo a mão ao personagem invisivel, e apertando o ar:

— Boa viagem, meu amigo, optima viagem! Lembranças áquelle povo! Não quererá mais um copinho!

E transformando a voz replicava:

— Obrigado, sr. João; é fortissimo este licor!

— Ah! então até mais vêr!

— Até mais vêr, sr. Oldr!

João Oldr veio até a porta, como se acompanhasse

alguem, e apertando o ar de novo, fechou-a, despedindo-se ainda.

O protector ia bater, quando a chave voltou-se mais uma vez na fechadura.

— O que é! perguntou João Oldr.

E mudando a voz:

— Sou eu, sr. Oldr. Esqueci-me do chicote de cabo de prata em cima da mesa. Faz favor!

— Pois não, meu caro! E João Oldr foi ver a um canto do quarto um chicote de cabo de prata que possuia.

Apresentando-o, exclamou:

— Cá está elle. Agora, em signal de alegria, mais um copinho!

— Ora, sr. João!

— Mais um, tome! (Encheu os dous copos e zás! deu sumidouro ao liquido.)

— Adeus! adeus!

Desta vez fechou-se deveras a porta, e o protector assombrado fugio para o interior da casa.

Á hora do almoço, appareceu João Oldr, alegre, levemente fluctuante, satisfeito, venturoso.

O protector com ar sardonico, mostrou-lhe uma luzidia garrafa de cognac:

— Não quererá um golinho, sr. João? um golinho de cognac?

— Só se fôr com muita agua! exclamou João Oldr fazendo-se enjoado á vista da garrafa. Só se fôr com muita e muita agua!

## EPITAPHIO

Dorme sob esta silenciosa pedra a mais encantadora de todas as creaturas. Durou dezoito annos; e morreu com o sorriso na boca extatica, em plena aurora de triumphos e de mocidade.

Brilhai, estrellas, brilhai sobre o tumulo della.

Dorme aqui a rosa dos salões, a margarida das festas, a abelha do amor e dos encantos. Baixou á sepultura pensando ainda na ultima valsa do ultimo baile.

Cantarolai, cyprestes, cantarolai em redor do tumulo d'ella!

Repouza aqui o formoso collo, que a tantos provocou; as mãos que tantas chagas abriram; os olhos que tantos crimes produziram; a boca que tantas falsidades derramou entre sorrisos e lagrimas.

Bom appetite, insaciaveis vermes! bom appetite!

## OS NOIVOS DE FLORENTINA

Florentina era tudo, menos uma... flôr.

Pertencia ao folgado numero d'essas mulheronas de pulso forte e ventas arrebitadas, que escapam por um desvio da santa mãi natureza, de ser incluidas no rol das cousas estupendas, como, por exemplo: a montanha, o hippopotamo, o elephante, etc., etc.!

Chamavam-n'a Florentina como a chamariam Corcovado ou Tijuca. Toda a questão cifrava-se em dar-se-lhe um nome qualquer!

Ficou Florentina.

Era mulher de faca e calháo, como diziam os antigos. Na escola bateu-se um dia com todas as companheiras e a mestra, contava apenas dez annos! pondo-as uma a uma fóra do combate.

Ella conhecia o amor por ouvir fallar n'elle, como

conhecia a China, o senso commum, a orthographia, e outras cousas raras ainda pouco exploradas pelo genero humano.

Nasceu longe dos bulicios da Côrte, em um povoado de provincia, sendo autores de seus monstruosos dias um par de galhetas, que não primavam nem pela delicadeza material, nem pelo tino espiritual com que os dotou a Providencia.

Florentina aos quinze annos foi pedida em casamento por um toleirão, que se arrependeu depois. O pai noticiou-lhe o pedido formal do noivo, e ella, erguendo os hombros colossaes, estendeu a mão ao supplicante sem dizer palavra.

Não se soube o que houve entre os desposados; o certo é que na noite do casamento o sugeito dormia na rua, com o rosto coberto de contusões. No dia seguinte divorciaram-se.

O pai quiz conhecer por força o motivo de tão prompta separação. Florentina respondeu com ar de enjôo:

— É um maricas que se atreveu a me abraçar!

O caso fez bulha. Todo o mundo começou a votar o maior respeito áquelle monumento de carne e osso, que decidia todas as questões a sôco e com um heroismo digno de mais vastos campos de peleja.

— Que tal? exclamavam os eleitores da freguezia.

— Aquillo não é mulher, é o diabo!

— Eu só queria vêr, observou um, quem seria capaz de casar agora com ella!

— Ora! ora!

— Podéra! Um pulso de arroba e meia! Safa!

Entrou na roda o Chico Lopes, homem de costas largas e focinho respeitavel.

— Eu casava-me com ella, meus senhores!

— Não diga isso, sô Chico!

— E garanto aos senhores que a havia de ensinar a andar direita como um fuso!

— Sempre é bom dizer isso quando não se faz!

— Porque?

— Se fosse viuva, ainda, ainda. Mas o outro está vivo?

— Ella ha de ser viuva quando o outro morrer, não é!

— Parece.

— Pois apostemos. Cincoenta mil reis contra vinte, em como se a pequena enviuvar, cá o dégas entra na familia!

Gargalhada geral.

— Topo! gritou um dos da roda enthusiasticamente. Cincoenta contra vinte!

A aposta chegou aos ouvidos de Florentina.

A virago riu-se com estrondo e immediatamente fazendo-se rubra e voltando-se para o portador da nova:

— Sabe qual era a minha vontade?

O pobre diabo olhou-a embasbacado.

— Trincar você e toda esta canalha crua !

O alviçareiro, fúlo de terror, deitou a correr como um veado.

Por artes do diabo morre o primeiro marido de Florentina.

— Chegou a vez, sô Chico Lopes! exclamaram os outros.

O Chico Lopes, honra lhe seja feita! foi á casa de Florentina, vacillante como um caniço festejado pela chuva.

Ella recebeu-o perfeitamente, e quando elle pronunciou as primeiras palavras de casamento dirigindo-se ao pae, Florentina adiantou-se sorrindo.

— Com o maior prazer! disse ella.

Na noite do casamento, cada casa do lugarejo era um vulcão de curiosidade.

— O que acontecerá ! murmuraram os velhos, as velhas, os moços e as crianças.

O proprio subdelegado, pessoa analphabeta e rotunda, não conseguiu pregar olho quando se deitou.

Ergueu-se da cama, vestiu-se com a melhor roupa e passou a tiracollo a fita de sua cathegoria.

Atravez das frestas de todas as portas havia luz; prova de que ninguem dormia.

Pela noite adiante ouviram-se guinchos atroadores e uma voz possante e imperiosa reclamava a presença da authoridade.

O rotundo funccionario abriu a porta. Foi o signal!

De todas as janellas sahiram cabeças curiosas e immensas mãos sustentando vélas e candêas.

Um grito de espanto partiu de cada boca á vista de um quadro por que ninguem esperava.

Florentina arrogante, medonha, heroica, formidavel, trazia ás costas o noivo amarrado de pés e mãos como um leitão que vae para a festa.

Assim que passou a primeira sorpresa geral, a noiva lançou ao chão o Chico Lopes como se se tratasse de uma penna de ganso; exclamando com voz de trovoada:

— Agora, quando este morrer, venha alguem pedir-me em casamento, e verão cousa melhor!

As candêas vacillaram em todas as mãos; as velhas resavam a Santa Barbara, advogada dos trovões, Chico Lopes grunhia rolando pelo chão, e o subdelegado benzia-se, protegido pela fita de sua authoridade.

## CARTA DIRIGIDA Á EXMA. SRA. D. M***

Venho cumprir a promessa que tive a honra de depôr, ha tres dias, aos pés de V. Ex. Talvez não se recorde mais desse momento venturosissimo para mim, em que mais uma vez consegui admirar os fulgidos lampejos de uma intelligencia, fulgurante como os melhores astros das melhores constellações. É dever meu, no emtanto, recordar a V. Ex. o dever que me impuz, declarando-lhe que traria a publico a nossa conversação familiar.

V. Ex. entre uma e outra petala de seu bordado favorito trouxe a pello a grande questão da educação feminina.

« — A mulher é a companheira do homem pela affabilidade, pela graça, pelo amor e pelo carinho. A sensibilidade resume todos os grandes attributos femininos, sem o que a mulher seria inutil na sociedade. »

A mulher, minha senhora, não é a companheira do

homem; é a mestra, é a preceptora, é o guia, é o pharol que nos aclara e conduz ás praias immortaes dos mundos desconhecidos. A costura nas mãos femininas faz o effeito de um bastidor sob os gigantescos dedos de Hercules ou Prometheu. O que V. Ex. e suas rarissimas companheiras devem fazer é banir a agulha a favor da penna, expulsar o froco substituindo-o pelo codigo e pela liberdade. No dia em que o mundo fôr governado por uma mulher, a soberania será uma realidade e o respeito um culto.

Em todos os livros que nos contam os passados successos da humanidade, occupa a primeira figura o typo explendido de uma mulher. Desde a decahida Roma até á modernissima França, que digo?! até o modernissimo Brasil, é a mulher o mais brilhante exemplo das grandes virtudes que o sexo feroz e feio ainda não conseguiu conquistar.

A romana Cornelia teve entre nós, durante a ultima guerra, uma rival explendida: a mãe dos Fonsecas; e Anna Nery não encontrará, no archivo de povos mais adiantados, almas generosas que possam equiparar-se á sua. Deixando, porém, esses exemplos e outros, entremos, permitta-me V. Ex. que eu entre em sua companhia no regaço da familia brasileira.

A brasileira é de todas as mulheres do mundo a que

comprehende com maior perfeição e excellencia o immenso poema da maternidade. A ternura é a sua bandeira, a docilidade o seu principal brazão. Dir-se-hia que a Providencia a creou na mesma hora em que creou as pombas, as sensitivas e os lyrios. É a ultima palavra da doçura celestial.

A educação, porém, dessas heroicas e meigas creaturas não deu o primeiro passo ainda na estrada do progresso e do futuro.

Romperam-se as barreiras do despotismo estupido e vil; as maravilhas da ignorancia ouviram afinal, no seculo da electricidade e do vapor, o clangoroso ruido das trombetas de Jerichó. É preciso, minha senhora, não deixar os ouvidos surdos ao rumor da civilisação e abrir a alma aos impetuosos ventos, que conduzem as predicas da liberdade e as epopéas da intelligencia. Descanse o seu bordado por um instante e escute as toscas palavras de um homem que tanto adora os fulgores da humanidade, quanto se curva ao predominio da mulher.

Não é um poeta quem lhe falla, minha senhora. Não é a alma enthusiasta, leviana e arroubada, que vê na doce creatura, formada por Deus entre as galas do paraiso celeste, a origem de todas as Illiadas e a fonte sublime que murmura por entre os idyllicos explendores do Parnaso.

Eu sei admiral-a, sei admirar a mulher, igual á ave, igual á flor, igual á torrente, igual á Biblia, com o delirio evangelico com que os crentes fanaticos se ajoelham em face aos altares de sua idolatria. Ouço na voz suavé e chorosa da mulher os suspiros do mar e as tremulas ondulações da aura nos arvoredos sombrios; vejo nos olhos della a irradiação do sol e o clarão melancolico da lua; aspiro no seu halito o aroma das peregrinas flôres, rebentadas em plena primavera; parece-me que recordo do balanço do meu berço quando, atravéz das sedas, das cassas e das cambraias, o meu olhar profano segue o movimento delicioso de seu regaço fecundo.

Mas não é o poeta quem lhe falla, minha senhora.

Nem tão pouco o virtuoso possuidor de um collo em que adormeça contente depois das tormentosas lides da existencia, e que vê crescer a seus olhos, sob o tumido affago de seio abundante, o rosado e innocente fructo da arvore do seu amor.

Nem esse tambem.

É o philosopho, é o homem que considera a mulher como um acontecimento notavel na vida e não como um ente semelhante ao seu traidor companheiro; é o espirito, neste momento, afastado das delirantes evoluções da vida agitada, que declara a V. Ex. humildemente a sua opinião sobre a

parte mais irradiante e digna de respeito que o Creador concedeu á sua immensa empresa.

A mulher não nasceu para o alfinete, nem para a agulha, creia V. Ex.; nasceu mais do que o homem, para arcar com as difficuldades da luta social e descobrir no negro abysmo da existencia mundana a mysteriosa perola da felicidade eterna.

Ella possue tanto quanto nós possuimos de intelligencia, de espirito, sagacidade intellectual, de vivacidade expontanea. O que nós não temos como ella é o coração; e o coração, minha senhora, conquistou a America atravéz das lagrimas e dos sorrisos de crença, que deslumbravam o rosto do divino Colombo.

No coração está o segredo da ventura e o mysterio das sagradas victorias. Reside o amor no coração, e o amor é o mais forte impulso que se adquire para galgar uma trincheira.

A mulher revela em segredo todos os seus grandes e admiraveis attributos; o orgulho do homem suffoca-os, temendo o confronto e apavorando-se ante a derrota que o fulminaria se elle désse vasta sahida aos impetos femininos. É um captiveiro tamanho como o das primitivas escravas, pois que acorrenta-lhes o pensamento e o talento, as duas

unicas azas com que a creatura póde chegar aos dominios da supremacia humana.

Não me admira, porem, minha senhora, essa implacavel escravidão, nem esse estupido jugo; ha um privilegio nas cousas superiores, que se revela pela posição mesquinha a que as sujeita um poder cego e feroz: as montanhas cobrem-se de nevoas; as estrellas rara vez conseguem espalhar todos os seus deslumbramentos, e as ondas inmensas, as indomaveis e espumosas ondas em cujo dorso tantas esquadras vacillam, vem expirar submisas e timidas na arêa da mais desconhecida praia.

A mulher herdou da estrella, da vaga e dos montes o seu poder extraordinario; é por isso que um sorriso de creança adormecida tem para ella mais poder do que os impetos selvagens do tyranno, que tenta em vão dobral-a á força de estultas provacações.

O espaço é minguado e não convem demorar-me no mesmo assumpto sempre. Uma palavra ainda para terminar esta primeira carta.

É forçoso que neste paiz, tão amigo do progresso e do futuro, se lembre alguem daquillo que nos promove o futuro e o progresso; vale o mesmo que dizer: se lembre alguem da mulher.

Os Estados Unidos estão dando o exemplo; o livro hoje

é utensilio mais usado entre mãos femininas do que o *crochet*, a agulha, a lã e a thesoura.

Se o homem tomasse a si o adoravel privilegio de amar a companheira de sua alma e o apoio dos seus dias, não faria mais do que revelar uma face caracteristica de sua individualidade generosa, até hoje desconhecida. A mulher é a mais melindrosa creação de Deus; estão todos de accordo, nesse ponto. Pois bem, demos-lhe, a ella, os meios neccessarios de demonstrar os maravilhosos dotes e recursos que a natureza lhe concedeu.

Porque não se admittir o seu voto nos comicios populares, quando ella fórma cidadãos? Porque não incluil-a no quadro das associações scientificas e litterarias, se é ella quem faz os poetas e os sabios? Porque affastal-a das nossas lutas, das nossas idéas, dos nossos ambiciosos projectos, quando parte de seus olhos, de sua boca, de suas mãos o mandato imperativo que nos impelle a todos esses combates?

Chegou a época da emancipação feminina, minha senhora. Emancipação, disse eu! libertação é o termo, e libertação intellectual que é de todas a mais notavel e imponente.

Esqueçamo-nos por uma vez das velhas usanças européas; que os netos occupem o logar dos avós, e a idéa

vigorosa e pura salte á face do mundo, como do tronco esboroado irrompe o florescente pendão e o juvenil perfume.

A America do Norte entra nesta questão como o clarim na vanguarda de uma phalange prompta a dar batalha, accompanhemol-a, e nada mais faremos do que seguir o itinerario do sangue meridional que corre para o oriente.

Nada ha mais bello do que vêr a submissão, a ternura, o cruento supplicio da mulher, que traga todas as dôres sorrindo, como se o astro da amargura a illuminasse ; mas nada depôe tanto contra o homem como esse estado miseravel, imposto ao ente a quem mais devemos e a quem mais somos forçados a obedecer.

Creia, minha senhora, que estas linhas são escriptas por uma penna imparcial e ao mesmo tempo orgulhosa. O meu orgulho está no reconhecimento do meu erro. Faço parte infelizmente desse bocado fanfarrão da humanidade, cujo queixo, servindo-me de uma phrase do livro *Mãe*, de Pelletan, tem o privilegio de vegetar constantemente.

Admiro a mulher qual se admirasse a figura da divindade, revelada a meus olhos subitamente, francamente, na imagem misericordiosa de minha mãe. Penso nesse typo suave e magestoso a um tempo, com o mesmo extasi com

que adoro o sol e recebo na face a luz fluctuante das estrellas.

A politica, a sciencia, as evoluções por que passa o espirito do homem, devem ser em primeiro logar propriedade explorativa da superioridade da mulher.

Tanto direito tem de votar na urna popular a mulher como o homem, tanto direito tem ella como elle de abrir á ignorancia os caminhos da luz e do futuro. No dia em que o magisterio fôr dirigido por VV. EEx., ler-se-ha um livro de estudo avido como se lê um poema : com os labios palpitantes e os sorrisos no coração.

Ha de em breve soar a hora sublime ; nesse dia, minha senhora, o homem erguer-se-ha acima de si proprio, porque será consciencioso. Occupará a mulher a vanguarda da civilisação, levando, entre os dedos frageis e delicados, não o archote da guerra e do incendio, mas a irradiante estrella do amor, do carinho, da doçura e da caridade.

Nesse dia, minha senhora, o homem que se ajoelha habitualmente beijando os pés femininos, curvar-se-ha á plena luz meridiana, confessando a sua generosidade e marcando os illimitaveis vôos do seu espirito.

V. Ex., que é joven bastante, assistirá á grande solemnidade da libertação humana ; digo humana, porque a mulher é que é o verdadeiro homem, suprema creação da

Omnipotencia; arca com todos os pesos, sorrindo e chorando no meio de todas as alegrias. O coração não lhes falta nunca; é a fonte eterna de seus olhos, de seus labios, de suas mãos, de seus pés e de seu regaço. Pelo coração concede ella a esmola á escudella do pobre; pelo coração vê as chagas do que soffre, e compadece-se dellas; pelo coração reza por aquelles que agonisam; pelo coração caminha sobre espinhos, no intuito de espalhar caricias e consolações; pelo coração cede em seu regaço logar á cabeça ingrata do homem, que a flagella e ao somno tranquillo da creança, que concebeu entre amarguras.

Páro aqui, minha senhora, certo de que V. Ex. verá nas minhas palavras o reflexo, embora mal distincto, de uma consciencia que se presa de o ser.

Não vá a minha carta perturbar a harmonia das petalas da flôr, que com tanto engenho se destacam do seu mimosissimo bordado!

# O POETA SERAPIÃO

Et rose *il* a vécu ce que vivent les roses :
— L'espace d'un matin.

*D'après* MALHERBE.

Elle morreu hontem ás sete horas e quarenta e cinco minutos da manhã. Chamava-se Serapião Brandão de tal Pinto. Era baixo, calvo como um discurso do Instituto Historico, inutil como um eleitor, de animo brilhante, bilioso e revolucionario como um gato maltez.

Tentou varias carreiras notaveis, e em todas naufragou, aquelle desventurado patacho ! Foi agente de leilões, alfaiate, collaborador das folhinhas Laemmert, entregador de jornaes, traductor d'uns romances insulsos, cuja orthographia matou a paciencia dos leitores por exemplo : Corassão punghido pelas doures, dósencia ; noutte de amargguras ; haurora cerena, etc., etc.

Vendo que não dava para cousa alguma, fez-se poeta.

Compoz um diccionario de rimas em Ão, Em, Im, Am, Osa, Asa, que, noite e dia, consultava com a paciencia evangelica do mathematico em presença do mais formidavel problema.

Da primeira phase litteraria de sua vida existem ainda alguns delicados specimens.

Entre os versos que amortalham as balas de estalo das casas Carceller e Castellões, póde-se talvez com pouco trabalho descobrir duas ou tres quadras, productos da musa honesta do poeta Serapião :

Neste dia afortunado
Em que as graças se apresentam,
Todos que aqui estão reunidos
Senhora, vossas virtudes comprimentam.

Ou esta :

Hymineo jocundo e alegre
Teu nó aperte contente,
Pois que o céu que protege os anjos,
Por ti hoje venturas sente.

Que versos, grandissimo patife !

Elle era pobre; o poeta! Pobre como Homero, como Camões, como Malfilâtre e Gilbert; toda a phalange que se costuma citar em taes opportunidades.

O seu paletot assumia as proporções d'um verso hexametro, — velho e comprido ! Usava chapéo d'uma altura

phenomenal, que lhe valeu a seguinte satyra d'um amigo:

No diluvio das asneiras
Não temam que elle pereça,
Pois armou-se para o caso:
Traz a Babel na cabeça.

Serapião, nos ultimos dias de sua existencia, tornou-se sombrio, amarrotado, estupido e insipido.

Uma interessante menina, amiga de modinhas e motes, enviou-lhe o album. O poeta copiou quatro ou cinco maximas do marquez de Maricá, e assignou o nome. Foi o primeiro rasgo de espirito que a Providencia lhe concedeu.

Ante-hontem, á noite, entrou Serapião em casa, progressivamente incommodado. Respirou com força, como um boto no alto mar, e pedio á escrava papel, penna e tinta.

— Muito papel, muita penna e muita tinta, Catharina!

A noute estava escura, e elle precisava de uma estrella que lhe inspirasse a primeira quadra. Furioso, correu da janella á mesa do trabalho. Molhou varias vezes a penna, fez cocegas na ponta do nariz, symptoma de poesia imminente, e preparou-se para escrever um poemeto.

A rima, porém, teimava em fugir aos seus renitentes affagos.

Com a fronte humida e o peito offegante, Serapião lutava, lutava ancioso, lutava como os primitivos gladiadores, braço a braço, musculo a musculo, com o seu talento poetico.

Finalmente, desesperado, escancarou de novo a janella, e quiz arremeçar-se á calçada.

Era um meio de se fazer celebre; mas no canto da rua havia um urbano... dormindo.

O poeta atirou-se á mesa do trabalho, e até o romper do dia, se a policia estivesse acordada, veria luz atravéz das janellas do vate.

Pela manhã, a escrava veio trazer-lhe o café. Malvada! porque não lhe trazias nectar, nectar ou ambrozia?

Serapião, com os punhos cerrados contra a face, conservava-se ainda junto á mesa, de olhos fixos no tecto e a boca semi-aberta, d'onde escorria um liquido escuro em gôtas vagarosas e tremulas.

Catharina sacudiu-o em vão. O poeta era um cadaver.

Suicidára-se bebendo de um só gole o conteudo do seu enorme tinteiro.

Suas nobres feições revestiram-se da superior qualidade da tinta: estavam violetas.

Vão elevar-lhe um monumento : um grande tinteiro de marmore, sob o qual a posteridade lerá commovida uma das mais escolhidas composições originaes do poeta Serapião : o suicida.

A autoridade policial, de hoje em diante, incluirá o tinteiro no rol das armas prohibidas.

## CONTO DA CAROCHINHA

... E por que motivo não serias tu formada como os ideaes dos poetas, pelas mãos carinhosas das Fadas e dos Mysterios? Eu creio n'essas cousas, minha amiga, como creio na atmosphera, nas andorinhas, nos venenos e nos relogios. És bella tu, á maneira d'um longo raio de sol nas aguas febris d'uma cascata, formosa e doce, pura, meiga, etc., etc., como o olhar choroso da lua atravez d'uma nuvem de lagrimas! Por isso te amo eu; por isso te idolatra o universo inteiro.

Cuidas então que os teus olhos foram creados como os de qualquer bella estatua animada pelas leis barbaras e monotonas da natureza? E essas pupillas, doidas de luz? essas palpebras, negro pallio que envolve o teu semblante n'um mystico recato?

Pensas talvez que esses labios pallidos e humidos, — a tua boca, oh anjo ! — contenham igual sangue, igual vida, palpitações iguaes ás que percorrem os sorrisos e os beijos de todas as noivas, donzellas, meninas e senhoras conhecidas, que nos amam e nos arruinam na terra ?

Teu collo ! teu collo principalmente, cara deusa da minha mocidade ! Onde, senão no mar, nas balsas cheirosas, no fremito das auras nocturnas, descobrio o destino o raro talisman a cujo contacto, esse primor de alabastro e de rosas, desabotoou-se entre sorrisos ?

Os teus cabellos — digamos sem rebuço ! só se comparam á aureola sombria da noute, e ao seio revolto da tempestade ! tão negros e tormentosos são !

Conheces alguem, meu amor, conheces alguma mulher no mundo que possa desenrolar sem despeito ao pé de ti, o thesouro de seus cabellos virgens ?

As mãos, como as da Sulamita, espantam a neve e esconder-se-hiam dentro da corolla d'um lyrio... Os pés, — vi-os uma vez só ! — são macios, alvos, flexiveis... Que estupida que é a minha ambição, não é verdade ? Tentar reproduzir-te, Beatriz, Laura, Corinna, Heloisa, no espelho tosco e incolor d'um espirito impotente ? !

Crê, amiga minha, ao teu nascimento presidiram todas as fadas do oriente e todos os anjos do paraiso. Foi uma

experiencia do destino; quiz elle, criando-te, offerecer ao mundo o resumo da belleza material e do primor celeste. Serias o supremo ideal.

Ao appello do grande juiz correram as divindades do ar e da terra, do mar e do firmamento. Cada qual promptificou-se a ornar-te d'um thesouro visivel ou impalpavel. Irradiava o sol em ondas claras, pairavam os insectos; e ao longe, o vento fazia resoar nos galhos da floresta, a harpa melancolica do divino Pan.

Era a hora da tua encarnação.

Os espiritos superiores voltaram emfim em turma cerrada, trazendo um o mel, a ambrozia, o coral dos teus labios; outro o perfume e a neve do teu seio; outro o setim dos teus cabellos; outro as estrellas dos teus olhos; outro....

Surgias como a Venus, alegre, explendida, leviana, orgulhosa... Sorriste, e ensaiaste uns passos vacillantes. A musica do triumpho adejava em redor de ti; as palmas da formosura brotavam ao contacto dos teus pés voluptuosos Caminhaste, ainda inquieta e fascinada.

— Espera! gritou-te a fada protectora; não estás formada ainda! Espera!

Mas as flores desabrochavam ante os teus olhos pasmos; as aves beijavam-se cantando sobre a tua cabeça; o sol

infiltrava-se venturoso nas nuvens dos teus cabellos abundantes.

— Espera!

Era tarde! Pisavas já as margens terriveis e tentadoras do mundo real!... Foi n'essa occasião que eu te encontrei pela vez primeira. Ouvias ainda o écho da voz magica ordenando-te que esperasses, e já abusavas dos teus encantos entre os vivos.

Mal sabes tu, meu amor, o que aconteceu nas incantadas paragens em que nasceste. O ultimo mensageiro, fatigado, exhausto, vacillante, chegou unindo ao peito o thesouro que te faltava para a completa perfeição. As fadas congregaram-se anciosas em redor do recem-chegado. Queres saber o que elle trazia dentro d'um transparente e melindroso involucro? Trazia o teu coração.

Bem poderias ter-te demorado dous minutos mais! Sempre é um desgosto!

Por dous minutos!

# UMA OPERAÇÃO

Uma operação de gôta serena, é uma cousa simplicissima, commum, scientifica, vulgar entre os Hilarios de Gouvêa, os Gamas Lobo, e os Pires Ferreira.

Tão distinctos medicos conhecem melhor o caminho a seguir n'essas intrincadas evoluções praticas e theoricas, do que o povo os cofres do Thesouro, e os empresarios dos nossos theatros, o repertorio da magica espectaculosa e hybrida. Mas o meu caso é especial, é unico, é extraordinario.

A gôta serena de que se trata aqui, anda mais pelos dominios ethereos da poesia e do romance, que pelo cathalogo official das excavações scientificas.

Por tal motivo, atrevo-me a contar ao leitor incredulo um episodio acontecido hontem ou ante-hontem, — ante-hontem é mais crivel! — e que fará escancarar os olhos de

todos aquelles que consagram pouca attenção á generosidade, ao sacrificio, ao martyrio e ás victorias do coração apaixonado.

Chegou, ha quinze dias da Europa, o Dr. Americo Peixoto, formado na escola medica de Paris. Ante-hontem o Dr. Peixoto salvou n'uma operação perigosa a vida e os olhos da filha do commendador Z, e pretende cazar-se com a sua cliente, a todo o momento. Disse-me isso o joven medico ; e é facil acredital-o !

Os heróes merecem do vulgo universal, o mais expontaneo credito !

O sr. Dr. Americo Peixoto partiu para a Europa, ha seis annos, deixando os seus amigos, os seus parentes, os seus conhecidos, certos do futuro explendido que o joven Hippocrates conquistaria nos intrincados meandros da sciencia !

Partiu. Em Paris, onde fixou residencia, Americo Peixoto frequentou a escola com mais enthusiasmo do que o Mabille e o Chateau des Fleurs ! O que fazia dizer aos que o conheciam, na grande capital dos postiços e das metralhadoras :

— *Voila un garçon qui ira loin* !

A phrase não é estupenda de originalidade e de vida, mas é uma phrase sincera, qualidade que a maior parte

das convenções linguisticas, no seculo XIX, poderão difficilmente conseguir !

Correspondia-se constante, fervorosa, enthusiasticamente, o futuro Esculapio com o filho do commendador Z, residente na capital do Imperio do Brasil, e capitalista em toda a parte do mundo... por motivo de dinheiro e apolices reaes !

Demos ao filho do commendador o nome de Ambrosio, Ignacio, Armando, Luiz, Pedro ou Paulo; Paulo é melhor: fica sendo Paulo o qualificativo recebido na pia baptismal pelo irmão de Sophia.

Sophia é uma menina de dezeseis annos, credora de todo o apreço e elogio. É um anjo sem luz... porque é cega.

Um ar traidor, uma circumstancia malevola, um genio feroz e diabolico, espalhou no globo até então vibrante e crystalino dos seus olhos, as nevoas da pavorosa gôta serena.

Ella é alva como a pétala das camelias, e por todo o seu semblante desdobra-se esse véo luminoso e suave, que os poetas descobrem nas doces imagens das martyres christãs.

Tem cabellos castanhos, longos e ondulantes; boca rubra como o sangue, e um sorriso semelhante ao reflexo

do sol, ao romper do dia, nas folhas orvalhadas d'um pendão de rosas!

Paulo Z, enviou o retrato da irmã céga a Americo e o moço estudante sentio dentro do coração os primeiros murmurios da explendida festa do amor e da mocidade! Amou Sophia como se ama uma idéa, um pensamento grandioso, um futuro irradiante.

— Meu pae está desesperado — dizia-lhe Paulo em todas as cartas. — Os medicos d'aqui dão Sophia por perdida; céga para sempre.

Que achas? Devemos tentar a viagem á Europa, para consultar os operadores francezes, inglezes, e allemães? Vale a pena?

Americo Peixoto respondia a esses topicos sempre:

— Não venhas; é inutil; quando fôr occasião, eu te prevenirei.

E estudava dia e noite, com o pensamento voltado para a patria, onde pairava risonha, e triste, a figura d'aquella menina céga, como um passarinho sem azas, ou uma estrella sem raios.

O commendador daria toda a sua fortuna a quem salvasse a filha.

— A minha fortuna! bradava elle; a minha fortuna e a minha vida a quem lhe der a vista!

Os medicos oculistas que clinicavam no Rio de Janeiro, abanavam incredulamente a cabeça, examinando as murchas palpebras de Sophia.

Paulo escrevia sempre a Americo Peixoto, e uma voz incomprehensivel ordenava-lhe que esperasse, que tivesse crença n'um futuro desconhecido, mas venturoso.

Seguio-se, a um, outro anno, e com os annos iam crescendo os progressos na vida scientifica de Americo Peixoto.

Sophia brincava um dia com o irmão, affagando-lhe as máos e os cabellos, quando este lhe disse :

— Em breve tu me verás.

— No céo! murmurou a menina, com um encantador e melancolico sorriso.

Formou-se o Dr. Americo Peixoto em Paris, e partiu immediatamente para o Rio de Janeiro. Uma imagem seguia-o tão luminosamente como a figura laureada da sciencia : era a lacrimosa figura de Sophia.

Abraçando Paulo, Americo disse-lhe com um ar solemne :

— Venho salvar tua irmã.

O commendador, pasmo, entregou-se ás esperanças despertadas pelas palavras do medico, e confiou-lhe a filha como o usurario confia o seu maior thesouro.

Sophia sorrindo, soffreu a operação suprema. Americo Peixoto conquistou um brazão para a sciencia e para o futuro.

A filha do commendador Z... está salva da gôtta serena e caza brevemente com o Dr. Americo Peixoto, o enviado do Amor, que é o enviado da Providencia.

# MEMORIAS DE UM SUSPIRO.

Quien ha hecho estos milagros?
TRUEBA.

Eu nasci no seio alvo e rosado de uma allemãsinha de Petropolis. Pobre rapariga! Era loira como os fios d'uma dragona, e nunca teve a felicidade de frequentar o Club, nem o Cassino Fluminense.

Vivia recatada em Petropolis, á maneira das violetas á sombra da folhagem, e por seus ouvidos alvos como a hostia do sacrificio, os bulicios do mundo não perpassavam sequer.

Tinha quatorze annos, e vestia chita de duzentos e quarenta réis o covado.

Era notavel o pai della, por sua vasta gordura e decidido amor pela cerveja Christiania.

---

Helen chamava-se a minha progenitora. Um dia veio a compras, junto ao hotel Bragança, e quando paravam os carros dos passageiros, ella parou tambem e poz-se a contemplal-os longamente, abstractamente, como uma pessoa que vai pela primeira vez ao theatro e embasbaca-se na segunda scena.

Porque é que Helen parou para contemplar os carros?

Descia uma passageira, arrastando um enorme vestido de seda, cheio de ruidos como o barulho das cartas n'um *lansquenet* endiabrado.

Helen sentiu o seio arquejar-lhe de maneira insolita; nublaram-se-lhe os olhos, cahio-lhe da mão um raminho de coentro, que comprara dous minutos antes, e a sua alma, a sua pensativa alma germanica, prendeu-se ás fimbrias do vestido roçagante.

Nesse momento nascia eu no mais recondito do seio d'ella. Cresci pouco a pouco; o regaço arfava; arfava á semelhança das ondas; Helen estremeceu toda, e por seus labios entre abertos, fugiu o primeiro suspiro de ambição e de mocidade.

Quando eu voei para fóra de minha ama, a luz do dia offuscou-me como costuma fazer ás mariposas, e procurei ás cegas um canto onde esconder-me: — um dos carros de passageiros voltava para a serra. Não reflecti. Metti-me

surrateiramente pela boca a dentro do boleeiro, que ao estalar do chicote fulminava uma tremenda praga!

---

Passei mal durante a viagem. Os solavancos do carro atordoaram-me de maneira atroz, causando-me nauseas horriveis. Lamentei a perda de Helen, a minha Helen, de quatorze annos, loira como os fios de ouro das dragonas d'um coronel!

---

Quando os carros estacaram junto á estação, comecei a meditar philosophicamente sobre a minha futura existencia. Viver alli mettido dentro da crosta selvagem d'um cocheiro, que decididamente nunca suspiraria de amor em toda a sua vida! Horrivel!

Um venturoso incidente veio salvar-me. Bem se vê que o destino protege os suspiros!

O boleeiro contava com muitos freguezes na volta. O trem estava a partir, e não havia desembarcado um só passageiro para Petropolis.

O infeliz conductor com uma desesperação inaudita escancarou as fauces, e...

E eu sahi contente! Pulando e voando, sumi-me entre os labios d'uma passageira do wagon, que punha a cabeça fóra do carro, para respirar mais á vontade!

Que perfume de frangipane, Deus do céo!

Senti-me asphyxiar!

---

Essa perfumada senhora proporcionou-me graves incommodos durante a viagem! Vinha defronte d'ella um rapaz, jornalista de opposição, que não a deixava de olhar um minuto ao menos; ella fazia o mesmo, e estabeleceu-se entre ambos uma afinação de suspiros, a compasso de polka, que quasi me enlouquece!

Eu e um collega andámos tontos! Ora, elle sahia do peito do jornalista, e vinha tomar o meu lugar; ora eu corria para o opposicionista, compellido soffregamente pela minha nova senhora.

O outro suspiro d'uma das vezes em que faziamos a troca, encontrou-se comigo, cara a cara, e foi tão forte o abalroamento, que o meu infeliz collega dilluio-se, no ar, como uma bolha de sabão inglez!

---

Fiquei, pois, alojado em casa de novo senhorio. Chegámos depois das peripecias da viagem geral, á côrte, ás dez horas da manhã. O jornalista correu ao gabinete do ministro para sollicitar não sei o que.

---

Conhecem o ministro? Não conhecem o ministro?

É um homem de bonita apparencia, risonho e gentil como todos os de sua tribu.

O opposicionista cortejou-o humildemente, e elle fez-lhe um leve signal com a mão.

Sua Excellencia fumava quando nós chegámos. O meu senhorio fez-lhe o pedido, e S. Ex. aspirou uma fumaça deliciosamente.

Em seguida outra, em seguida outra, em...

— Não é possivel corresponder aos seus desejos, Dr! exclamou por fim o representante do poder.

O jornalista empallideceu, tremeu, apertou os dedos convulsivamente, e...

Só tive tempo de sahir ás pressas, e entre a espiral da fumaça, acondicionar-me no peito de Sua Excellencia.

---

Ninguem sabe como se soffre, vivendo dentro de um ministro.

Eu pensava apenas na vida futura. Nada me satisfazia já. O homem não suspirava, apezar de ser tempo de eleições!

Durante o dia, recepção, tanto pela porta particular, como pelo reposteiro geral.

Vou explicar a cousa.

Pela porta particular entravam membros de varios par-

tidos politicos, aos quaes o ministro enchia de esperanças, com o fim de angariar sympathias. Pelo reposteiro geral só appareciam os correligionarios, os ordenanças, os jornaes do dia; tudo quanto é official e serve de cortejo aos ministerios possiveis.

Sua Excellencia dormia bem, comia optimamente, e como julgava-se firme na cadeira governamental, á maneira do Pão de Assucar nos seus eixos, nunca lhe veio á idéa exhalar o mais insignificante suspiro.

---

— Durará isto muito tempo, Senhor? perguntava eu com as minhas azas tropegas.

Aborrecia-me a monotonia de semelhante existencia!

Pedia ao céo a salvação, como os Hebreus o maná refrigerador.

Afinal, um dia...

---

Este capitulo quasi não póde ser traçado por minha mão vacillante. Cáem sobre mim as primeiras sombras da morte!

O ministro enganou-se e nomeou para lugar de confiança um cidadão do partido contrario.

Os jornaes do governo uivaram de raiva, e o presidente

do conselho, mandou n'uma missiva secreta, reprehender o collega.

Era impossivel continuar no poder! O meu homem armou-se de feroz resolução, e n'uma conferencia de ministros, pedio a sua demissão.

Até então tudo ia bem para elle ainda...

Cuidava que recusassem-lhe o pedido.

Acceitaram! Foi demittido!... Não posso explicar a metamorphose que se operou naquella robusta organisação!

O certo é que o esforço horrendo com que elle arrancou-me das cavernas do peito foi tal, que ao sahir, prostrei-me oscillante á beira da pasta devoluta, onde acabo de traçar, quasi sem alento, as minhas infelizes memorias.

. . . . . .

---

Que exemplo para futuros suspiros!

# HOMERO

A humanidade é o symbolo da ingratidão, do desconchavo, da malevolencia e da inveja.

Os grandes vultos da communhão social, que mereciam occupar logar distincto á ilharga dos mais notaveis personagens archivados nos dominios da historia, desapparecem com assombrosa rapidez, e o echo dos seus nomes nem é repetido pela tuba gloriosa da fama, nem pela tradicção popular, augusto e indomavel clarim, que atravessa os seculos com a mesma força com que o sol cultiva as florestas e alimenta as gerações da terra.

E não admira. Se David não tivesse a voz autorisada de S. Jeronymo, talvez ficasse vinculado materialmente ás cordas seculares de sua lyra, sem que a posteridade, ou antes o seculo XIX, soubesse sequer da existencia dos psalmos e do cantor sagrado, que ao som do

divino instrumento conseguia erguer os ressuscitados do inferno: *ex inferis resurgentes.*

Foi preciso que uma amazona thebana, á semelhança da loura, illustrada e deliciosa Aspasia, désse a mão a Pindaro, ao excelso Pindaro, para que o protegido de Delphos chegasse intacto e melodioso ás portas dos tempos modernos. Sem Malvina, Ossian morreria desconhecido; sem Pio V e Herrera, os pleitos do christianismo contra os turbantes da musulmania, naufragariam nas ondas da perseguida Veneza...

Assim é tudo n'este mundo; tudo assim é na terra. Malaventurada humanidade! Desastrada justiça social e historica! E digam que não ha patronato n'este torrão sublunar! Os primeiros apostolos inventaram o celebrado annexim: « Quem não tem padrinho morre pagão », e realmente é em pleno seculo XIX, seculo do *giorno* e da electricidade, seculo dos *chinós* e das dentaduras de porcellana, seculo das firmas falsificadas e dos almanaks populares, que aquelle profundo dictado popular mais se enraiza no espirito dos contemporaneos.

Eu pertenço ao numero dos que, á semelhança dos mineiros conscienciosos e livres, procuram arrancar ao seio tumultuoso da terra ou aos veios da pedra, o marmore e o diamante.

Nada mais logico do que esse... mineralogico mister.

A celebridade e a fama possuem cornetas muito sonoras para necessitarem do barulho ephemero que causa no remoinho das letras um tosco e mesquinho escripto. Os mediocres sim: os entes e as cousas obscuras é que precisam de uma voz, embora fraca, uma voz desprestigiosa embora, que exponha ao clarão meridiano, como o naturalista á luz da analyse, a aza farpeada do morcego ou o bico adunco da coruja e do noitibó!

Sinto-me muito menos importante e notavel do que Corinna, S. Jeronymo, Herrera, Pio V, Miguel Cervantes e outros dos bons tempos, mas « Cada qual faz o que póde » aphorismo de Sancho Pança, de uma elevada dimensão social e de profundissima philosophia.

Trato n'estas paginas velozes de dar a devida celebridade a Homero.

Se o leitor é de boa indole, não recusará á escudella desta illustre memoria o obulo da sua generosidade.

Dito isto, entremos no assumpto com a mesma severidade e imponencia com que os sacerdotes athenienses encetaram a missa dos sacrificios gregos, durante a invasão de Xerxes e dos tres milhões de persas.

Eis ahi o que se chama illustração *pur sang!*

*
* *

Uma folha diaria revelou no seu noticiario, ha tempos, o seguinte desastre:

« Afogado. — Ante-hontem alguns moços alegres, dirigiram-se em passeio do cáes do Pharoux á ilha do Governador. Na altura da ilha das Cobras, junto ao dique, cahio ao mar um dos viajantes, que, apezar de todos os soccorros, foi immediatamente devorado por um mero, raça abundante naquellas paragens. »

Esta foi a noticia da folha diaria. Contemos agora certos factos interessantes da vida do infeliz devorado.

*
* *

Lucindo dos Passos Cruz foi um dos homens mais barbados e mais ignorantes do Rio de Janeiro, na gloriosa época de 1831, quando a industria ainda estava mal alinhada e não se roubava a carteira do proximo com a facilidade com que se faz hoje. N'esse tempo era tambem desconhecida a existencia da companhia *City Improvements.*

Lucindo dos Passos, homem baixo e estupido, tinha pronunciada quéda pela poesia e muito principalmente pela glosa. Motte que lhe cahisse no bolso ou na graça, não sahia senão estropiado de suas garras poeticas. Era o abutre das decimas! O gavião do verso de oito syllabas!

A illustração de Passos Cruz corria o risco de ser...

nenhuma. O nosso amigo depositava toda a sua felicidade no mero acaso da rima. Um dia atiraram-lhe ao nariz a rima *sugeito*, e pediram-lhe anciosamente o consoante.

Passos mirava-se, remirava-se, olhava para o céo, e immediatamente descia o nariz á terra. Nada de rima! Era dia de festa. O homem apresentava na casa do collete um amor perfeito immenso, costume muito em voga naquelle tempo venturoso.

Um parceiro compadecido gritou-lhe que elle trazia sobre o corpo o consoante prompto.

— O consoante está comtigo, Lucindo!

— Olha bem para a roupa! Oh! Cruz!

Lucindo dos Passos Cruz meditou durante doze minutos, e respondeu triumphantemente:

— Já sei. É suspensorio.

*
* *

Não era portanto forte demais na rima o sr. Cruz.

Em todo o caso era um homem feio, e por esse mesmo motivo incapaz de perturbar o socego das familias, e lorpa, incapaz tambem de desencarrilhar o progresso da illustração das letras e das artes do paiz... que vai a vapor!

Apezar de tudo isso, Deus de misericordia e de justiça! apezar de tudo isso, Lucindo dos Passos Cruz, achou um chinello velho para o seu pé estragado...

Casou no dia 1º de Abril de 1834, com... um chinello velho. Poupo-lhe o nome em honra do sexo fragil e encantador, que exhibio nas letras Sapho e a donzella Theodora.

D'esse impossivel consorcio produzio a mulher de Lucindo um filho.

Nada até ahi para causar espanto. Ha mesmo hoje em dia, quem tenha dous, tres e noventa.

Os Lucindos são quas improductivos!

*
* *

Quando Passos Cruz soube pela boca imparcial de sua mulher que seria em breve pai, assumio um ar distincto, nobre, balofo, e pondo as mãos nas ilhargas, exclamou acusticamente:

— Ha de chamar-se Homero se fôr homem...

A esposa perguntou tremula:

— E se fôr menina?

Lucindo dos Passos Cruz scismou, reflectio, imaginou conscienciosamente, e respondeu batendo na testa:

— Se fôr mulher, ha de chamar-se Odysséa.

A mulher de Lucindo dos Passos Cruz disse confidencialmente á uma visinha que seu marido estava doudo.

*
* *

Os unicos livros que Lucindo possuiu durante a sua vida foram a *Princeza Magalona*, *a Imperatriz Porcina*, *o*

*Ramalhete dos Jovens*, e uma edição de Homero, em grego. Comprou o Homero porque ia ser pae. Quanta gente em caso identico só trata de comprar babadouros, camisinhas, fraldas e cinteiros!

De fórma que no anno de 1835 nasceu o herdeiro do conspicuo e lyrico Lucindo dos Passos Cruz.

No dia em que veio á lume o pequeno, esteve a casa de Cruz cheia de gente. O velho rimador exigio que os seus amigos e affeiçoados ouvissem o som da vóz da criança quando recebesse o primeiro ar da existencia profana.

*
* *

O padre pôz duvida em baptisar o menino.

— Homero não é nome christão!

Lucindo sacou do bolso o seu exemplar em grego e enterrou-o nos olhos do vigario. O sacerdote, amedrontado, baptisou o descendente dos Passos Cruz por Homero, immediatamente, e sem mais nenhuma reflexão.

O padre, no estado em que se achava, seria capaz até de dar ao pequeno o nome de diabo, se o exigissem!

O menino Homero assistiu á festança do baptisado, com uma impassibilidade heroicamente infantil.

Lucindo dos Passos Cruz recitou, em frente de seu filho, quatro glosas das quaes não nos chegou o menor consoante.

No dia em que Homero fez vinte annos morreu o enthusiasta do cantor de Achilles e das guerras de Troya.

Seja-lhe leve a mythologia!

*
* *

O snr. Lucindo dos Santos Cruz, agonisante, chamou o filho e disse-lhe:

— Homero, eu vou bater a bota. Nada te deixo senão a tua existencia e o teu nome; parece-me que não é pouco? Heim?

O teu nome é um cartão de entrada em toda a parte, e se tiveres juizo, meu filho, serás... serás... serás...

O que havia de ser Homero, não se soube até hoje, porque o vaticinio ficou engasgado na garganta do defunto.

*
* *

Passemos o tempo de collegio de Homero.

Nunca se viu tão larga, tão profunda e tão pesada estupidez nas cinco partes do mundo! Homero Cruz era menos espirituoso que um rabanete e mais semsabor que uma pedra-pomes.

Mas, os dictados, os aphorismos e os annexins que são o reflexo da vida humana, ainda uma vez se realisaram na existencia chata e atoleimada desse obscuro cidadão.

« Quanto mais besta mais... etc., etc. » diz o povo.

Ninguem realmente foi tão feliz até o dia de sua morte, como Homero dos Santos Cruz.

Nas reuniões, nos bailes, nos ajuntamentos de café e de *boulevards*, viu-se sempre a figura aporcelanada e inutil de Homero.

Foram os dias e os annos correndo. O Eldorado, o Alcazar, o Pavilhão e outros lugares de movimento alegre e anti-policial, eram os terrenos em que mais se desenvolvia a indole do personagem em questão.

Elle não possuia vintem de seu ; ninguem lhe emprestava um palito, não ganhava em transacção alguma, e estava sempre no circulo dos melhores e mais fartos gastadores.

Isso é natural. Ha outros que não se chamam Homero nem Virgilio, e que fazem o mesmo pouco mais ou menos.

Sua alma ! sua palma !

*
* *

As associações litterarias aceitaram sem o menor escrupulo a presença do nosso amigo, unicamente pelo nome.

Quando se dizia que o Homero fôra convidado para isto, que o Homero fizera aquillo, que o Homero havia de comparecer a tal festa, etc., ninguem levantava a mais subtil objecção.

As immunidades da *Illiada* salvavam o homem!

Houve até quem recebendo uma carta em que elle lhe pedia dinheiro emprestado, corresse os olhos pela assignatura, e désse um pulo de alegria, cuidando que lhe dirigiam o... autographo ou o original da *Odysséa*!

Homero dos Passos pretendia a quantia de cincoenta mil réis. A victima, enleiada por negar-lhe o emprestimo todo, enviou-lhe, em nome da Grecia, vinte e cinco mil réis com promessa de mandar-lhe o resto depois.

Homero nadava em mar de helleninas rosas e pindaricos dityrambos.

E caia alguem em chamar-se Francisco, João, Antonio, ou Luiz, depois de um caso destes!

*
* *

Quem se ria deveras do typo de Homero eram as alcazarinas. Essas raparigas, habituadas á *Belle Hélène* e ao *Barbe-Bleue*, desprezavam inteiramente tudo quanto tinha relações com o tempo de Meneláu e do cerco de Troya.

Punham a mira em Homero e desatavam a rir, espanando o nariz do nosso amigo com as ondas copiosas de suas jupas fluctuantes.

Homero dos Passos Cruz erguia desdenhosamente os hombros embuçando-se n'uma serenidade olympica.

*
* *

Pretendeu Homero ser empregado publico; mas um Virgilio, que havia na repartição ministerial, guerreou o homonymo do seu rival poetico.

Deixou, pois, de parte a idéa de ganhar dinheiro por suas proprias mãos, e achegava-se cada vez com mais affinco aos grupos de amigos que lhe davam um lugar no carro para o *Rocambole* e uma *stalle* no Alcazar, ao pé dos velhos e sisudos deputados.

Orçava já pela casa dos trinta a estatistica da idade do meu heróe. A mocidade, porém, cantava-lhe no peito alegremente, e as fogosas illusões da juventude não permittiam que elle abandonasse a rede dos sybaritas pela cama da senectude.

Que feliz vida passava o patuscão do Homero! Que vidão! como dizem por ahi os que passam mal!

***

Desviemos do episodio certas fraquezas amorosas do homem, e contemos, se a tanto nos ajudarem as nossas lagrimas! o funebre caso que fez terminar os dias heroicos do menos cego e mais estupido dos Homeros da idade moderna.

Ha pouco tempo os amigos convidaram-n'o a um passeio em noute de luar, á famosa e poetica ilha do Governador.

Homero aceitou graciosamente o convite, abraçando com o seu melhor estylo os membros da commissão que o procuraram.

— Quem vae na troça? perguntavam ao cahir da tarde uns companheiros aos outros.

— A Aimée, a X..., a V..., a Zelia, a Dorina, o Homero...

— Oh! váe o Homero?

— Váe. Já o convidamos e aceitou!

Concerto de gargalhadas... homericas, em honra ao convidado.

***

Homero ia sentado ao pé de uma alcazarina recem-chegada á côrte. Fallava-lhe das estrellas e da lua, em um patuá horrivel, que aos ouvidos da deusa fazia o effeito de um *cancan*... honnesto.

Junto á ilha das Cobras, alguem observou:

— Aqui ha meros como o diabo!

As mulheres estorceram-se guinchando de terror.

O bote pendeu para o lado de Homero, e este, perdendo o equilibrio, cahiu na agua.

Confusão! barulho! espanto geral!

— Homero! Homero! Homero! exclamavam tumultuosamente varias vozes atemorisadas.

Alguns convivas e os remadores cuidaram ouvir :

— O mero ! O mero ! O mero !

E cada qual tratou de se agachar melhor dentro da embarcação.

Dahi a pouco boiavam apenas sobre as aguas revoltas e tintas de sangue (porque na realidade Homero fôra devorado por um mero !) um prospecto da companhia de zarzuela e o annuncio avulso das pilulas de Ayer, que o peixe respeitára entre os destroços de Homero dos Passos Cruz.

Eram as paginas esparsas da *Illiada* e da *Odysséa !*

## A CARA DO SUGEITO

A cara d'elle não era propriamente uma cara humana; physionomia mobil, variavel, expressiva, passando, — impellida pelos intimos sentimentos, — da dor á alegria, do terror á tranquillidade, do bem-estar á inquietação. Era uma cara que estava a rir continuamente; as sobrancelhas d'elle, os olhos, o pescoço, a barba, — meia suissa apenas! — as pestanas, a verruga, tudo isso ria-se, folgava, estorcia-se entre as caimbras phreneticas d'uma gargalhada interminavel. Ninguem o tratava pelo nome de baptismo, nem pelo appellido de familia; dizia-se em geral fallando-se d'elle:

— O sugeito da risada.

Imaginem que apuros! Em vão o seu espirito tenaz esforçava-se por corrigir a estroinice da natureza absurda! Morriam-lhe os intentos sem lograrem o menor resultado,

e, no fim de contas, — vejam se isso acontece a muitos! no fim de contas, elle proprio olhando-se ao espelho de vez em quando, desatava a rir, a rir, a rir, a ponto de o arrancarem d'aquella posição com receio de que estourasse!

Consultou os medicos. Os medicos, durante a conferencia, desviavam os olhos e amarravam o lenço á boca, no honroso intuito de suffocarem os vomitos produzidos pelas gargalhadas irresistiveis.

Pretendeu tomar estado; porque não? Dirigio-se á casa da noiva, e emquanto esperava na sala de visitas, o irmãozinho da pretendida veio participar á familia que alguem lhe queria fallar.

— Parece que é boa noticia, mamãe! Elle está rindo!

— Está rindo?! Oh Silva! se fosse o cambista?... Que numero é o teu bilhete?

Jorrou a familia inteira pela sala a dentro. O pai trazia na mão aberto o quarto n. 4637 da loteria concedida ao monte-pio dos servidores do Estado;— a mãe, tremula e anciosa, vinha mais atraz; mais atraz vinha a menina levemente corada; e o pequeno espiava da porta o panorama geral com os olhos cheios de maliciosa luz.

O sugeito levantou-se rindo, cortejou alegre, e alegrissimo estendeu a mão aos recem-chegados.

— 4637?! perguntou offegante o dono da casa.

O pretendente espantado escancarou os olhos, sempre a rir, já se sabe.

— Perdão, accudio elle, abrindo a boca, que tomou o aspecto d'uma gargalhada. Rogo a V. S. o obsequio de lêr esta carta!

A carta era d'um affeiçoado da familia, apresentando com especialidade o portador, e garantindo em optimos termos as suas pretenções nupciaes.

O pai terminava a leitura, quando naturalmente volveu os olhos para o outro; o sugeito ria-se! O pai meio enfiado, entregou a carta á esposa, que a deu á filha, depois de notar tambem por sua vez a alegria um tanto maliciosa do pretendente. A menina, confusa e enleiada, como acontece geralmente ás virgens n'essas circumstancias, ergueu os olhos para o homem que a cubiçava, e aquelle ar de riso, aquelle ar de zombaria, aquelle ar de motejo indignou-a! Fugio da sala abrazada em santas coleras.

Quem tomou um fartão com o episodio foi o pequeno. Rolava pelo tapete ás gargalhadas, apontando o sugeito a dedo, e exclamando de instante a instante:

— Como elle está alegre! Que graça! como elle ri!

O velho, medindo o pretendente de alto a baixo:

— Sáia! exclamou imperioso.

— Mas, senhor...

— Vá rir-se nas profundas dos infernos!...

O pobre homem pôz-se ao fresco; perturbado e. . risonho. Respirou soffregamente ao descer a escada, e rogou a Deus, em silencio, que ou lhe désse outra cara ou o levasse d'esta para menos desconfiada sociedade.

Na rua escapou de ser desancado por um allemão, prodigiosamente sério, a quem pedio fogo.

Era forçoso mudar de terra; tomou passagem no *Tocantins* e foi á Bahia. No hotel em que se hospedou estava de passagem uma companhia de cavallinhos. Alguns viajantes, que o viram almoçar, com aquella cara, n'uma mesa pouco affastada d'elles, disseram uns aos outros:

— Deve ser o palhaço da companhia.

E fizeram-lhe *scio!* estalando os dedos e fingindo que subiam por um trapezio acima.

O sugeito tratou de mudar de hotel immediatamente. Da Bahia partio para Pernambuco; e em seguida correu todas as provincias do norte do Imperio: Ceará, Maranhão Piauhy, Pará, Alto Amazonas.

Os criados nos paquetes, ao servil-o, riam-se como possessos; o marinheiro do leme exigio que o commandante orçasse o sugeito a sentar-se longe da bitacula, sob pena de elle perder-se no exercicio de suas funcções e atirar o paquete por cima da costa.

No Ceará vivia casada e com filhos uma pessoa a quem ia recommendado. Ao chegar á capital perguntou pelo numero e rua da casa do individuo. Enviou-lhe a carta e, dous dias depois, foi em pessoa. Engravatado, enluvado, distincto, agitou a campainha da escada. Vieram abrir. Soube pelo escravo que a mulher do dono da casa morrera na vespera. Era pois uma visita de pesames. Contemplou-se; notou que estava decente, e pedio que o annunciassem.

Condusiram-n'o á saleta; ouvio desde o corredor soluços e ais comprimidos. Eram os parentes e os officiosos, que choravam a *irreparavel perda!* — estylo commum!

O sugeito entrou na pontinha dos pés; ia triste e alegre a um tempo, por causa... da cara! As pessoas penalisadas, ergueram a cabeça e ficaram a olhar para o recemchegado com surpresa e admiração. Elle ria-se!... O sugeito dirigio a mão ao viuvo e:

— É com o maior sentimento...

O viuvo, dando com a vista n'aquelle rosto alegre, motejador, diabolico, levantou-se de impeto.

— É com o maior...

Operou-se uma metamorphose no quadro lastimoso que a saleta apresentava. As proprias parentas estalavam com

riso, e o viuvo indignado arrastou o sugeito pela mão até o primeiro degráo da escada :

— Um destes dias irei pedir-lhe as devidas satisfações. Por ora cifra-se o meu desforço em expulsal-o de minha casa!

— Permitta que...

— Do seio de minha familia! João, leva este homem até a porta da rua!

O sugeito seguio para o hotel, desorientado. Zunia-lhe o vento entre os ouvidos, e sentiu a noite pesar sobre a sua cabeça como a pedra d'uma sepultura. Por um impulso natural, um movimento expontaneo e invencivel, dirigio o punho cerrado ao céo cheio de estrellas. Se houvesse por ali um armazem de caras feitas, elle arrematava-as da primeira á ultima, sem pestenejar!

Chegou ao hotel. O estalajadeiro desejou-lhe boas noites; de rosto baixo e mãos nas ilhargas, comprimindo o riso!

O sugeito fechou-se no quarto hermeticamente. Faltava-lhe ar. Abrio de subito a janella e bebeu como um naufrago os livres effluvios da athmosphera.

Batiam-lhe as fontes; o coração pulsava-lhe dentro do peito, com o surdo ruido d'um tambor em surdina. Estava febril e um suor de gelo innundava-o da cabeça aos pés.

Tentou escrever não sei o que, mas vio-se obrigado a procurar a cama, amparando-se á mesa e ás cadeiras.

No meio da noite os criados, os hospedes, o hoteleiro, ouviram gritos, como os de um moribundo axphixiado. Depois de rapida consulta, decidiram-se a arrombar a porta do quarto. Um medico que pernoitava no hotel, foi o primeiro a devassar o aposento. O sugeito estorcia-se nos delirios da febre e da congestão cerebral.

— O que sente? indagou vivamente o facultativo.

Elle, que estava a rir como de costume, redobrou de jovialidade, a ponto de espantar a todos.

O dono do hotel acenou ao medico. E a um canto do quarto, disse-lhe:

— Parece-me que ou este sugeito é um gira perfeito, ou então é um grandissimo bregeiro! Nunca o vi de cara séria. Repare, repare, senhor doutor, como elle se ri para nós dous!

O medico, porém, movido por um sentimento real, correu ao doente.

— Vá buscar o meu estojo! gritou elle ao estalajadeiro e aos criados. Já! está em cima da comoda, no meu quarto. Numero 8!

O estalajadeiro apressou-se em cumprir as ordens expedidas em vóz imponente. Quando de volta, punha o pé no

limiar do quarto, atravessaram-lhe as carnes, como settas de aço, as notas d'uma gargalhada vibrante, incisiva, amedrontadora.

Os criados e os hospedes cercavam a cama do sugeito. O facultativo amparava-lhe a cabeça.

O hoteleiro approximou-se assustado.

— Não é um bregeiro não, meu caro! disse o medico; olhe: ficou sério para sempre.

— E então?

— Está morto.

D'essa vez já não fazia rir, nem ria a cara do... defuncto.

# A PROMESSA DE MARCOLINA

A Felizardo Junior

*Poeta e Dramaturgo inspirado.*

Ellas cantavam, durante o trabalho, dia e noute. O canto de uma era choroso como o suspiro das fontes ou os suspiros do mar. Chamava-se Anna e tinha menos dous annos que Marcolina. Era pallida e nos seus pensativos olhos negros borbulhava uma lagrima eterna. Dir-se-hia que em vez de cortina branca, affagára-lhe o berço apenas a escura aza da morte.

A segunda, a Marcolina, era mais alegre, mais viva e mais criança que a irmã! Tinha uns olhos verdes, olhos de esperança e de amor, perennes fontes de sagradas chimeras e iriantes caricias da mocidade. A alvura de ambas moldurava-se graciosamente sob compridas e ondulantes

tranças de cabellos negros. Viviam unidas pelo mesmo pensamento, as mesmas idéas, as mesmas mágoas e as mesmas consolações, como dous lyrios em um só galho, ou em um só hastil duas orvalhadas açucenas.

Eram orphãs de pae e mãe. Pobres e virtuosas, acudiam á magra subsistencia de sua vida trabalhando na costura sem descanso e trajando com a perfeição e o gosto de quem sabe ser formosa, sem adornar-se nem resplandecer como as meninas ricas que se espanejam nos salões da opulencia.

Marcolina amava Anna com a soffreguidão de uma mãe e as santas ternuras da mais dedicada irmã. Tristeza que sombreasse a adorada cabeça de Anninha descia logo sobre o risonho coração da outra, como as dobras de uma mortalha ou a pedra de uma sepultura.

Ás vezes Anna deixava cahir dos dedos extaticos a costura começada, olhava para o céo azul, onde corria um bando de andorinhas, e suspirava.

— Que tens, Anninha ?

— Nada; saudades...

E de novo a agulha embebia-se veloz na dobra da seda ou da cassa, em quanto a vóz da menina não cantava, mas gemia umas quadras melancolicas :

Tu has de vir n'uma noute
Sem estrellas nem luar,
Vêr meus olhos como fecham
Vêr meu peito agonisar,

E os meus pesados tormentos,
Não poderás consolar,
Se vieres n'uma noute
Sem estrellas nem luar.

— Cala a boca, Anninha! dizia Marcolina ternamente reprehensiva. Que has de estar cantando sempre essas cousas tristes!

— E o que tem, se eu sou triste por natureza!

— Ao menos pára ahi. Não gosto do resto dessa cantiga!

Mas Anninha sorria com um ar de angelico martyrio, e depois de dar dous pontos febris na costura, proseguia:

Como, oh pobre! has de soffrer!
Como tu deves chorar!
As nossas almas na terra
Nunca mais hão de se olhar!

Pois Deus escolheu a noute
Sem estrellas nem luar,
Porque não quer que tu vejas
Minh'alma aos anjos voar.

Vivamos emquanto é tempo,
Emquanto eu posso te amar,
Ai! antes que chegue a noute
Sem estrellas nem luar!

O seio de Anninha offegava e uma lagrima tremia nas doces palpebras abaixada sobre a costura.

Marcolina, seguia lentamente a ondulação e a quéda daquella mysteriosa lagrima.

## II

O pae dessas duas costureiras morreu no campo de batalha, em uma de nossas antigas campanhas, batendo-se como um bravo, em honra da patria. Recebeu o golpe fatal, trazendo na farda as divisas de coronel. Serenaram-se os tempos; o resto das tropas empenhadas em defender o nome do ministerio, que sustentou a guerra, e a bandeira nacional, voltou aos patrios lares; soldados estropiados, officiaes sem braços e cobertos de cicatrizes; mas a gloria fartára-se de sangue e a palavra da ordem fôra pronunciada nos campos da peleja.

O soldo do coronel morto foi a principio religiosamente ou antes politicamente entregue á viuva, cujas filhas, Anna e Marcolina, contavam nessa época cinco e sete annos de idade. A viuva, para encher a lacuna aberta nos gastos da casa, cosia para fóra; o soldo auxiliava mas não, soccorria a todas as despezas.

Mudaram-se os tempos e mudaram-se as politicas. Quando as meninas completavam, uma treze e a outra quinze annos, não se sabe por que motivo, a viuva deixou de perceber o soldo do coronel morto em defeza da patria.

A desventurada pediu a Deos forças para o trabalho, e nunca mais se apagou a lampada nocturna a cuja luz cegaram-se pouco a pouco os olhos, que as lagrimas não haviam conseguido ennevoar.

Marcolina e Anna começaram a comprehender então todo o peso de sua desventura, e com uma resignação sublime, com essa virtude que a Providencia retempera nas almas privilegiadas, atiraram-se ao trabalho e não abandonaram nunca a santa e carunchosa mesa, junto á qual ia se extinguindo a miserrima viuva do soldado.

A tristeza que pairava, como sinistra ameaça sobre a fronte macilenta da mãe, ficou por herança á filha; nunca as lagrimas correram isoladas pela face da velha: Anna chorava tambem quando presentia que a pobre mulher retinha um soluço ou suffocava um pranto desolador.

Marcolina, mais alegre por natureza, e talvez, quem sabe? para affastar um pouco a profunda e mortuaria tristeza que opprimia a familia, ria-se, lembrava anecdotas, cantava e enfiava risadas turbulentas.

— Quem canta seus males espanta! exclamava ella com

os olhos brilhantes e sobraçando o travesseiro da costura, onde fazia prodigios de machina. Anna suspirava, comprimindo as pulsações do seu coração ferido por mágoa desconhecida, e murmurava com a alma desorientada:

— Isto durará sempre, Mãe Santissima?

## III

Richard era um rapaz de vinte e dous annos, gracioso e modesto como uma menina bem educada. Era louro, tinha olhos azues magnificos, e um meigo sorriso que encantava a todos.

Nascera no Rio de Janeiro e descendia de uma familia franceza. Os paes morreram-lhe antes d'elle contar quinze annos, e a modista, amiga da extincta familia, tomára sob sua protecção o menino do qual fez o seu mais fiel caixeiro e o mais sisudo amigo.

Richard encarregára-se dos melindrosos traficos da casa. Por morte do guarda livros cedera-lhe a modista toda a escripturação e as transacções commerciaes jogadas com esta praça e a de Paris. O zelo, a actividade e a limpeza acompanhavam os trabalhos do moço como a sua guarda e os diplomas de seu raro valor.

Quem levou pela primeira vez encommendas á casa da

viuva do coronel, foi elle. As meninas não lhe appareceram, e a viuva, ciosa até o excesso, tratára-o com certa urbanidade e reserva.

Multiplicaram-se as visitas, e em um bello dia, quem o recebeu não foi a viuva, foi Anninha com os seus grandes e tristes olhos negros.

Richard era acanhado; cousa rara em um rapaz que tem a liberdade de percorrer a rua do Ouvidor, e que é empregado em casa de uma modista de fama.

Anninha fez-lhe sala até á chegada de sua mãe e de Marcolina, que haviam sahido. Quando a viuva entrou, não franziu o sobr'ôlho vêndo-os juntos, porque Richard entrára na sympathia da honrada senhora.

— Oh! estava ahi, sr. Richard?

— Trouxe estes vestidos para ficarem promptos até o dia 20, disse o caixeiro com um leve e picante sotaque francez.

— Até o dia 20! A madama anda agora muito apressada. Diga-lhe que aqui não ha machinas!

— Mas as senhoras trabalham tão depressa!

Richard despediu-se, e ao transpôr a porta, os olhos delle e os olhos de Anninha encontraram-se por acaso. A formosa menina córou ternamente e sentiu que o seu coração batia mais apressado.

Dahi por diante, não era só a viuva quem vinha attender a Richard nas encommendas da modista. Ora Marcolina, óra Anninha, acodiam pressurosas ás palmas do gracioso moço e davam sempre por bem vinda a sua presença.

Marcolina que adivinhára qualquer cousa, ria-se para Anninha, ao ouvirem ruido na escada, e dizia maliciosamente :

— Temos encommenda, Anninha !

— Melhor !

— Mas não reparaste ainda, mana, que Mme Augusta pensa mais em nós agora do que d'antes ?

E desprendia uma gargalhada melodiosa e vibrante.

— Marcolina !

A viuva do coronel tambem notára a assiduidade de Richard junto de Anninha, mas não dissera palavra nunca. E Anninha ? A propria irmã, até um dos dias mais fataes de sua vida, não pôde conseguir, por mais que tentasse, ouvir dos labios da outra o menor vislumbre de confissão amorosa.

— Pois não gostas de Richard ?

— Gosto. É um mocinho sério e...

— E bonito ?

— Nem reparei ainda ! acodia Anninha, erguendo com

mimoso desdem os hombros. Para mim, Marcolina, a melhor belleza está na alma, e essa não se vê!

— Bravo! a minha philosopha!

Richard amava Anninha, e devéras. Ha uma certa relação intima e expontanea entre aquelles a quem o destino tem ferido nos seus mais caros sentimentos, que não é dado a creatura adivinhar ou comprehender na vida. A orphandade de Richard pendia para a triste pallidez de Anninha, a semelhança de certas flôres que só brotam na gramma que rodeia os tumulos, e crescem inclinadas sobre a terra que vae recebel-as em breve.

Mas, nunca da boca de Richard sahira a mais simples palavra de amôr em presença de Anninha. O pobre rapaz deixava á linguagem dos olhos e dos suspiros a confissão de suas secretas mágoas. Como toda a mulher, desde Eva até a leitora desta historia, Anninha adivinhára nos olhos e nos suspiros de Richard, o amôr que germinava naquelle leal coração e naquella honesta alma.

No dia dos annos de Anninha, Richard trouxe-lhe por mimo um livro de missa, ricamente encadernado em velludo azul e prata.

A menina leu a oração da noute com os mais santos enthusiasmos de sua alma e de seu puro coração de donzella.

O livro que Richard lhe offerecêra, tornou-se o seu Evangelho, a Biblia de sua mocidade e aspirações virginaes.

Morreu a viuva do militar. As filhas que rodeiavam-lhe a cama, ouviram de sua boca, santificada pelas sombras profundas da eternidade, conselhos que só as mães e os anjos sabem proferir nos momentos solemnes.

— Olha bem para Anninha, Marcolina, suspirava a moribunda. A honra é uma cousa que se quebra com facilidade extraordinaria. Cuidado com a nossa honra, filhas!

Marcolina, pallida, forte e resignada, amparava a seu peito palpitante a cabeça desorientada de Anninha.

— Marcolina, tu és mais velha e conheces melhor o mundo do que ella. Salva tua irmã e salva-te!

— Sim, mamãe, sempre!

Richard bateu á porta.

Quando a moribunda viu o moço entrar no seu quarto, tentou, por um herculeo esforço, estender-lhe a mão livida e transparente.

Richard, com os olhos molhados e a boca tremula, dirigiu-se a Marcolina.

A menina disse-lhe apenas:

— Mamãe está muito mal, Richard.

E correu para fóra do quarto, onde já não podia a infeliz suffocar a torrente impetuosa de suas lagrimas.

A janella da sala deixava entrar os abundantes clarões da lua. Marcolina estendeu os braços ao céo illuminado :

— Meu Deus ! amparae a sua alma, e protegei-nos, santo lenho de Jesus !

Richard sahia nesse momento da alcova.

Marcolina correu ao seu encontro :

— Não se chama um padre, não se chama um medico ?

— Ella não quer ninguem. Pediu-me apenas que lhe désse o seu crucifixo de marfim, quando estivesse para entregar a alma a Deus.

Ficaram ambos a ouvir os doces murmurios da noute, clarados pelos raios da lua misericordiosa e terna.

— Que desgraça, Marcolina !

— É uma desgraça, sim, uma desgraça irremediavel, Richard !

Parece que Nossa Senhora, com pena de mim, arrancou-me do seio o coração e fez-me estatua para poder supportar todas estas desventuras. E Anninha, Richard? e Anninha ?

— Pela salvação de minha alma, que a amo !

— Ama Anninha ? Você a quer para si ? Diga !

— Seria a minha unica ventura ! exclamou o moço levantando a cabeça ao céo, como se exigisse o testemunho dos anjos.

Um clarão divino cobrio o rosto de Marcolina, que se fez de uma belleza ideal.

— Seria a sua unica ventura? disse ella sorrindo, com os olhos humidos e o regaço offegante.

— Seria.

— Louvado seja Deus! bradou a menina apertando as mãos de Richard e desprendendo um suspiro de ineffavel contentamento.

Á porta da alcova appareceu a cabeça livida de Anninha.

— Marcolina!

A viuva agonisava. Estremeciam-lhe as magras mãos, cingidas sobre o crucifixo, humido de suor e de lagrimas.

Quando Marcolina ajoelhou-se aos pés da cama, a pobre mulher exhalava o derradeiro suspiro, articulando ainda:

— Deus receba a minha alma.

Anninha sahio do quarto nos braços de Marcolina e de Richard, inanimada e fria.

IV

Richard continuou a frequentar a casa daquellas duas crianças desamparadas.

Anninha expirava aos poucos, como uma musica, como um perfume, como um bonito dia de verão; ia acabando naturalmente, sem que ninguem descobrisse por traz das melancolias da menina a figura inexoravel da Morte.

Richard pedio officialmente, isto é, a Marcolina, a mão de Anninha.

Marcolina participou o occorrido á irmã. Anninha abaixou a cabeça e pôz-se a chorar.

— Porque choras?

— Porque vou morrer. A alma de mamãe está me chamando, Marcolina!

Houve um enterro, cujo esquife sahia da visinhança, e Anninha assistio á funebre ceremonia, como se fôsse a festa do seu casamento.

— Sabes, Marcolina? Quero pedir-te um favor.

— Sim? acudiu a menina sorrindo.

— Não viste uns tumulos brancos com um anjinho em cima, de marmore, quando fomos com mamãe, ha dous annos, ao cemiterio de S. Francisco de Paula?

— Nem me lembro!

— Pois promette-me que has de trabalhar para fazeres levantar sobre a minha cova um anjinho assim!

— Tola!

— Não faz mal, promettes? Juras?

— Juro! replicou Marcolina, grave e melancolica.

Richard veio á noute. Anninha recebeu-o com uma reserva especial. O moço admirou-se. Chamou Marcolina á parte.

— O que tem Anninha?

— Estou morrendo, murmurou uma vóz, junto aos dous.

Marcolina e Richard voltaram-se bruscamente. Anninha excessivamente pallida encostava-se a uma cadeira, cerrando os olhos e apertando com a mão livre o peito arquejante.

Marcolina amparou-a entre os seus braços, anciosa e louca. Anninha arfou convulsivamente, e os seus dedos descerraram-se pouco a pouco... Estava morta.

O que Marcolina soffreu... Para que tentar no estylo

debil exprimir as mais cruciantes e terriveis dores? Marcolina sobreviveu ao naufragio tremendo de sua familia.

Uma idéa jámais a desamparou: foi o desejo funebre da irmã, em possuir um mausoléo branco, adornado com um anjo de marmore.

Começou a trabalhar, a trabalhar affoutamente, dia e noute, sem descanço. Em vão! As raras moedas mal chegavam para os gastos da casa. Um dia, bateram-lhe á porta; era um velho gamenho, enluvado e cheiroso, que veio offerecer-lhe meios para ella lançar-se aos abysmos da desgraça e da prostituição.

Marcolina repellio-o indignada.

— Oh, minha mãe! exclamou ella; muito custa ser honesta e feliz!

Não dormio durante a noute. No dia seguinte, convulsa e sombria, esperou pela visita do velho, depois de receber um bilhete em que lha participavam.

— O senhor fará o que eu desejo?

— Tudo, tudo!

— Pois bem; mande levantar um mausoléo sobre a cova de minha irmã!

— Oh!

— Só assim.

— E a senhora? E tu?

Marcolina reprimio um gesto de enojo.

— Eu irei entregar-me á sua pessôa. Espere-me no seu quarto.

## V

Sobre a cova de Anninha erguia-se, cinco dias mais tarde, um formoso e singelo mausoleo de marmore.

N'essa noute, o velho gamenho, entrando em casa, estremeceu de volupia, quando o criado lhe disse que no seu quarto esperava-o uma mulher.

O libertino penetrou contente e saltitante na guarida de suas torpes vigilias.

Marcolina estava morta em cima da cama, com um vidro de arsenico ao pé de si.

No travesseiro havia um bilhete, que o velho abrio aterrorisado :

« Cumpri a minha promessa. Aqui estou ! »

## A VERDADE E AS MENTIRAS

(Ramon de Campo Amor)

Quando por toda esperança
O padre diz ao nascer
A estremecida creança:
— És pó e pó has de ser.

Repetem n'um doce grito
A mãe e a ama tambem:
— Como elle será bonito!
— Bonito e homem de bem!

E logo após a Esperança
Faz o estribilho á canção:
— Será feliz a creança!
— Será rei! brada a Ambição.

E emquanto o tempo procura
O menino engrandecer,
A religião murmura:
— És pó e pó has de ser.

Cheias de fé e certeza
Exclamam com parte audaz:
— Será um Créso! a Avareza;
A Vaidade: — Oh! muito mais!

E o seu nome se derrama
Da terra aos eternos céus...
— É Homero; — grita a Fama;
Volve a Razão: — É um Deus!

Mas a voz solemne e pura
Ao nascer, como ao morrer,
Diz, no ouvido á creatura:
— És pó e has de ser.

## A MUCAMA

É o mimo da casa; as meninas contam-lhe todos os segredos; os escravos a respeitam; as visitas reconhecem n'ella a herdeira presumptiva das malicias e indiscrições da familia; e sua vida resume-se em ser a companheira da senhora moça em solteira, e a criada particular da senhora moça quando se caza!

É a favorita do lar domestico; uma especie de Montespan retinta, azougada, de cabello aprumado, por cujas mãos teem de passar todos os requerimentos que se dirijam á alta sabedoria do conciliabulo familiar. Em Inglaterra chama-se geralmente Betty; em França Marton; em Portugal Maria; no Brasil perde o nome de baptismo para grangear o honroso qualificativo de mucama.

Contam as chronicas antigas que o melhor meio de se attrahir a confiança dos monarchas, era em primeiro logar

angariar a sympathia das favoritas. Ninguem levará a mal essa observação, desde que se lembrar da Pompadour, da La Vallière, da duqueza de Berry, da duqueza de Chevreuse, da Maintenon, da Parabère e de outras estrellas galantes do escandaloso horisonte do seculo XVIII.

Pois no Brasil, e especialmente no Rio de Janeiro, essa pleiade de figuras gentis, essas duquezas, princezas, marquezas, loiras, morenas, infieis, ousadas, encantadoras, resumem-se n'um simples perfil, cujo maior luxo é o de trazer o cabello aspero repartido e empinado, os olhos vivos, o dente claro, o motejo e o *muxoxo* promptos, o vestidinho engommado, a côr envernisadamente negra e uma insolencia á prova dos mais rispidos preconceitos sociaes.

Será preciso nomear a mucama? Quem não a reconheceu já nos rapidos traços, que ahi deixámos, embora toscos e incolores?

Um espirito superior na nossa litteratura, desenhou em quadro de mestre a physionomia garrida, impertinente, cruel, engraçada e arisca do *moleque*, o demonio familiar, o secretario do *senhor moço*, o terror das visitas, e o cofre indiscreto de todos os mysterios da casa e da visinhança!

Só a mesma penna seria capaz de pôr em relevo o typo

da mucama brasileira. Devo-lhe esta venia, antes de metter a mão na custosa seára.

A mucama é uma confidente, — que digo? é uma pessôa da familia, uma parenta e quasi sempre uma filha. Identifica-se com os gostos, os defeitos, os cacoetes dos senhores, a tal ponto que eu ouvi um sugeito perguntar, ha tempos, á minha vista, á mucama, durante o jantar:

— Oh! pequena! devo principiar pelo frango ou pelo carneiro?

Ella respondeu não sei o que, e curvou-se immediatamente, para dizer qualquer cousa ao ouvido da menina.

O sugeito, respeitando o meu honesto pasmo, disse-me rindo:

— É a mucama de minha filha.

E ao meu ouvido:

— É um azougue!

A mucama é quem veste a nossa noiva, quem a pentêa, quem lhe ensina o meio de nos fazer ciumes no ar, quem vê primeiro os figurinos da ama e os escolhe, quem nota os defeitos e as bellezas das visitas da casa, quem as despede á porta da rua, quando lhe apraz, quem acompanha a menina á chacara, ao quarto, á cama, e é quem, na hora do noivado, lhe prega o ultimo alfinete, murmurando seja

o que fôr que obriga a noiva a corar e a rir diabolicamente.

— E vai se casar sempre com o Santos, nhanhã? perguntou uma á senhora moça, no dia em que esta acceitara o pedido do pretendente.

— Vou. O que é que tem?

— Não era eu! Olhe, d'isso estava elle livre!

— Porque?

— E a verruga do pescoço?

— A verruga?

Os olhos da noiva brilharam, e suas faces tingiram-se de um purpurino arrebol.

— Só hoje foi que eu dei pela cousa! proseguio o demonio negro. E matisava as palavras de gargalhadas intermittentes. Hoje á hora do chá!

— Mas...

— Ora, tinha que vêr! uma moça do Cassino, uma moça fregueza da *Notre Dame* e que anda no *coupé* de papai!

— Explica-te! explica-te!

— Eu lhe conto. Quando a gente veio tomar chá, eu dei para ficar por traz d'elle. Meu dito, meu feito. Não tirei mais os olhos de cima do homem. Conversa pucha conversa; e abaixa aqui, abaixa acolá, o certo é

que d'uma vez em que elle se debruçava para um lado, o collarinho affastou-se, e eu vi com estes olhos mesmo, uma verruga do tamanho d'um tento com que meu senhor joga o solo!

— Feissima, hein?

— Deus me defenda! parecia um bezouro... Então, com pena de nhanhã...

— Está bom. Vai te deitar.

— Não quer nada mais?

— Não, acudio a menina um pouco febril. Vai te deitar.

No dia seguinte, desmanchava-se o casamento. D'esta vez, a fatalidade rebentou no seio de uma familia sob o aspecto d'uma... verruga? Qual! sob o aspecto d'uma mucama!

A mesma menina, atenasada pelo demonio negro, cazou com um biltre que a injuriava dia e noite, para dar razão á mucama. Isso é vulgar!

A mucama consegue dominar todos os representantes da familia, desde o chefe até o ultimo parente. É muitas vezes o pomo da discordia. Uns defemdem-na, outros censuram-na; outros nem a censuram nem a defendem; ficando ella na posição altamente historica de Helena, pela qual brigaram os valentes heróes de Homero!

A educação brasileira, que não é por fim de contas o

ideal das educações racionaes, deve banir de seu gremio essa figura ironica, traidora e graciosa da mucama.

A mucama é um perigo; um perigo que se insinúa, quasi imperceptivelmente, á maneira do arranhão do gato ou das febres intermittentes. Depende muitas vezes d'ella o socego do lar domestico, e não é para admirar que o seu espirito infernal sirva de peso na balança das nossas contribuições sociaes e politicas.

Em tempo de eleições:

— Rapariga, vai vêr quando passa o Cunha e entrega-lhe isto. São as chapas da nossa freguezia!

Pouco depois pára junto á janella um Cupido, que costuma cortejar a menina da casa.

— Então, pequena, o que ha de novo?

— Nada. Só eu que aqui estou á espera do sr. Cunha, para lhe dar as chapas.

— Que chapas?

— Eu sei!? Da freguezia do meu senhor! Olhe!

E mostra o embrulho.

O Cupido tem uma subita inspiração.

— Oh, pequena, dá cá isso!

— Para que?

— Ora vamos! Dá cá, e toma estas!

— Hein?

— Se me queres bem!... Não sejás má... então?

E trocam-se os embrulhos.

O certo é que, na apuração das cedulas, o homem entra em casa desorientado:

— Isto só por artes do diabo! vocifera elle. Rapariga!

Vem a mucama; olhos serenos, peito tranquillo, e com um sorriso apenas malicioso no canto da boca.

— Entregaste as chapas ao Cunha?

— Sim, sr! Elle que diga!

— Diabo, diabo!...

E emquanto o derrotado heróe da freguezia arranca os cabellos e as barbas a mãos juntas, a mucama estala de riso, por traz do bastidor da senhora moça!

A mucama está collocada entre o escravo e a familia; nem é propriamente filha, nem é propriamente escrava.

Para ella se inventou um meio termo de censura e de caricia; um *quasi* beliscão e um *quasi* beijo.

Ella nasceu no mesmo dia em que a menina veio ao mundo; os gostos, os dissabores, as malicias, as ingenuidades, os caprichos da menina refletem-se n'ella.

Se está pezarosa a senhora, a mucama pezarosa está; se a senhora vive alegre, o mundo descobre esse lisongeiro estado no nariz esperto, no cabello reluzente e nos labios perigosos do travesso demonio.

A menina esconde um segredo, dous segredos, o maior segredo de sua alma a sua mãe; á mucama, não. E tente-o!

Ella vem surrateiramente como a cobra, como a pulga, como a traição. Olha para a senhora moça; tosse de manso; demora-se em arrumar alguma cousa na *toillete;* estaca a examinar um vidro de perfume; pergunta mil vezes se não ha necessidade de cousa alguma, e por fim exhala um retumbante suspiro, com os olhos piedosamente erguidos ao tecto.

— O que tens tu?

E palavra depois de palavra, phrase em seguida a phrase, questões, reticencias, armadilhas, maliciosas perfidias, até que emfim...

Até que emfim, a mucama ao romper do dia, vai contar á dona da casa, com certo aprumo, tudo quanto a menina occultou ás lagrimas e supplicas maternas.

É uma raça damninha realmente, mas é o lado espirituoso, é o lado galante, é o lado anedoctico e gentil da escravidão brasileira. De todos os escravos, o mais perigoso, terrivel, invencivel e fatal, é a mucama. Terrivel, por ser justamente o mais seductor.

Ha pais que dizem, apresentando a filha ao noivo, como o seu melhor elogio:

— Não tem parentes !

Se elles dissessem: — Não tem mucama! seria cousa de lisongear, com mais vantagem, o espirito e o socego d'um noivo consciencioso.

A proposito de noivo... Um janota fluminense, rapaz esbelto, atoleimado, rico, socio do Jockey Club, e talento capaz de, no peior bilhar, levar a cabo uma duzia de carambolas em dez minutos, — um moço perfeito, emfim ! — estava a pular de cobiça pelo dote de uma herdeira riquissima, cento e cincoenta apolices, dous predios magnificos, madrinha millionaria etc., etc !

A menina era galante, mas ingenua, de forma que o sugeito tinha quasi por ganha a partida. Havia, porém, uma barreira no meio da aventura ; e que barreira, Virgem purissima ! — havia uma mucama !

Pai, mãe, irmão, amigos, todos amaldiçoavam o dia em que o janota pôz os olhos... nas apolices da donzella. A mãe em varias conferencias intimas tratára de aconselhar a filha.

— Eu tenho mais de vinte annos, mamãe. Ou me caso com elle, ou então a lei...

A lei era um dos recursos a que se prendia a logica do namorado. Em todas as suas cartas elle fallava na lei !...

A menina sentia-se vencida e fascinada.

A mucama, por capricho ou por commiseração da familia, decidio-se a cortar a crise.

No momento de se deitar, disse-lhe a senhora moça, com a face incendiada e o seio convulsivo :

— Se papai não consentir, eu heide ser tirada por justiça ! Verás !

A mucama deixou de desacolchetar o vestido da menina, olhando-a com certa penetração.

— Nunca me viste ?

— Estou admirada !

— Oh ! oh ! porque ?

— Porque esse moço lhe quer tanto bem como a mim !

— Hein ? !

— Vamos apostar !

— Estás doida ?

— Vamos apostar, sinhá ! Em sendo horas amanhã eu vou para o portão, e o que se passar, vosmicê verá da janella do jardim.

— Que vaes tu fazer, rapariga ?

— Verá !

Os olhos da mucama fulguravam como duas brazas infernaes. A menina sorrio desdenhosa e entregou-se toda aos ineffaveis arroubos de sua poetica aventura.

Na tarde do seguinte dia, a mucama approximou-se á senhora moça. Estava luzidia, viçosa, enfeitada, rutillante de perversidade e malicia.

— Espere um pouco, sinhá!

— Esperar porque, maluca?

— Pela prova que eu lhe disse hontem. Elle hade vir buscar a resposta da carta...

— Se tu fizeres alguma cousa...

— Esconda-se vosmicê por traz da persiana e conhecerá quem é o sugeitinho. Tambem póde acreditar, se elle não fôr como os outros, eu mesma lhe direi: — caze-se já, já sem perda de tempo!

— Tola!

Ás dez horas da noute, o silencio cercava toda a sumptuosa habitação. A menina, entre a curiosidade e o enleio, acondicionou-se á sombra da persiana. Era a hora em que o janota vinha regularmente trocar entre as mãos da mucama as epistolas amatorias.

*Tic*, *tac*, *tic*, *tic*, *tac*, *tac*...

Lá vinha elle! Chegou emfim! Examinou se alguem o seguia, se alguem o via, se o espreitava alguem... Adiantou-se até o portão. A mucama sahio-lhe ao encontro.

— Então? indagou o janota, estendendo a mão, á espera da carta habitual.

— Hoje não ha, meu senhor!... acudio ella, desfazendo-se em meneios e momos graciosos.

— Tua senhora?

— Não está em casa.

— Como?!

— E verdade... eu estou só.

— A familia toda sahio?

— Todinha.

E momentos depois, ouvio-se no silencio da noute, o ruido sonóro d'um beijo.

Immediatamente, porém, estalou uma gargalhada vilbrante, acerada, estridente, e o portão fechou-se com estrondo nas barbas do novo D. Juan.

A gargalhada crescia de furia, de expansão e de sonoridade.

Aó mesmo tempo descerrava-se a persiana e surgia o rosto colerico e pallido da illudida enamorada.

— Então, sinhá? Ganhei ou perdi a apósta?

O janota enfurecido tentou abrir o portão. Acordou o feitor, apenas. Ia despertando o alarma na casa. Achou mais commodo retirar-se. Fel-o com a maior prudencia e... presteza.

Quando a mucama approximou-se á senhora moça, mal podia comprimir as risadas que a suffocavam.

A menina olhava-a pasma e muda , sem saber se devia repellil-a ou acarinhal-a.

— Olhe, sinhá — observou o demonio com um ar genuinamente infernal — d'esses homens ha por ahi aos centos, como as moscas. Não vale a pena ! Nem para mim !

E enxugou desdenhosamente a face.

Nunca mais se fallou no namoro da moça, nem se vio a cara atoleimada do janota. A familia mal sabia a que attribuir tão feliz metamorphose.

Um dia, em segredo, a menina narrou a scena do rompimento á mãe, a mãe ao pai, o pai ao filho ; e de commum accordo, decidiram alforriar a crioula, conservando-a, porém, no posto de mucama predilecta.

Ella preferio ser ainda, ser sempre, ser por toda a vida, mucama ; mas... escrava.

Metternich não seria mais diplomata, nem Machiavel mais astuto.

## FEITOS UM PARA O OUTRO

Ella é baixinha, nedia, redonda, levemente biliosa, nariz acastanhado, um buço! uma nuca rochonchuda, e grande profusão de cabellos ruivos que lhe desaguam pelo meio da testa em torrentes de caracóes. Elle é alto e magro, perfil de navalha, nariz que parece quebrar-se ao menos pretencioso espirro; não tem barba, — cara indecente! cara núa! — cabellos... ausentes, usa chinó, e offerece á curiosidade dos naturalistas uma testa da largura do Rocio pequeno. E no emtanto, o mundo inteiro fallando dos dous, pondera conscienciosamente: — *foram feitos um para o outro.*

Elle nunca a namorou antes de conduzil-a á egreja; nunca lhe escreveu a menor epistola congratulatoria, nunca lhe pedio o retrato, nem sabia ao certo o dia do nascimento d'ella. Era-lhe indifferente a noiva! Cazava para tomar estado.

Ella mal conseguia pensar n'elle uma a duas vezes por semana. Quando o pai deu-lhe parte do proximo enlace, rio-se, empinou aquelles gorduchos hombros, mordeu as pontinhas escuras do buço, e foi lêr a Gazetilha do *Jornal do Commercio;* sua distração habitual.

As amigas em chusma pediam-lhe noticias do vestido de noivado, das peças do enxoval, do noivo e da futura residencia. Ella em resposta fallava-lhes da ultima comedia do Gymnasio, dos figurinos do *Jornal das Familias*, da *soirée* do *Club Minerva*, do calor, das dôres de dentes de sua tia etc., etc.

Os amigos, na repartição, cercavam-no com esse ar malicioso e picante com que se dirige a gente de ordinario a um noivo.

Em resposta, elle lembrava-lhes a alta ou baixa do cambio, censurava a irrigação da cidade, desfazia-se em improperios contra o senhorio da casa em que morava, etc., etc.

As amigas d'ella e os amigos d'elle, quando tratavam d'esse casamento, repetiam dogmaticamente:

— Não podia haver melhor escolha! *Foram feitos um para o outro!*

Cazaram afinal! Um dia sempre é um dia! Elle barbeou-se, pôz com mais arte o chinó, envergou a casaca,

enterrou-se dentro de um par de luvas, letra R, e ás seis horas em ponto, estava em casa do sogro.

A madrinha admirava a noiva acondicionando-lhe um caixo rebelde dentro da coifa.

E mirava-a, remirava-a, tornava a miral-a, dizendo, nos intervallos lucidos :

— Como estás bonita!

Ella movia desdenhosamente os hombros, e por desfastio partia as pétalas innocentes d'um cravo de seu ramalhete.

— Até que emfim ! continuou a amavel senhora. Vás ser feliz !

Ella olhou-a de esguelha com um tremendo assômo de cólera e de desprezo.

O sogro, a sógra e os cunhados rodeavam o noivo.

Um apertava-lhe a mão, outro sem querer pizava-lhe o callo, outro tirava-lhe o relogio da algibeira para vêr as horas familiarmente, — vêr as horas em familia !

Elle estava mudo, parvo, aborrecido como uma figura de louça.

— São horas ! Vamos.

Dirigio-se a caravana á egreja. No caminho os convidados empenhando um dialogo animado a respeito dos

noivos, acompanhavam quasi todas as phrases do immutavel estribilho :

— *Foram feitos um para o outro !*

Durante a noite, durante os brindes, durante o chá, a alegria apoderou-se dos convivas em geral.

O sogro, no meio dos seus paternos enthusiasmos, chegou a beber xerez no calix do genro ! Imaginem que alegria ! Sessenta gráos acima de zero !

— Á saúde dos noivos !

— Á sua eterna ventura !

Quem menos correspondia eram os dois. Ella revellava o seu prazer apenas no modo phrenetico de comer *sandwichs*, e elle na soffreguidão com que visitava o arroz de fôrno.

Retiraram-se os convidados. — Era meia noite. O sogro abraçou a noiva, entre lagrimas, e a sógra o noivo, entre soluços.

Elle e ella contemplaram-se iracundos, como dous exercitos belligerantes no momento de travarem o combate decisivo.

A existencia d'elles continúa hoje sob o mesmo aspecto. Elle trata de pôr em movimento commercial as apolices d'ella ; ella gasta os dias á procura de armazens de

fazendas baratas, cujos annuncios devora, á semelhança do chim uma ração de opio.

O mundo tambem, por sua vez, continúa na mesma. E digam que a vóz do mundo é insensata e fatal! Os escravos da casa murmuram que os dous não se estimam, não se querem, não se procuram sequer. A senhora moteja do chinó do senhor; e o senhor ridicularisa os cabellos ruivos da senhora.

É um cazal de anjos!

Porisso, se alguem os vê raramente juntos n'uma *soirée*, n'uma festa religiosa ou n'um fogo de artificio, acotovela o visinho, e designando os dous:

— Repare n'aquelles que ali vão. Será difficil achar no mundo um par felız assim! *Foram feitos um para o outro.*

## BALLADA PARA SER POSTA EM VERSO

A Cecy

Disse-me o anjo: — É aqui. Tu te lamentas, malaventurado, lamentas a desgraça do teu amor, as tuas noites sem somno e os teus pensamentos cobertos de sombras e de amarguras... Goza pois, oh! infeliz capricho! oh! imaginação doente e triste! oh! alma aventureira! Aqui tudo é calmo, tudo é suave, tudo aspira e ascende ás delicias immortaes. Não ouvirás n'estas paragens um só gemido, nem ante os teus olhos debuxar-se-ha o quadro fatal da vida humana em que as torturas do amor terrestre luctam com os extasis dos gozos celestiaes. Ouve o murmurio do regato; ouve! Aspira o aroma das balsas, d'onde gotteja o orvalho como lagrimas de alegria; sorve os encantos da Noite, da Noite mysteriosa, da Noite socegada que vai caminhando...

Por taes delicias has de agradecer-me, amigo. E embora

ao despertares, chovam sobre ti as melancolias da existencia e as settas mortaes da tua desventura, — poderás dizer ao menos que fruiste um momento de prazer sereno e allivio imperturbavel.

Nada aqui te lembrará a realidade. Sê feliz! Sê feliz! Sê feliz!

Desfraldaram-se de manso as brancas azas, e o anjo desappareceu entre os humidos raios da lua.

Onde estava eu? Seria ali dominio ainda da terra ou plaga do Paraiso? Um bemdito aroma de lyrios e rosas soltas enchia a atmosphera. Atravéz da murta suspirava a fonte como uma criança que resomna. O vagalume adejava pensativo por meio das folhas quietas do arvoredo, e o enxame dos mysterios estremecia sobre o tepido e voluptuoso seio da Noite.

Naquella tranquillidade minha alma resurgia de todo; o mundo com os seus horrores, e o coração com as suas chimeras dolorosas, não me perturbavam o abençoado remanso. Meus olhos embebiam-se na pallidez das sombras que me cercavam, e o perfume das violetas descia em vastas ondas até o amago do meu ser.

Era, pois, a suprema felicidade aquillo. — « Deus te recompense, oh! generoso anjo da minha guarda! excla-

mava eu : — a ti que me concedeste por um momento ao menos, a tranquillidade inviolavel da alma! »

A meus pés estendia-se a carinhosa pelucia da relva ; sobre a minha cabeça deslumbrada desciam fluctuantes os consoladores raios das estrellas...

De repente, a aragem mais forte fez curvar no hastil, até então occulto entre as folhas, uma grande açucena orvalhada... Vendo-a, não sei porque meu coração pulsou desabrido, e meu espirito estremeceu, como as azas do passaro aninhado, que adivinha a borrasca.

Eras tu, minha amada, era o teu corpo flexivel e casto, affagado pelas encantadas brisas do amor!... Cuidei ver-te, ali, ao pé de mim, e estendi os braços anciosos... Um murmurio de azas, um murmurio de folhas, um murmurio de fontes, paralysou-me de subito. Evoquei o anjo da minha guarda : — « Aqui nada te lembrará as torturas e os gozos da existencia real. Descança. »

Corriam serenamente as frescas aragens da Noite, e as petalas do lyrio, ao desprenderem-se do galho, exhalavam um extenso e doloroso aroma...

De novo meu ser envolveu-se em melindroso socego. No céo a lua perpassava como uma face divina, pallida de amor e de desejos... Na terra as harmonias selvagens da

natureza, livre das mãos tyrannicas do homem, desabotoavam-se cada vez mais puras e arrebatadoras.

Eu agradecia a Deus o descanço profundo do meu coração, quando...

O horisonte obscureceu-se lentamente; uma estrella apenas quebrava no contorno da nuvem a sua lagrima argentina. A solidão e o silencio rodearam-me por todos os lados.

E as flôres pareciam lançar-se ante os meus olhos; e de suas caçoilas evaporava-se o perfume da vida, do amor, da mocidade e da morte. Atravéz das silvas, o regato soluçava como uma alma desvairada, e o vento, roçando-me a fronte, dizia-me phrases terriveis e medonhos augurios.

As rosas com que ornavas os teus cabellos sorriam diabolicamente para mim; as boninas, irmãs daquellas que mais de uma vez esfolhaste sobre o meu rosto, contemplavam-me silenciosas e crueis... O éco, até então mudo e tranquillo, despertou ao choque das aragens, parecendo-me ouvir, tranzido de amor e de espanto, todas as syllabas do teu adorado nome.

Para enganar-me, recordei ainda as palavras do anjo, e emquanto me esforçava por apagar do espirito as memorias que me perseguiam, e do rosto as lagrimas que me affoga-

vam, a lua rompeu a nuvem e dardejou-me o seu mais doloroso raio...

Ah! aquelle raio da lua, aquelle raio da lua era todo o teu olhar!

## A NOITE DO NAUFRAGIO

Estavamos a vinte milhas da Bahia apenas.

Vinhamos para o Rio de Janeiro. Isto foi em 1869. O vento refrescava aos poucos; eram seis horas da tarde. Corriam de leste para oeste algumas nuvens rapidas e escuras como um esquadrão de corvos esfaimados. O mar estava azul, estava limpido, estava manso como um *king charles*. Eramos quarenta e sete passageiros, pouco mais ou menos. No meio da turma havia um inglez, o Streenly, e um francez, um marselhez — penso eu — Lepage, sugeito gordinho, pequeno, activo, olhos de gato e um sorriso que promettia um excellente velhaco. Senhoras raras; seis a sete, das quaes trez, de uma fealdade impermeavel, e que nos faziam lembrar ali, no infinito mar, em presença da morte, os originaes das harpias do poeta mantuano.

Uma d'ellas, porém, frescalhona, bonita, hombros largos e olhos avelludados, impressionou-nos bastante, durante a viagem. Dizia haver nascido no Egypto em caravana, de-

fronte das pyramides, mas que se educára no Porto. Era levemente pallida, como esse reflexo que o sol de Veneza deixa no marmore de suas estatuas e no collo voluptuoso de suas formosuras.

Chamava-se, creio eu, Rita. Não vem aqui a pello compulsar o kalendario egypciaco para sabermos ao certo se Rita é nome usado no paiz das esphinges. Um homem alto, secco, um tanto condecorado, e totalmente calvo, acompanhava-a com o faro do perdigueiro e a impertinencia d'um marido. Ella possuia cabellos admiraveis. Grande Deus! que cabellos! Dir-se-ia uma floresta virgem entrelaçada em caprichosas voltas, cheia de mysterios e de perfumes. A egypciaca tinha o maior ciume d'esses cabellos adoraveis. A bordo, quando ella apparecia no convéz, de manhã, pela volta das nove horas, em *peignoir* branco ou côr de perola, já de cabelleira enroscada e artisticamente penteada, agitava-se entre todos um suspiro de satisfação, um murmurio de curiosidade, uma brisa de enthusiasmo. O commandante saudava-a de olhos fitos naquelles cabellos negros; os criados, servindo-a á meza, debruçavam-se a ponto de roçarem a barba na cabeça d'ella, — circumstancia a que o homem secco ligava a mais desesperadora attenção! — e os proprios marujos, apezar do rigor da disciplina, e das ordens terminantes do serviço, paravam

embasbacados, presos ao iman dos cabellos da fada, que nos trazia a todos em continua feitiçaria!

Além d'essa passageira notavel, vinha tambem a bordo, com destino ao exercito brasileiro em operações no Paraguay, um tenente-coronel da guarda nacional, filho das Alagôas, militar immenso, de fórma espherica, rosto vermelho, sobrancelhas espessas, vóz aspera, vóz de guerreiro, vóz de Titan! e um certo modo de estalar a lingua e descançar a mão na cintura, que nos aterrorisava solemnemente. Chamava-se, creio eu, Avellar; o tenente-coronel Avellar do 7º!

Por mais de uma vez tentámos conversar com esse guerreiro. Elle, porém, fugia a toda a discussão serena e honesta para nos fallar de suas gigantescas caçadas, de seus pugillatos homericos, sua força muscular e coragem sobre humana. O proprio commandante do vapor — *Tocantins* ou *Paraná*? não sei! um d'elles! — o proprio commandante consagrava o maior respeito á barba cerrada do tenente-coronel e ao seu profundo estylo de matta-mouros. D'uma occasião, ouvimos o Avellar perguntar ao commandante pelo dia da chegada do paquete á côrte. E cravando os dedos na cintura, bradar lentamente como as trovoadas de Dezembro:

— Deus permitta que eu encontre ainda guerra! Estou com uma gana, commandante! uma gana!

Imaginem a tranquillidade que nos inspirava um tal companheiro!

Os outros passageiros eram communs, eram simplices, eram banaes pela maior parte. Um dono de hotel em Pernambuco; um doente dos olhos, que vinha consultar o Dr. Hilario de Gouvêa; uma modista franceza do Ceará; duas familias sem nome, um allemão cujo nome não se póde pronunciar em lingua humana; tres caixeiros de cobranças; alguns estudantes; duas raparigas joviaes, — por signal que horrendas como um pesadello! etc., etc.

Os cabellos da egypciaca faziam no meio d'esse panorama exotico e brutal um claro escuro semelhante ao resplendor suave das azas d'um anjo! Que gentilissima cabeça, oh Mãe santissima! Lembro-me ainda d'uma noite de luar, — um luar melancolico e sombrio — quando sahimos de Pernambuco. Ella estava ao pé do leme, á ré, encostada negligentemente á amurada do vapor, com um vestido cinzento de cauda longa, e um pequenino lenço de cambraia sobre as luxuriantes tranças, a estremecer imperceptivelmente com o halito do vento.

Os marinheiros corriam de lado a lado; o commandante expedia as ultimas ordens em vóz breve e febril; os pha-

róes do Recife e as lanternas do paquete brilhavam na escuridão, como estrellas de fogo. Os olhos d'ella seguiam tudo isso calmos e desdenhosos. A lua parecia divinisal-a, e quando o vapor levantou ancora, e moveu-se surdamente, eu cuidei que ella ia desfazer-se em neblina como as visões d'um cerebro doente, ao toque da alvorada!

No dia seguinte ancoravamos em Alagôas e tinhamos a honra de receber em nosso seio a figura fulminante e heroica do tenente-coronel Avellar do 7º!

Estavamos, pois, a vinte ou trinta milhas longe da Bahia. A noite descia sobre as ondas, e o mar, até então sereno, arfava espumando de encontro á quilha do navio. Em varios grupos fallava-se de tudo, ria-se, elogiava-se a utilidade dos telegraphos e do vapor, criticava-se, applaudia-se, fumava-se com a segurança de passageiros que nada têm a temer.

O Avellar, depois do chá, desceu para o seu beliche, sempre com aquelle ar feroz de Orlando nacional, e uma fórma sinistra de equilibrar o corpo oscillante com os movimentos do paquete.

A egypciaca já se havia recolhido ha muito. Em seguida porém, os passageiros foram descendo, um atraz do outro, até que ficámos sós no tombadilho: eu, o Lepage, embrulhado n'um espesso capote, e tres a quatro amigos do sereno,

que preferiam o ar frio da noite ao calor abafadiço do camarote.

O mar inchava de quarto em quarto de hora; as nuvens negras cobriam as estrellas e desciam até os pharóes do navio como a aza d'um agouro. O commandante passeava com as mãos nos bolsos e o queixo enterrado n'uma capa de oleado relusente. Vencidos pelo sereno, acariciados pelo monotono jogo das vagas, eu e os outros passageiros dormimos afinal.

Era mais de meia noute quando acordámos amedrontados. O paquete estacára de subito; luziam os relampagos, rasgando a athmosphera pezada e humida; o mar uivava como um furioso, e ao longe ribombava o trovão, cercado de coriscos e de raios.

Os marinheiros abalroavam-se, o immediato transmittia em vóz estridente, ao marinheiro do leme, as ordens do commandante; ferravam-se vellas com uma rapidez violenta, e as baforadas do vento augmentavam de volume e de furor.

Os passageiros sobresaltados subiam para o tombadilho; uns com calças no hombro e meias na mão; outros embrulhados em colchas; aquelle de bonet branco e paletot preto; aquelle outro, com uma perna da calça enfiada e a outra no braço; uma senhora mettida na sobrecasaca do marido;

e todos a fallarem, a gritarem, a perguntarem, a tremerem, que era para fazer debandar d'um hospicio os loucos espavoridos!

No melhor do susto, fomos surprehendidos por uma scena inesperada. Vimos á luz da lanterna que aclarava o quadro, subir em primeiro lugar a bella egypciaca inteiramente calva! sem um fio só de cabello! — Na confusão ella os esquecera! — a infeliz! — E de todas as boccas voou um grito de espanto, de motejo, de admiração incomparavel! A formosa Rita vinha aos trambolhões pelas escadas acima como um masso de cordas ou um pacote de roupas... menores.

Immediatamente, appareceu-nos a figura do tenente coronel do 7º, fardado, fardado até o pescoço e de espada desembainhada! Os olhos do homem saltavam como duas brazas fóra das orbitas; gesticulava desabridamente com o braço esquerdo, e cutilava o ar em todos os sentidos, grunhindo d'um modo cavernoso e secco.

O commandante reclamava silencio inutilmente; o homem do leme mal conseguia ouvir o immediato, os criados somnolentos escancaravam a boca e os olhos, á porta da camara.

O Avellar a quem debalde os passageiros procuravam acalmar, estrebuchava, desfechando pelo ar cutiladas sobre cutiladas, e afinal, victima d'um espasmo, — victima do

medo, pobre homem! do medo! estendeu-se a fio comprido no tombadilho, em risco de pulverisar as dragonas.

A egypciaca desmaiara nos braços do inglez impassivel, e quando o paquete conseguio sem a minima avaria continuar a viagem, os marinheiros riam, ria-se o commandante, ria-se o immediato, riam-se os criados, e o Lepage, envolvendo-se novamente no seu espesso capote, murmurava entre dentes:

— Bah! Voilà un naufrage pour rire!

## NO INTERVALLO D'UMA QUADRILHA

— É por isso, minha senhora, que ninguem se entende mais n'esta famigerada Babel da sociedade em que as melhores cousas: o amor, a graça, a belleza, a virtude, a honra, a velhice e o talento, tomaram um aspecto novo, graças ao vocabulario, ao estylo, aos qualificativos de que se serve o mundo actual, para distinguir as pessoas e os factos!

Dizem os velhissimos representantes da edade de ouro que n'aquellas memoraveis épocas — hoje tão mal lembradas! — um gato era um gato e um gatuno um gatuno era. Foram os nossos avós os genuinos inventores da celebrada phrase: — pão, pão, queijo, queijo. E, a darmos credito ao que presentemente nos contam alguns personagens do seculo passado, — ruinas de capitães-móres e cabos de milicias! — quando alguem esbarrava em plena sala, com o amigo do alheio, cuspia-lhe na cara o opitheto — ladrão! e não havia mais satisfações a dar senão á... policia.

Com o andar dos tempos modificou-se o genero humano, e transformou-se o mundo social. As modistas descobriram as anquinhas, as largas saias, os acolchoamentos... discretos; e a diplomacia das salas tratou de fazer concurrencia com as costureiras, pondo em circulação uns pretextos, umas anquinhas, uns acolchoamentos especiaes, no intuito de modificar os defeitos moraes dos outros, e imprimir mesmo um certo chiste ás incorrecções da natureza.

A belleza cedeu o lugar á *sympathia;* o roubo ao *desvio;* o insulto á *leviandade;* a caturrice ao *cacoete senil;* a falsificação á *habilidade;* o assassinato aos *momentos de colera;* o casamento á *especulação;* o esbanjamento ao *bom gosto*, e a deshonra ao *namoro*!

Pobres artistas! pobres pintores! pobres estatuarios sublimes! Onde estão as vossas creações ideaes! A tua Fornarina, oh loiro Raphael? as tuas camponezas, oh Poussin? os teus traços energicos, violentos e puros, oh Rembrandt, alma gentil que reflectias em um milhão de prismas os encantos celestiaes?

O seculo já não comprehende Canova, nem Phidias, nem Praxiteles. V. Ex. ri-se? A photographia derrubou Calamatta, e a cabeça pintada, mosqueada, caricaturada d'uma *cocotta*, attrahe mais attenções e enthusiasmo do que a

humida fronte de Venus saltando das espumas e da téla inspirada!

O postiço entrou na ordem do dia, e o melhor meio de uma pessoa ser a *propria*, é ser outra totalmente diversa.

A moda é a mulher, e o homem é a moda. Fulano de tal usa bigode negro porque o possue ruivo; Sicrana de tal anda pela rua em passinhos miudos e ligeiros, justamente porque a natureza obriga-a a caminhar de vagar, com pausa, sem affectação e sem esforço.

Como encontrar agora o elemento masculino? o elemento feminino. .? O elemento? .. Oh! esse é o que se expande em todos os sentidos! O elemento *neutro* está no galerim da fama!

Com o espirito dá-se o mesmo que se dá com o corpo. O espirito propenso á pratica singella das grandes acções mascara-se em honra á sociedade a que pertence; a indole rebaixa-se por conveniencia; os nobres instinctos envenenam-se por gloria. Ha quem tenha impetos de deixar cahir na escudella d'um mendigo uma abençoada esmola, e no entanto, não o faz... porque o mundo, porque a moda, por que o *bom tom* estão olhando!

Aquelles movimentos graciosos e castos das donzellas, tão decantados nas cantigas pastoris, vão desapparecendo a trote de gigante. A pudibunda face de Virginia afoga-se

sob o carmin e o pó de arroz *à la maréchale*; o doce olhar de Julieta ennevoa-se coado pelos vidros d'um *pince-nez*, e a alva mão, a mão palpitante e meiga de Ophelia, estrebucha aprisionada entre as dobras d'uma luva de Jouvin, que rescende a feno e a violetas de Parma.

Mas as modistas sorriem; quebram os capitalistas; mercadejam-se os noivados, e a ordem reina em Varsovia!

Perdôe-me V. Ex. Eu sou filho da musica como a salamandra é do fogo; ouvindo os sons d'esta orchestra admiravel, sinto-me duplamente parlador. Se não a incommodo...?

— Absolutamente nada.

— A sociedade acompanha pois, os vôos da moda sem ceder-lhe um passo, como aconteceu com os exercitos francezes e prussianos na ultima guerra.

Para a mulher que cae, para o homem que se infama, para a familia que se ennodôa, ha sempre uma explicação plausivel, em attenuação á imperdoavel falta! Ninguem diz que alguem — trata-se, já se sabe, de pessoas altamente collocadas! — que alguem praticou um crime perante a humanidade e perante Deus. Diz-se apenas que se *desviou* esse alguem; diz-se que esse alguem *tem a cabeça abrazada e um poucochinho de leviandade*!

Os homens ganham por sua vez no vocabulario excen-

trico extensa cópia de liberalidades. Um titulo comprado vale duas vezes — pelo titulo em si e pela quantia desembolçada! — uma palavra menos galante repetida ao ouvido d'uma senhora honesta é *prova de estroinice*, e um moço indigno, um moço perverso, fementido, *grego* ao jogo, anathema vivo contra a religião, contra a familia e contra a sociedade briosa, — é um miseravel, é, é um perfeito miseravel, mas é um *bom moço*!...

Releve-me V. Ex. este sermão fóra da quaresma. Aprazme conversar com um espirito superior e uma alma rara como a de V. Ex., no meio d'estas luzes, d'estas flôres, e d'estes enganos do baile a que poucas naturezas resistem.

E o baile, de que não haviamos fallado ainda! Haverá distracção mais cruel, mais terrivel e fascinadora do que o baile? Estes decotes... aquelle por exemplo, minha senhora! repare! tão contrarios ao recato do pudor e ao singello mysterio da formosura! E a dança? Não me refiro de certo á quadrilha franceza, que é um engenhoso meio de se educar o gosto e aperfeiçoar o estylo, é um cumprimento, um passeio, uma agradavel excursão em que nada nos atropela a não ser ás vezes a semsaboria de alguns pares. Refiro-me á valsa, minha senhora, á valsa — invenção do demonio, — como o affirmou lord Byron, — a valsa, novo genero de loucura, por intermedio do qual os mais

pudibundos encantos da virgem são quasi maculados, e o desconhecido, o saltimbanco, o libertino, sente-se com direito de unir ao peito brutal a nossa noiva, a nossa irmã, symbolo de nossos respeitos e do nosso amor!

Quantas bellezas, porém, não resistem sobranceiras á estupida provocação d'essa dança maldita!

E eu admiro-as, como admiro a V. Ex.!... Emquanto os outros, os loucos, os criminosos, voam no turbilhão, á semelhança de alienados, que escapassem ás enfermarias do hospicio, ellas envoltas nas gazes e nas sedas, repouzam tranquillas, como a lua atravéz da tempestade, e a virtude por cima das miserias humanas... Oh! nem de proposito! Parece-me que a orchestra...

— Perdão; eu tenho par para esta valsa.

FIM

# INDICE


| | PAG. |
|---|---|
| José Maria da Silva Paranhos Junior . . . . . | V |
| Prefacio . . . . . | VII |
| Philippina . . . . . | 5 |
| O nome do menino . . . . . | 13 |
| Dia de finados. . . . . | 27 |
| Dous dias em Petropolis . . . . . | 33 |
| Memorias eternas. . . . . | 85 |
| A noiva. . . . . | 87 |
| A Hospedaria. . . . . | 103 |
| João Oldr . . . . . | 109 |
| Epitafio. . . . . | 117 |
| Os noivos de Florentina. . . . . | 419 |
| Carta dirigida á Exm. Sra D M*** . . . . . | 125 |
| O poeta Serapião. . . . . | 135 |
| Conto da Carochinha . . . . . | 141 |
| Uma operação. : . . . . . | 145 |

PAG.

Memorias de um suspiro . . . . . 151

Homero. . . . . 159

A cara do sujeito . . . . . 173

A promessa de Marcolina. . . . . 181

A verdade e as mentiras . . . . . 201

A Mucama. . . . . 203

Feitos um para o outro. . . . . 217

Ballada para ser posta em verso. . . . . 223

A noite do naufragio . . . . . 229

No intervallo d'uma quadrilha . . . . . 237

FIM DO INDICE

Typ. Franco-Americana, rua da Ajuda n. 18.

### Bernardo Guimarães

O Seminarista, romance brazileiro. 1 v. in-8º enc. 3$, br 2$000

O Ermitão do Muquem, ou a historia da fundação da romaria do Muquem, na provincia de Goyaz, romance de costumes nacionaes. 1 vol. enc..... 3$000

Lendas e Romances: Uma Historia de Quilombôlas, a Garganta do Inferno, a Dansa dos Ossos. 1 v. br. 2$, enc..... 3$000

Cantos da solidão, poesias. 1 v. enc..... 6$000..

O Garimpeiro, romance. 1 v. em 8, br. 2$, enc..... 3$000

Historias e Tradicções da Provincia de Minas-Geraes: A Cabeça do Tiradentes, A Filha do Fazendeiro, Jupirá.. 1 v. enc. 3$000, br..... 2$000

### Machado de Assis

Contos Fluminenses, contendo: Miss Dollar, Luiz Soares, A mulher de preto, O segredo de Augusta, Confissões de uma moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva. 1 v. enc..... 3$000

Chrysalidas. Poesias. 1 v. in-8 br. 2$, enc..... 3$000

Phalenas. Poesias. 1 v. enc. 3$000

Resurreição, romance, 1 vol. br-2$, enc..... 3$000

### Moreira de Azevedo

Os Francezes no Rio de Janeiro, romance historico. 1 v. in-8º enc. 3$000, br..... 2$000

Lourenço de Mendonça, romance historico. 1 v. enc. 3$, br. 2$000

Mosaico Brasileiro ou collecção de ditos, respostas, pensamentos, epigrammas, poesias, anedoctas, curiosidades e factos historicos de brasileiros illustres, 1 volume in-8º enc..... 3$000

Criminosos Celebres. Episodios historicos. 1 v. in-8º, enc. 3$. br..... 2$000

### A. A. de Pascual

A Morte moral. 4 v. br. 8$000, encadernados..... 12$000

### Teixeira e Souza

Maria ou a Menina roubada. 1 v. enc. 2$500, br..... 2$000

O Filho do Pescador. 1 volume, enc. 2$500, broc..... 2$000

### J. Norberto de S. e S.

Romances e novellas. 1 v. br. 3$000, enc..... 4$000

Brasileiras celebres. 1 v. in-8º enc..... 2$000

Flores entre espinhos. Contos poeticos. 1 v. in-8 enc... 2$000

### J. M. Pereira da Silva

Gonzaga, Poema. 1 vol. in-8 enc..... 3$000

Jeronymo Côrte Real. 1 v. encadernado..... 3$000

Manoel de Moraes. 1 v. br. 2$000, enc..... 3$000

### A. Zaluar

Contos da roça. 2 v. br... 2$000

Revelações. Poesias. 1 v. in-4º enc..... 5$000

Peregrinações pela provincia de S. Paulo. 1 v. in-4º enc... 6$000

### Alex. Dumas

Aventuras de Lyderico. 1 volume in-8º br..... 600

Historia de um Morto. 1 volume in 8º..... 600

Sophia Printemps. 2 v. enc. 3$000 br..... 2$000

Mademoiselle de Belle Isle, drama. 1 v..... 1$000

### Ponson du Terrail

O Capitão dos Penitentes Negros, romance. 1 v. in-4º encadernado 2$000, br..... 1$000

### Paulo de Kock.

A Noiva de Fontenay-das-Rosas, romance. 1 vol. em 8º, broch. 2$ enc..... 3$000

Carotin. 3 v. in-8º br..... 3$000

Galucho. 4 v. br. 4$000, enc. 6$000

Paulo e seu cão. 8 v. br.... 4$000

### E. Gaboriau

Desmoronamento. 4 v. in-8º, encadernados 12$000, br..... 10$000

**Octavio Feuillet**

JULIA, romance. 1 volume in-16, enc. 1$500, br..... 1$000

**Eugenio Sue**

A INVEJA. 1 v. in-fº brochado 4$000 endernado ..... 5$000
A IRA. 1 v. in-fº br. 2$000, enc. 3$000
A SOBERBA, 1 v. in-4 br. 6$000, enc..... 8$000

**Emm. Liais**

SUPREMACIA INTELLECTUAL DA RAÇA LATINA, resposta ás allegações germanicas. Versão de Abranches Gallo. 1 v. in-8º br. 2$, enc. 3$000

**Dumas (Alex. Filho)**

O HOMEM-MULHER. 1 v in-8º enc. 2$000, br..... 1$500

**A. Esquiros**

HISTORIA DOS MARTYRES DA LIBERDADE. Versão de A. Gallo. 2 v. in-4º. enc. 10$000, br... 8$000

**J. R. Pires de Almeida**

TIRA DENTES OU O AMOR E ODIO, drama historico em 3 actos..... 1$500

**E. de Mirecourt**

A ULTIMA MARQUEZA. 1 v. in-8º br. 1$, enc..... 1$600

**Victor Hugo**

HOMENS DO MAR. 3 v. in-4º, enc. 3$, br..... 2$400

**A. C. Louzado**

RUA ESCURA! Tradição portuense. 1 v. in-4, enc..... 3$000
OS TRIPEIROS, romance. 1 v. in-8º enc. 1$600, br..... 1$000

**Max Valrey**

MARTHA, romance. 3 v. enc. 4$500 br..... 3$000

**X. de Montépin**

UM DRAMA NAS MONTANHAS. 1 v. brrochado..... 1$000

**H. Crémieux**

ORPHEO NOS INFERNOS, opera bufa em 2 actos e 4 quadros, musica de M. Jacques Offenbach. 1 v. br..... 1$000

**V. Valmont**

O ESPIÃO PRUSSIANO, romance historico inglez, resumindo os principaes acontecimentos da guerra oranco-Prussiana; traduzido por F. Colonna. 1 gr. v. in-8º br. 2$000, enc..... 3$000

**J. F. Freire**

A PAIXÃO DE OLYMPIO. 1 v. enc. 1$500, br..... 1$000

**L. C. M. Penna**

O NOVIÇO, comedia 3 actos. 1 v. br..... 1$000

**Méry**

RAFAEL E A FORNARIA, novella. 1 v. em 4º br. 800 rs., enc.. 1$500

**A. Dumas e A. Maquet**

O CAVALHEIRO DA CASA VERMELHA, drama em 5 actos e 12 quadro. 1 v..... 1$000

**A. Feliciano de Castilho**

MEDICO A FORÇA, comedia á antiga de **Molière**, trasladada para o portuguez. 1 v..... 2$500

**Camillo Castello Branco**

ANATHEMA, romance. 1 v. encadernado..... 2$500
DOZE CASAMENTOS FELIZES. 1 v. enc..... 2$500
DUAS HORAS DE LEITURA: Dous santos não beatificos em Roma, De Porto á Braga. 1 v. br. 1$000, enc..... 2$000

**Molé Gentilhomme**

JOANNA DE NAPOLES, romance historico. 1 v. in-4 br. 2$000, encadernado ..... 3$000

**P. Féval**

A LOBA. 3 v. in-4 br.... . 3$000

**Fiévée**

O DOTE DE SUZANINHA. 1 v. b. 5$000

**A. P. Corrêa Junior**

DA CÔRTE Á FAZENDA DE SANTA-FE. Impressões de viagem 1 v. br.

**Cl. Robert**

O MARQUEZ DE POMBAL. 1 v. brochado 1$000, enc..... 1$500

Typ. *Franco-Americana*, rua d'Ajuda, 18 — 1872.

MAR 1 1934

LIBRARY OF CONGRESS
0 021 100 929 9